

M.A.O.  
BIANCA

A VIDA  
DENTRO DA VIDA



KÓPYON

“A VIDA DENTRO DA VIDA” é uma obra incomparável. É o relato do aprendizado de Bianca sobre a realidade do mundo espiritual. Não se trata, entretanto, de uma obra mística. Desde os primeiros capítulos se vê que a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência abre para a autora o acesso a um outro mundo e, dentro dele, há uma outra vida, nos quais ela começa a ter seus primeiros contatos com aquilo que existe nesse mundo e nessa vida.

A realidade do mundo espiritual não lhe é apresentada de forma mística. Ao contrário, a leitura atenta desta obra de Bianca nos mostra as próprias origens do misticismo, pois explica porque no próprio mundo espiritual o misticismo é praticado.

Este é o segundo livro de Bianca. O primeiro, “As Possibilidades do Infinito”, é o relato de contatos do terceiro grau nos quais Bianca aprendeu com o extraterrestre Karran a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência. Neste segundo livro a autora relata como praticou a técnica e onde isto a levou. Isto não quer dizer que todos os participantes da “Técnica” trilharão no mundo espiritual os mesmos caminhos percorridos pela autora. Os relatos de seus alunos publicados em “A Vida dentro da Vida” mostram isto claramente. Cada um segue caminhos que estão ligados aos seus objetivos, à sua necessidade ou à sua história pessoal.

No caso da autora, e ela o diz explicitamente, seu aprendizado tinha que ser acelerado pois ela havia começado a ensinar a “Técnica” a terceiros.

Mesmo assim, o caminho por ela trilhado pode ser percorrido pelos seus alunos, cada qual com as suas próprias características mas sem pressa.

“A Vida dentro da Vida” nos fala de hospitais que existem numa realidade paralela à realidade material. Eles têm várias finalidades mas uma delas sobressalta: recuperar as pessoas que perdem seus corpos – de seus sofrimentos materiais.

Outro aspecto a ressaltar tanto no relato de Bianca como no de seus alunos é o fato de que a vivência do mundo espiritual só é plena quando a consciência é plena fora da matéria, ou seja, fora do corpo físico. Assim, este livro pode ser visto como a continuação da primeira obra da autora onde o extraterrestre Karran diz: “Saia de tua

matéria e verás que tu és a mente que pode ver, sentir, aprender e raciocinar, então poderás entender que a matéria é somente uma parte sua e não totalmente você”.

“A Vida dentro da Vida” é a própria realização das palavras de Karran. E isto tanto para a autora como para os seus alunos que também participam da obra.

O leitor verá por si próprio que a vida que existe dentro da vida está no mundo espiritual que é um mundo ao qual podem ter acesso todos os que se dedicam sinceramente à Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência.

*Cícero Dias*

## PREFÁCIO

*Por Dr. Rosenberg Fonseca, o amigo.*

Falar sobre uma obra não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se trata de Bianca, comunicando um pouco mais de suas experiências vividas após seu contato com Karran. Este livro é um pouco menos do que ela sabe, e tenta legar à humanidade em seu maravilhoso trabalho.

É a continuação da história que revolucionou sua vida emocionalmente e na prática diária, após o que lhe foi dado por este irmão de outro sistema solar. Ele sabia sem dúvida de todas as consequências de seu ato quando a ela disse: vou lhe dar o melhor presente que possa ser dado a alguém na Terra. Então creio que falar sobre este livro, nada melhor do que falar sobre Bianca, e um pouco destes 12 anos de convívio que com ela desfruto.

Como médico exercia a função de psicoterapeuta quando a conheci em 1978. Como homem de ciência percorrendo os maravilhosos conhecimentos da sabedoria ocidental, estava nesta época também já mergulhando no conhecimento da sabedoria oriental e aperfeiçoando meus estudos em parapsicologia. O que me mobilizava na busca do oriente era o fato de que após muito pesquisar as terapias ocidentais, passei a sentir e perceber nelas certas limitações, sendo a proposta oriental mais ousada quando afirma que o “tudo bom existe” (eu só ensinei duas coisas: o sofrimento e seu fim - Buda - ). Assim estudei emocionalmente Krishna, Jesus, Buda, Lao Tsé, Gurdjieff, Krishnamurti, Blavatsky, Rajneesh e outros, durante os últimos 12 anos ao mesmo tempo em que acompanhava Bianca.

Em 1978 tive notícia de Bianca e seu curso. Eu e mais dois colegas psicoterapeutas nos propusemos a praticar a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência. Estávamos na posição comum de quem busca Bianca: Pagando para ver e crer. Com todo o critério científico. Ousadia e prudência. Nessa época eu sentia e

intuíva que não havia conhecimentos religiosos ou científicos que contivessem toda a verdade, pois o conhecimento em toda a história da humanidade esbarrou e esbarra sempre com a limitação da barreira da morte. Parece-me que desde criança intuía isto. Então ali estava para nosso espanto uma oportunidade única e jamais oferecida de forma tão popular para ultrapassar esta barreira, como um ponto de partida para a conquista da Autoconsciência.

Constatee que a morte não existe. Aconteceu, e ali estava eu perplexo com a veracidade diante da maior aventura de um ser humano em uso de matéria. Assim meu processo de confiança em Bianca tomou novas dimensões. Comecei a conhecê-la melhor. Toda uma revolução emocional ocorreu comigo a partir daí e consecutivamente nesses últimos 12 anos, assim como aconteceu com Bianca e muitos outros. Deixo para o leitor imaginar que transformações seriam estas. Então falar de um livro de Bianca é para mim fundamentalmente dizer sobre ela.

Bianca é a Índia, a criança, Bianca é verdade, simplicidade, honestidade, respeito ao seu semelhante. Bianca é Amor com A maiúsculo. Um amor pelo semelhante que ela aprendeu cada vez mais através dessas vivências. E só sendo criança, Índia, qualidades de quem aprende sem intelectualizar, sem competir, que OUVI e VÊ. Podemos assim compreender porque nós, homens de ciência ou autoridades de diversos tipos, não seríamos escolhidos por “eles” para este trabalho. Assim Bianca é humor, paciência, verdadeira humildade. Ela é respeito à individualidade de cada um. Para ela todos são iguais embora específicos. Não se fantasia de guru! Está alerta aos males da força hipnótica! Bianca é chopp na mesa! Cigarro para pitar! Bianca é ingênua sem ser! Eles a querem assim, sempre, para aprender sempre mais e mais... e ela sabe... e tem a proteção que nenhum ser humano é capaz de imaginar.

Bianca é uma Piada Divina!

Ao leitor cabe sentir, ver, e tirar suas conclusões próprias. Por isto aqui silencio. Dei os sinais.

A vida não comporta preguiça, braços cruzados, à espera do milagre! Aí está o livre arbítrio. Semeadura e colheita. O caminho é sabedoria. Conhecer Bianca é Ter uma nova resposta para a maravilhosa obra de Allan Watts: O sentimento de insegurança.

Mas é impossível conhecer Bianca sem sair da própria matéria, pelo menos por uma só vez! Bianca apresenta um Caminho Novo na sua forma de execução, a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência, sem o hermetismo “prudente” dos orientais, que traçou tanta inconsciência nos povos através da história, obrigando o advento da psicanálise, com Freud e tantos outros gênios, que vieram para o início de uma nova era.

Bianca continua este caminho com a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência. E sem fanatismos! Pois bem sabe que Heráclito soube quando afirmou: o fanatismo é o mal sagrado. Ou quando Buda dizia: estão dormindo! Ou quando Lao Tsé sorria dizendo que as pessoas se acham tão espertas que eu devo parecer um tolo! E assim tantos outros... Sim o ser humano tem a mania de as fanatizar.

Bianca cumpre seu trabalho como ela mesma me disse enfaticamente: faço por paixão, por Amor à verdade! Por isto enfrento as turbulências... Gostaria de ir encerrando este prefácio com uma piada: ela nasceu na terra do pai da aviação! Eleita para ensinar o vôo da alma!

Obrigado Bianca. Obrigado por TUDO que a todos dá sem discriminações. Obrigado pela honra de prefaciá-lo este seu segundo livro.

## APRESENTAÇÃO

Dra. Elizabete Pinheiro.

Nesta obra, Maria da Aparecida de Oliveira, a Bianca, transmite ao leitor a sua experiência fora do corpo físico de maneira simples, clara e objetiva. Relata o aprendizado de vários anos trabalhando com a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência. Os encontros nas dimensões extrafísicas com o seu instrutor, a quem ela chama carinhosamente de professor, os ensinamentos de Karran e a experiência dos alunos com a Técnica.

Com grande dedicação e amor, procura mostrar a importância da experiência fora da matéria, para todos aqueles que aspiram à autêntica revolução interior, autoconsciência nos dias de hoje. É portanto um livro escrito para a “Nova Era” – a chamada Era de Aquário, que já se iniciou.

Entende-se por Nova Era, a mudança radical na consciência das pessoas, delimitando um tempo nem tanto cronológico. Significa que a humanidade passa de um estágio para outro no desenvolvimento da sua consciência, dentro do imensurável universo que é cada ser humano.

As energias de Aquário são de síntese, favorecem a consciência de grupo, a união entre as pessoas, a vivência do outro como semelhante, o amor altruísta, impessoal, o conhecimento pela vivência, a abertura interna do homem para se religar com todo o universo e reconhecer este universo em si mesmo. Da mesma forma é chagado o fim da manifestação das energias da Era de Peixes, que objetivava o trabalho e a consciência individual, o plano pessoal, o dualismo, a separatividade, o misticismo. Restando-nos o conflito, nesta época de transição, na qual a humanidade não sabe como se situar dentro desta nova realidade.

“A Vida Dentro da Vida”, escrito em linguagem do dia a dia, vem mostrar que a verdadeira sabedoria é a simplicidade do estar aprendendo, expressa no relato de suas

experiências, sem dogmas, idolatrias ou qualquer mistificação. Vivemos numa época, em que ainda são criadas diversas ordens esotéricas, seitas, religiões, etc..., o que tem a sua importância nas condições atuais do planeta. No entanto, Bianca, propõe uma técnica física simples, apenas como ponto de partida fundamental para o trabalho da autoconsciência.

Como vencer o medo da morte e ter a consciência desperta fora da matéria! Deixamos claro que não há mestres a quem seguir, escolas ou religiões, como acontecia na Era de Peixes.

Pensar em seguir algo, é ainda o pensar auto-hipnótico; há que se trabalhar efetivamente sobre si mesmo para adquirir a autoconsciência. Cada pessoa tem o seu próprio ritmo, o ritmo é o caminho, na medida em que cada um percebe as suas condições e dificuldades. Sejam elas de natureza física, emocionais, quanto ao discernimento, ou em qualquer outro aspecto, para ir ampliando a consciência e se libertando da auto-hipnose e da hipnose coletiva.

A obra em si, é a expressão do verdadeiro amor ao semelhante, no ato de testemunhar a si mesmo e à própria vida. Comunicando sem barreiras, sem hermetismos, revela de forma extraordinária o sentido da “Nova Era”. A época de uma nova raça sobre o planeta, que somos nós mesmos, caracterizada pelo amor ao outro como semelhante. Além do desejo sincero de que todos conheçam a realidade deste amor que existe em outras dimensões.

Foi escrita, portanto, para todas aquelas pessoas que lutam para despertar do sono hipnótico no qual vivem, que é a causa do sofrimento humano. Os medos e as inseguranças têm suas raízes no fato do homem ter perdido a comunhão consigo mesmo na totalidade do seu ser. E igualmente perdido a consciência de que é um com o universo e não parte “desligada” do todo universal. Ter a consciência adormecida, que é o desconhecimento de si mesmo e de seu infinito potencial, exatamente por não ter a experiência de que a sua existência é eterna.

Não é suficiente acreditar que somos algo mais do que o corpo físico, é necessário ter a experiência deste fato, a consciência desperta na matéria e fora dela, em processo de continuidade. A vivência emocional de que a morte não existe, através da consciência desperta em outras dimensões além do plano físico, erradica o medo e amplia de forma

revolucionária a percepção humana, para aqueles que têm a felicidade de experimentar, no ato de buscar na continuidade deste processo, a sua libertação.

Obrigada Bianca, Namastê\*...

*\* O Deus que está em mim saúda o Deus que está em ti.*

## APRESENTAÇÃO

Por Rotilde Caciano de Almeida.

Ao fazer esta apresentação, a pedido da Bianca, sinto-me honrado em poder transmitir aos leitores o que penso e o que em parte conheço por experiência própria, nesta trajetória, que a Bianca descreve como sua vivência no mundo extrafísico.

A experiência vivida é o argumento de Bianca em seus escritos, tanto em “As Possibilidades do Infinito”, como agora em “A Vida Dentro da Vida”. Os que, de algum modo, dão seu testemunho junto com Bianca, também partem da própria experiência, pois no conhecimento do mundo extrafísico, não há outra maneira de transmitir a certeza sem cair na mistificação e no embuste.

O conhecimento prático do mundo extrafísico nos fornece o caminho direto do saber e da verdade, clara como a luz em sua máxima pureza, e evidente, por si mesma, como a própria realidade. As grandes verdades são astros que se descobrem do observatório do mundo extrafísico, no firmamento da autoconsciência. Simbolicamente a luz se representa a nós, no mundo físico, pelo amor. Na prática a luz é vista pela mente no contato direto com a verdade, cuja duração se conta pelos séculos de existência do ser humano.

Dentre todos os caminhos, sempre tortuosos, que conduzem à certeza, um único existe que é reto, absoluto e certo: a autoconsciência.

A Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência dá a Bianca a possibilidade de relatar com segurança tudo o que nesta obra está escrito. E dá também, a quem colocar tudo isto em dúvida, a mesma possibilidade, concreta, cristalina, imediata e sem meias palavras. Este é um livro pleno de coragem de investidas drásticas no mundo dos desconfiados. É uma espada cortante no campo do ceticismo. Este livro representa a morte da incredulidade e da credulidade simultaneamente, pois o que não crê deseja ver com os próprios olhos e a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência é o caminho para esta visão direta do real. E o que crê, crê porque ainda não viu, pois a

crença é a fé no invisível, e aqui está o caminho, não para o abandono da fé que cada um possui, mas para a sua plena e total confirmação, sem que para isto tenha-se que perder o corpo físico. Este é o fato mais espetacular que impulsiona as indagações mais ocultas e temerárias do entendimento humano, na busca das verdades supremas e do infinito existir, sem limites e sem entraves.

Ante a autoconsciência, toda a ciência humana não passa de sombrio labirinto de incertezas. Conhecer o mundo extrafísico é sair da circunscrição da realidade próxima e sensível, é dilatar-se na infinitude do tempo e do espaço e transcender o destino do planeta, que há milênios, constitui o domicílio do homem no universo.

O caminho certo da emancipação da mente humana é o “conhece-te a ti mesmo” e sua realização dá-se somente com o domínio da matéria que é conquistado com a “Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência”.

O relato de Bianca, neste livro, exprime as verdades mais transcendentais na linguagem mais simples do intrincado mundo literário.

Ao leitor não peço bondade, nem ironia, nem credulidade, nem contestação, porque neste contexto, nada disto tem cabimento. Solicito, apenas, que o leitor tenha coragem. Coragem para desvendar, por si próprio, o encantado mistério do mundo extrafísico, já que para isto, a própria Bianca apresenta os meios práticos e diretos fornecidos por Karran. Se esta coragem, o leitor não a encontrar em si próprio, dê tempo ao tempo, pois talvez ainda não seja a hora de empreender esta definitiva caminhada no infinito e no eterno, aqui, e agora!

## APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Depois do meu primeiro contato com Karran, tive a oportunidade de conhecer vários grupos. Cada um deles tinha conceitos e princípios formados sobre o que seria o mundo espiritual. Esta variedade de informações a que tive acesso só fez aumentar minha necessidade de descobrir, de buscar uma relação mais ampla entre mim e este mundo, até então desconhecido para mim. A princípio, algumas explicações chegaram a me fascinar, como por exemplo, a espiritualização que tem por objetivo a integração com Deus. Integração esta, tão grande, que o ser humano passaria a fazer parte do próprio Criador. Também conheci outras explicações que tem como objetivo a mesma integração com Deus, porém enfrentam uma barreira, na minha maneira de ver, intransponível: o corpo físico. O corpo físico é a barreira que os separa de Deus, pois, para eles, o ser humano está na matéria, e, por isso, está sujeito a todo tipo de tentação que o desvia de seu propósito maior, a plenitude. Mas, ao mesmo tempo, eu também tinha as seguintes explicações de Karran:

“O Criador se manifesta pela própria criação. Sai de tua matéria e verás que tu és a mente que pode ver, que pode sentir, aprender e raciocinar, então, poderás entender que a matéria é somente uma parte tua, e não totalmente você”.\*

Estas palavras de Karran foram e continuam sendo, para mim, a chave que abre as portas da autoconsciência, da busca constante de mim mesma, da tentativa de entender o ser humano, e principalmente, do entendimento de que a matéria não é o obstáculo que nos separa do princípio máximo da criação. Isto foi facilmente percebido por mim quando comecei a ter meus primeiros contatos com esta nova realidade: o mundo espiritual.

É bom lembrar que não quero e nem pretendo discutir a fé ou a coerência dos grupos que aqui existem, sejam eles de caráter religioso ou não, principalmente depois de ouvir de Karran que a fé e a religião são as únicas coisas que ainda controlam o nosso instinto animal. De acordo com Karran, nós, seres humanos terrestres – mente, energia ou espírito – dê-se o nome que se quiser, ainda não controlamos nossa matéria, mas

somos controlados por ela. Segundo Karran, a única maneira de conseguirmos nos libertar deste domínio é impor ao nosso corpo, através de um processo físico, um aumento dos impulsos cerebrais, e, conseqüentemente, o aumento da freqüência e da vibração cerebral.

Portanto, neste trabalho, me limitarei a relatar experiências minhas e de meus alunos, experiências estas que só nos foram possíveis após praticarmos o conjunto de exercícios ensinados a mim por Karran.

*\* O Karran falou tu, mas a autora mudou para você, por achar mais conveniente.*

## COMO EU VI KARRAN (19/01/1986)

Por Rotilde Caciano de Almeida.

No início de 1986, eu, Bianca e Dalton, fomos para o meu sítio em Brasília.

Estávamos, por volta das 20h30min, aproximadamente, fazendo um churrasco na área da casa do sítio. A conversa era corriqueira e não estávamos esperando que algo acontecesse. Bianca falou sobre sua audição, que lhe parecia estar sentindo alguma coisa.

Num determinado momento, nós sentimos que algo estranho estava se passando próximo à casa. Quando nos levantamos para observar, a nave já estava pousada, a uma distância de uns cem metros da casa e uma pessoa estava andando em nossa direção. Bianca nos disse: “É o Karran!” Quando ela disse isto, ele já estava chegando muito próximo de nós. Chegou, cumprimentando-nos com um gesto de cabeça e disse o nome de todos os presentes: “Bianca, Dalton, Rotilde”.

Como ele estava de macacão branco, eu tive uma preocupação que foi arranjar uma poltrona limpa para ele se sentar, pois as poltronas do sítio estavam sempre empoeiradas e sujas, porque os gatos dormiam nelas. Como eu não tinha nenhum pano à mão, peguei uma toalha e limpei as poltronas. Corri ao meu quarto, peguei uma colcha branca da minha cama e forrei uma das poltronas. Karran aparentemente entendeu a minha preocupação, pois aguardou em pé o que eu fazia para sentar-se.

Como ele tinha assuntos para tratar com Bianca, eles se sentaram e começaram a conversar.

Eu e Dalton ficamos numa situação perplexa, pois, até então, nós não sabíamos o que dizer ou o que fazer.

Quando Karran e Bianca começaram a conversar, nós nos sentamos e prestamos atenção imediatamente para entender o assunto.

Eles, Karran e Bianca, conversaram, por algum tempo, sobre o trabalho que Bianca vem conduzindo com os exercícios que aprendeu com Karran. Em dado momento da conversa, Bianca perguntou a Karran se eles, como nós, também têm curiosidades sobre as coisas aqui da nossa terra. Karran respondeu que sim. Bianca pediu então a ele que explicasse que tipo de curiosidades eles têm. Nesse momento eu falei baixinho para Dalton, que estava sentado a meu lado, que nós deveríamos escrever o que estávamos ouvindo. Dalton me respondeu que para fazer isso tínhamos que pedir permissão a Karran. Como nem eu nem Dalton tínhamos liberdade para pedir isso a Karran, Dalton tocou, de leve, no braço de Bianca e disse a ela o que nós pretendíamos.

Bianca transmitiu a Karran a nossa intenção. Karran respondeu o seguinte: “Vocês devem anotar porque é importante para o entendimento”.

Eu, imediatamente, fui ao meu carro, que se encontrava do lado da casa, pequei a minha pasta, que sempre está comigo, tirei algumas folhas de papel e duas canetas, uma da pasta e a outra da minha bolsa, Dei algumas folhas de papel para Dalton e fiquei com as outras. Karran aguardou em silêncio e somente depois que eu e Dalton estávamos com papel e caneta na mão ele começou a responder o que Bianca havia perguntado. Eis o que nós anotamos sobre curiosidades extraterrestres:

“Geralmente, quando os emissários de terras distantes confrontam-se com esta galáxia, imediatamente suas atenções são atraídas por um dos muitos pontos luminosos, que existem nesta grandiosidade que é a galáxia, onde existe um planeta chamado Terra”.\*

Muitas são as curiosidades existentes neste planeta, que chamam a atenção dos viajantes do espaço. Entre as curiosidades estão os contatos que são feitos por nós com seres deste planeta. Uma delas, são as diversas maneiras de reagir, dos habitantes deste planeta, diante do confronto cultural e tecnológico que acompanha os viajantes do espaço. As reações são diversas. Algumas, espantosas, pela agressividade animal com que os seres humanos reagem à nossa presença aqui.

Para nós, não é comum contatos com seres humanos, onde a matéria predomina à presença do homem. Digo, predomina à presença do homem, pois o homem habita a matéria e não a matéria habita o homem. Isto é facilmente notado por qualquer viajante do espaço.

Diante de tal agressividade, muitas vezes, nós tomamos uma série de precauções. Uma dessas precauções é o esquecimento da nossa presença. A outra, não muito comum, é não esquecer na totalidade, mas sim, deixando fragmentos de alguns momentos, onde predominou o homem e não o animal. Mais raro ainda é a consciência total, que mostra que o ser humano, diante de tal impacto, vencendo as barreiras da matéria, predominou-a.

Falaremos agora, particularmente, destas “curiosidades”:

Neste momento, Bianca fez a Karran a seguinte pergunta: “O que seria predominância animal para um viajante do espaço”?

Karran respondeu assim: “É o momento em que o homem abandona totalmente a consciência e reage somente por instinto. Se tal pessoa se tornasse consciente de nossa presença, jamais recobriria o equilíbrio e o domínio de sua matéria”.

E Karran continuou falando do seguinte modo: “Como ocorre na segunda curiosidade, o homem traz alguns momentos, onde houve a sua predominância sobre a matéria. Quando relatado, o fato traz sempre consigo uma dose de incerteza. Incerteza esta que se torna certeza, quando se depara com algumas curiosidades deste planeta, chamadas metáforas”.

“Essas pessoas se apóiam na fé e trocam o conforto de uma vida comum, por um trabalho imaginário, no qual mencionam que têm como líder os chefes de determinadas galáxias.”.

“Passaremos agora a analisar a terceira curiosidade”.

“Os contatos que se aplicam à terceira curiosidade, mostram a predominância do homem sobre o animal. Quando esta curiosidade ocorre, a consciência do ocorrido é total. Esta totalidade de lembranças e definições sobre o ocorrido não é bem aceita e entendida pelos participantes das curiosidades anteriores. Pois, quando relatado, o fato torna-se demasiadamente comum, não dando chance às fantasias e controvérsias das curiosidades anteriores”.

“Portanto, podemos concluir essas curiosidades dizendo: A realidade não dá margem à fantasia, e a fantasia não dá margem à realidade. A realidade desagrade as curiosidades anteriores e as curiosidades anteriores desagradam a realidade”.

Após Karran ter terminado de falar para nós (eu e Dalton), ele continuou falando com Bianca outros assuntos de interesse deles, que nós não anotamos, porque entendemos que Karran não queria que isso fosse feito.

*\* Karran falou outro nome em lugar de terra, mas não me foi autorizado, por recomendação dele, escrever o nome que ele falou. Por isso coloquei a palavra Terra.*

Após algum tempo, Bianca tocou no assunto sobre “comunicação mental” e nos fez sinal para que anotássemos, pois Karran disse a ela que nós poderíamos anotar.

Eis o que nós anotamos, dito por Karran:

“Peculiaridades inerentes ao ser humano, muito comumente, são atribuídas aos viajantes do espaço. No entanto, vamos procurar definir estas capacidades”.

“Falaremos, em primeiro lugar, sobre a percepção”.

“A percepção depende do campo energético que envolve a freqüência cerebral. A sensibilidade que esta energia produz no ser humano, muitas vezes torna-se confusa, não só para ele, mas também para quem o observa”.

“Esta sensibilidade comum e, ao mesmo tempo, não muito percebida, pode ser facilmente confundida com vários atributos, que distinguem uma capacidade de outra. Todos esses atributos são classificados pela infinidade de capacidades divididas para cada grupo. Podemos dar vários nomes a essas capacidades: mediunidade, percepção extra-sensorial, telepatia e vários outros. Porém, falaremos, particularmente, da atribuição mais comum a esta percepção: a telepatia”.

“Alguns grupos preconceituosos, ou, como individualidade, pessoas preconceituosas, procuram valorizar, de maneira exorbitante, o que é comum a todo o ser humano: a percepção”.

“Quando uma pessoa ou um grupo percebe esta capacidade, em todos ou em alguém, valoriza demasiadamente o que está acontecendo causando, com isto, confusões irreparáveis. Observei estas confusões e preocupei-me. Preocupei-me porque grandes textos são escritos e divulgados, textos estes que não mostram a realidade

existente no universo, nem tampouco, a existente nos viajantes do espaço. Seria por que os viajantes não poderiam usar a mente pra se comunicar?”.

“Dentre todas as capacidades inerentes a nós, esta é uma delas, pouco usada, mas comum a todos. O que não é comum é a comunicação direta entre nós e os habitantes deste planeta, usando esta energia mental”.

“Já mostrei então que essa capacidade é comum. O que não é comum é esta comunicação ser feita entre habitantes deste planeta e nós. Alguns perguntariam: Por que? Responderei dizendo que o campo energético do cérebro, que alimenta a matéria, e, conseqüentemente, responsável por esta capacidade, é pequeno, não suportando porém, este tipo de comunicação”.

“Se observassem um pouco mais, procurassem entender, perceberiam, com facilidade, que uma carga energética superior aniquila a inferior”.

“Agora parem e analisem: se tivessem esta capacidade elevada seriam capazes de fazer uso da mesma, sabendo que com isto aniquilariam o seu receptor? Eu acredito que, com a percepção existente no momento, pensariam e chegariam à conclusão que não. Isto facilita o entendimento de minhas palavras, pois, quando somos energeticamente superiores, entendemos as limitações dos que não o são. Não estou, com isto, limitando demasiadamente o ser humano deste planeta, mas sim valorizando sua capacidade, porque ela existe. O que não existe é o entendimento desta capacidade, pois a percepção proveniente do campo energético também é responsável pela nossa capacidade de comunicação através da fala, gestos, raciocínio, e uma menos percebida, que é a imaginação”.

“A imaginação nos dá acesso à fantasia, capacidade esta, que move o ser humano, pois sem fantasia, não haveria desenvolvimento, não haveria beleza, não haveria criatividade nem tampouco o ser humano”.

Enquanto Karran ditava-nos o primeiro texto, foram surgindo em minha cabeça algumas perguntas sobre o assunto que eu escrevia. Como eu não podia interrompê-lo enquanto ele falava, eu escrevi minhas perguntas logo que ele terminou de falar conosco.

Ele se voltou para Bianca e continuou falando com ela. Eu esperava uma oportunidade para perguntar, mas não havia possibilidade, pois nós não dirigíamos a palavra a ele, a não ser quando Bianca nos fazia sinal.

Finalmente, após Karran ter terminado o assunto com Bianca, nós levamos ao conhecimento dela que gostaríamos de fazer perguntas. Karran percebeu isto, voltou-se para nós e respondeu todas as nossas perguntas com muita paciência.

Eu fiz então as seguintes perguntas:

Rotilde: As estrelas são outros sóis ou são outros tipos de corpos celestes?

Karran: “Algumas têm luz próprias. Outras brilham com a energia de outros sóis. O sol é uma estrela. Estrelas são corpos celestes que emitem energias que alimentam os planetas. As que não emitem energia não são estrelas, são planetas”.

Rotilde: O que quer dizer habitar a matéria?

Karran: “Habita-se a matéria quando se percebe toda e qualquer inconstância da mesma. E quando se controla todos os seus desejos e impulsos”.

Rotilde: O fato de apagar da memória de uma pessoa a lembrança de um contato não causa danos cerebrais?

Karran: “Não, porque a área do cérebro fica livre para ser ocupada por outras informações”.

Rotilde: Por que uma pessoa que reagiu por instinto não teria mais o domínio da matéria, quando viesse a se tornar consciente do contato?

Karran: “Porque o sistema nervoso ficaria fragmentado. A matéria fica abalada”.

Rotilde: O que é vibração cerebral?

Karran: “A vibração cerebral é formada pelo tempo em que a energia dos impulsos permanece no campo neuronal”.

Rotilde: O que se deve fazer para se conseguir habitar a matéria?

Karran: “Tem-se que aumentar a energia que alimenta a matéria, que tem origem cerebral”.

Rotilde: O que é telepatia?

Karran: “É a linguagem de pessoa para pessoa independentemente da matéria”.

Rotilde: O que é percepção extra-sensorial?

Karran: “É quando se sente algo que você não sabe a origem, mas sabe que vai acontecer”.

Rotilde: O que é impulso cerebral?

Karran: “Impulso cerebral é a emissão da energia acumulada na base do cérebro à parte frontal. As pessoas aqui, normalmente, têm de oito a doze impulsos por minuto”.

Rotilde: O que é campo energético e freqüência cerebral?

Karran: “Campo energético é o campo gerado pela freqüência. Toda e qualquer freqüência gera campo. Freqüência cerebral é o número de vezes que os impulsos são emitidos da base craniana para o externo craniano. Atravessa o cérebro da base para a parte frontal”.

Depois disto, Karran se levantou da poltrona. Nós percebemos que ele iria embora e nos levantamos também. Bianca e nós o acompanhamos até a saída da área.

Karran, já fora da área da casa, olhou para nós, fez uma inclinação com a cabeça e dirigiu-se para a nave. Nesse momento é que vi que perto da nave havia outro homem que estava lá parado, de braços cruzados, em frente ao aparelho. Os dois entraram. A nave tornou-se luminosa e desapareceu no espaço, sem fazer barulho. Nesse momento eu olhei para Bianca e para Dalton e percebi que eu estava tremendo. Esta reação só passou quando eu fui dormir, tarda da noite, pois o churrasco fora esquecido e só depois é que voltamos a ele.

#### OBSERVAÇÕES:

Nota sobre a estrutura física e personalidade de Karran: Karran chegou e cumprimentou Bianca demoradamente, sem olhar ou fazer qualquer referência à presença de Dalton e a minha presença. Quando se dirigiu a Dalton, fez da mesma maneira. Era como se eu não existisse naquele ambiente. Ao dirigir-se a mim, também isolou-se completamente da presença de Dalton e Bianca. Cumprimentou-me e vi na sua expressão fisionômica uma serenidade e segurança indescritíveis. Somente o contato com ele seria capaz de definir o que quero dizer; as palavras jamais o conseguirão.

Quando Karran se voltou para falar com Bianca eu notei que ele conversava para que nós três participássemos da conversa, ou seja, para que nós pudéssemos apenas ouvi-lo. Nesse momento eu observei pormenorizadamente sua maneira de falar e sua

expressão fisionômica. Tentarei descrever o que observei: Karran falava com um misto de sorriso, que revelava uma paz sem limites, e com um tanto de serenidade, que demonstrava a gravidade de suas afirmações e comentários. O seu olhar, as contrações de sua face, a abertura da boca, que permitia ver-lhe os dentes, transmitiram-me, de um lado, a meiguice de uma criança, e de outro, uma delicadeza feminina, como também um carinho paternal e, simultaneamente, uma seriedade máscula muito marcante. Parecia-me um sábio que tudo compreende e tudo releva. Eu sentia, ao olhá-lo, que as preocupações que nos afetam como também nossas inquietações a respeito do presente e do futuro de nossa existência, nele, Karran, não existiam e não o perturbavam. A paz, a segurança, a certeza e, ao mesmo tempo, a meiguice, o carinho e a amabilidade que emergem de sua personalidade, dão-nos a impressão de que ele, no caráter de sua individualidade, resume o passado, presente e o futuro do ser humano no instante em que se manifesta na relação com seu semelhante. Se eu o tivesse visto na antigüidade, teria necessariamente dito que ele seria um “Deus”. Por isso, passei a entender melhor a história da mitologia em nossa cultura a partir desse contato.

## RETROSPECTO AO MEU PRIMEIRO LIVRO:

### “AS POSSIBILIDADES DO INFINITO”

Neste retrospecto reapresento ao leitor trechos que me parecem fundamentais para o início deste meu segundo livro por estarem, muitos assuntos da primeira obra, intimamente relacionados com o trabalho que relato neste segundo livro.

### CONTATOS COM KARRAN

Em meu primeiro livro, intitulado “As Possibilidades do Infinito”, relatei meus encontros com Karran, que tiveram início no dia 12 de janeiro de 1976. Nessa mesma obra, descrevo outros contatos que tive, até o ano de 1981. Mas como eu venho trabalhando com a técnica para a saída consciente do corpo físico, que ele me ensinou, tive sempre de sua parte, muita atenção. E é em razão desta atenção que ele, sempre que está aqui em nossa Terra, me procura, para que eu possa esclarecer com ele as minhas dúvidas com relação ao trabalho que venho fazendo e ele, ao mesmo tempo, possa tomar conhecimento do que está sendo feito e como está sendo feito.

Ele, Karran, todas as vezes que nos encontramos, se mostra surpreso com a aceitação que o trabalho vem tendo na nossa época. Época esta, diz ele, em que a humanidade ainda encontra dificuldade para aceitar qualquer coisa que não tenha vínculo com a ciência ou com a religião. Mas ele vê que grande é o número de pessoas que vem se dedicando a este trabalho e vem, assim com eu, obtendo resultados, e podendo, então, confirmar as palavras que me levaram a praticar com afinco a série de exercícios que ele me ensinou, pois foi em meio a uma conversa que estávamos tendo sobre o que

seria a morte que ele me disse: “saia de tua matéria (corpo físico) e verás que tu és a mente que pode ver, que pode sentir, aprender e raciocinar, então poderás entender que a matéria é somente uma parte tua e não totalmente você.” Esta afirmação mexeu muito comigo, pois até aquela data, me era impossível aceitar que nós, seres humanos, tivéssemos algo que sobrevivesse à morte física. Como eu tive educação religiosa protestante, aprendi que somente nossas boas ações ficam registradas na lembrança de Deus para uma possível ressurreição. Mas, naquele encontro inesperado, esta não foi a única frase dita por karran que me despertou para a vida extrafísica ou vida espiritual, pois foi durante aquela mesma conversa, cujo entendimento me era então muito difícil, que ele disse o seguinte: “Eu não falo com você, matéria. Sua matéria não pode me responder nada sem a sua real presença”.

A maneira com que ele disse estas palavras, deixou-me, naquele momento, com uma estranha sensação de independência do meu corpo físico, pois, por momentos, eu pude perceber as duas individualidades que fazem parte de mim: eu e meu corpo físico, cujas vontades eu senti fortes e presentes, bloqueando, com informações já recebidas no decorrer da minha vida, todas as novas informações que Karran me estava apresentando com sua presença, sua nave e principalmente com sua visão do que é o homem, o universo e o mundo espiritual. E foi depois de ter sentido essa estranha duplicidade que parei de raciocinar sobre as coisas que eu já tinha aprendido e tinha como certas para dar acesso ao que ele estava me dizendo. Foi dessa maneira que eu tive a oportunidade de aprender com ele e tirar desse aprendizado o máximo de proveito possível para mim e também para todos aqueles que, como eu, desejam obter esse conhecimento ao qual se tem acesso sem as barreiras da mística, sem a fé e sem a religião. Trata-se, portanto, de um conhecimento proposto e não de um conhecimento imposto a nós por herança de família, como é o caso de muitas religiões que temos em nosso planeta.

## QUANDO COMECEI A PRATICAR OS EXERCÍCIOS

Meu primeiro encontro com karran foi no dia 12 de janeiro de 1976. Fiquei na nave durante dois dias e só cheguei à minha casa, no Rio de Janeiro, na manhã do dia 15.

Em minha mente tudo estava muito claro. Eu me lembrava de tudo que tinha visto e ouvido durante o tempo em que estive dentro da nave.

As palavras de Karran me impressionaram tanto que até hoje não me esqueci delas. E foi em razão desta minha lembrança, e motivada pela possibilidade de uma saída consciente para fora do meu corpo físico, que comecei a praticar os exercícios no mesmo dia que chegamos em casa.

Naquela época, eu, em razão da minha educação religiosa, não conhecia nenhum grupo que falasse sobre o mundo espiritual que não fosse à maneira protestante. Portanto, eu não conhecia a concepção dos espiritualistas, dos Rosa-cruzes e nem mesmo a visão dos espíritas eu tinha. E esta falta de conhecimento em relação ao mundo espiritual me deixava muito insegura em relação à prática dos exercícios. Também, naquela época, eu não tinha com quem trocar idéias sobre esse assunto, já que meu círculo de amizades estava resumido aos irmãos da igreja. Isto sem contar o fato de que meu ex-companheiro havia me proibido de falar sobre o exercícios e seus objetivos. Mas a prática dos exercícios era para mim fundamental, pois eu queria saber porque Karran me havia dito que eles não morriam, mas sim, trocavam de matéria (corpo físico), e, segundo suas palavras, somente a prática destes exercícios iria me dar esta certeza.

Com a prática diária dos exercícios comecei a obter meus primeiros “resultados”, pois sempre que os fazia começava a ter visões. Eram visões sempre ligadas com alguma coisa, ou que gostasse muito, ou com algo de que eu tinha medo. Depois que encontrei Karran o que eu mais gostava de lembrar era dele, sua nave e suas colocações sobre os assuntos que conversamos. E o que eu mais temia era o mundo espiritual, pois, para mim, ele era um mistério que não podia ser desvendado, já que, pela Bíblia, me era explicado que ao homem não era dado o direito de desvendar os mistérios de Deus, e que qualquer vontade neste sentido era uma demonstração da falta de fé. Pela Bíblia, já

havam me dito que o mundo espiritual era composto de anjos e demônios. Portanto, eu me sentia como um são Tomé, que quer ver para crer, e esta situação me dava medo. Mas as coisas estavam acontecendo enquanto eu fazia os exercícios, pois bastava que eu fizesse o relaxamento, que faz parte deste trabalho, para que eu começasse a ter visões. E, quase sempre, nessas visões, eu estava com ele, Karran, conversando e vendo sua nave, e se durante o dia eu ficava imaginando alguma situação com eles, os extraterrestres, era quase certo que à noite eu ia vivenciar aquela situação imaginária. Portanto, durante o ano de 1976, minhas noites se tornaram bastante movimentadas, minhas visões estavam cheias de extraterrestres e discos voadores. Também havia noites nas quais, em minhas visões, eu via o mundo espiritual, não o mundo espiritual do qual eu participo hoje, mas sim aquele mundo que eu imaginava, com anjos e demônios, céu e inferno, julgamentos e castigos. Enfim, com tudo que minha imaginação me permitia. Portanto, o ano de 1976 é, para mim, um ano inesquecível, pois foi nesse ano que eu comecei a acordar para a vida, o universo e a maravilhosa capacidade humana. Mas, no final desse mesmo ano, eu recebi, através do registro que foi feito da minha frequência cerebral, um comunicado de que Karran falaria comigo em janeiro de 77. Portanto, um ano depois do nosso primeiro encontro. Esta notícia foi recebida por mim com grande euforia, pois este encontro era tudo que eu queria, uma vez que, nessa época, eu e meu companheiro já estávamos sendo pesquisados por alguns grupos de ufólogos, e, entre eles, uns tentavam nos convencer de que tudo não tinha passado de um grande momento de imaginação. E o mais interessante é que o argumento que eles usavam era muito forte. Ele era baseado na grande capacidade do ser humano criar certas situações mentais. Mas, então, ali estava a confirmação que eu tanto queria e, como era de se esperar, contei para todos eles que Karran estava de volta e que mais uma vez ia falar comigo pessoalmente.

Alguns pesquisadores ficaram eufóricos com essa possibilidade, outros não acreditaram no fato como verdadeiro, mas isto, para mim, não tinha a menor importância, porque toda a minha ansiedade estava voltada para o dia e local do encontro que Karran havia marcado. Enfim esse dia chegou. Eu havia superado todas as dificuldades que tive àqueles dias e lá estávamos nós, eu e meu companheiro, indo para mais um encontro

com Karran. Eu estava ansiosa para dizer-lhe que estava praticando os exercícios e estava saindo da matéria e meu companheiro também tinha suas ansiedades.

Quando Karran chegou eu não queria acreditar no que estava vendo, pois eu não me achava merecedora de tanta atenção, de tanto privilégio. Mas ele ali estava, frente a frente conosco mais uma vez e, eu, orgulhosa, lhe disse, depois de algum tempo de conversa:

- Karran... já estou saindo da matéria!

Quando Zirr fez a tradução do que eu havia dito para Karran, ele ficou me olhando por alguns segundos. Depois disse-me, exclamando:

- Já! Então conte-me o que está acontecendo!

Neste momento contei-lhe tudo que estava me acontecendo. Falei dos contatos que eu tinha tido com ele durante o ano e também falei das experiências que eu tinha tido com o céu e o inferno. Enfim, contei-lhe tudo. Ele me ouviu atentamente enquanto eu falava. Quando terminei, ele me respondeu que eu não tinha saído do meu corpo físico consciente nenhuma vez. Quando ele disse “nenhuma vez”, para mim estas palavras soaram como se tudo estivesse terminado. Eu havia tido muitas dificuldades durante aquele ano para a prática dos exercícios, pois além do medo que eu tinha do mundo espiritual, tive que enfrentar as críticas do meu ex-companheiro, que não acreditava que pudesse existir vida após a morte do corpo físico. E foi em razão disto que eu parei, olhei para Karran, também olhei para meu companheiro, e sem ter o que dizer, olhei para Zirr e lhe disse:

- Ah, Zirr! Então meu companheiro está certo. Eu não tenho espírito não. Devo ser somente matéria!

Mas Zirr ouviu minhas lamentações e traduziu para Karran, que disse:

- Não se preocupe. Eu te ensinarei.

Depois de dizer isto, ele me chamou e fomos para frente do carro, a fim de que ele pudesse corrigir o trabalho que eu vinha fazendo. Karran me acompanhou na práticas dos exercícios, ensinando-me e corrigindo cada movimento. E então eu pude, três meses depois desse encontro, ter a minha primeira saída consciente de meu corpo físico, podendo, portanto, diferenciar o que ele, Karran, tentou me explicar em nosso segundo encontro, ou seja, que uma coisa é sair de nosso corpo físico e outra é a liberação do

nosso subconsciente. Portanto eu pude ver que havia passado todo o ano de 1976 vivenciando essa liberação, e não, saindo de meu corpo físico, como eu pensava que estava fazendo.

## COMO COMECEI A ENSINAR A TÉCNICA FÍSICA PARA A CONQUISTA DA AUTOCONSCIÊNCIA

Em 1977 comprei um sítio, em Belo Horizonte, a fim de colocar em prática a idéia que Karran havia sugerido, ou seja, ter um lugar onde moraríamos em grupo, para estarmos com ele, longe da civilização, e, assim, não só eu iria aprender com ele, mas todos os membros desta pequena comunidade.

A proposta da compra do sítio tinha vindo de um grupo de pessoas que eu conhecera no Rio de Janeiro em 1976, durante os primeiros momentos da pesquisa ufológica.

O sítio era pequeno e eu trabalhei muito para preparar o ambiente e ter como receber essas pessoas. Também nesse sítio meu pai foi curado de uma trombose cerebral que paralisara grande parte de seu corpo, pois em razão do nosso objetivo, os extraterrestres haviam resolvido que em um lugar como aquele não deveria haver pessoas doentes. Por isto fizeram a cura total de meu pai.

Em 1978 fui convidada a participar do programa do Flávio Cavalcante na TV Tupi. Ali permaneci por seis semanas, falando sobre meu contato e respondendo às perguntas ao público. Nesse mesmo programa falei do sítio que eu tinha adquirido e de seu objetivo. A receptividade do público foi muito boa, pois, naquela época, passei a receber em minha propriedade uma média de oitenta a noventa pessoas por semana. Entre essas pessoas havia uma que não se conformava com o fato de Karran ter vindo de tão longe e não ter deixado nada para a humanidade. O nome da pessoa é Alfredo Buzelim, um jornalista de Belo Horizonte. Naquela época eu ainda não falava na técnica que Karran tinha me ensinado. Primeiro, porque meu ex-companheiro não me permitia, dizendo que tudo isto era uma grande besteira. Ele argumentava que se este ensinamento fosse realmente algo de bom, ele, Karran, não teria ensinado a mim, que era apenas uma mulher, mas teria dado este conhecimento a ele, que era homem, ser superior, e, principalmente, por se ele um ministro de Deus aqui na Terra. Segundo, eu ainda não tinha, naquela época,

experiência suficiente para ensinar este trabalho, devido à grande importância do mesmo para o ser humano. Também, naquela época, eu não sabia se esses exercícios deviam ser ensinados a outras pessoas ou se eles eram exclusivos, para mim. Contribuía para a minha dúvida o fato de Karran não os ter ensinado ao meu ex-companheiro, que estava comigo no primeiro encontro e também no segundo.

Mas Alfredo Buzelim insistiu tanto que eu, mesmo sem ter a certeza que tenho hoje da eficácia dos exercícios para as outras pessoas, comecei a ensiná-los. Foi uma experiência gratificante, pois assim que comecei a ensinar, vi que todos os interessados nesse trabalho começaram a obter resultados. E a maioria deles, em seus primeiros resultados, falava-me com surpresa e orgulho da maravilhosa sensação que sentiam quando estavam fora de seus corpos físicos. Eu fiquei orgulhosa ao ver que podia compartilhar com eles esta oportunidade que tive, mas, ao mesmo tempo, eu estava preocupada: eu ainda não havia recebido de Karran uma autorização para que pudesse ensiná-los. Esta autorização só me foi dada em 1979.

Karran me disse também que, em razão do que eu tinha feito, ele teria que adiantar, e muito, o meu aprendizado, pois só assim eu teria como orientar o grupo de pessoas que eu tinha iniciado nesse trabalho.

## MEU DESENVOLVIMENTO

(Treinamento fora do horário)

Depois que tive minha primeira experiência consciente, fora do meu corpo físico, minha vida sofreu uma grande mudança. Esta mudança não foi no meu jeito de ser ou de viver mas sim na disposição de viver, Isto porque, além dos motivos que todos nós temos para agradecer ao Criador – esta oportunidade de vida – eu tinha mais um motivo para agradecer. E isto eu fazia e faço até hoje, pois considero ter conhecido Karran uma oportunidade divina, e o fato de ele ter me ensinado a participar do mundo espiritual, a chance de uma nova vida. E foi muito bom saber da existência desse mundo, onde nós, seres humanos, existimos antes e depois da nossa passagem pela frequência física. A descoberta, para mim, desta outra vida (mundo espiritual) fez com que, aqui, eu passasse a viver muito mais, pois eu perdi o maior medo que acompanha a humanidade, o medo da morte. E sem o pesadelo da morte, do pecado e do inferno, a vida física tornou-se para mim mais um prêmio de Deus para a humanidade. E como diz a Bíblia, somos criados à sua imagem e semelhança. Foi em razão deste entendimento que superei todas as dificuldades que tive para praticar os exercícios e ter acesso a este outro lado da nossa existência.

Naquela época eu praticava os exercícios até duas vezes por dia, pela manhã e à noite, pois a vontade que eu tinha de controlar este processo de saída do corpo físico era muito grande. Portanto, quase dois anos depois que aprendi, eu já tinha descoberto nesse trabalho, qual o tipo de movimento cerebral que facilitava a minha saída, e para que eu pudesse ter certeza de que estava realmente tendo acesso a este controle, eu tentava sair do meu corpo fora do horário em que praticava os exercícios. Em razão disto, me era comum tentar sair no carro, quando estávamos viajando, ou em casa durante o dia, quando isto era possível. Naquela época eu trabalhava de vendedora, tendo, portanto, somente os sábados, domingos e feriados para fazer essa tentativa. Quando eu estava viajando era mais fácil comprovar minhas saídas para meu ex-companheiro, pois tudo que eu procurava ver nestas saídas eram coisas que eu pudesse mostrar a ele pra convencê-

lo de que eu havia saído realmente fora do meu corpo físico. Por isto eu tentava ver o que estava acontecendo ao longo da estrada em que estávamos viajando. E eu o informava com antecedência onde estavam os guardas rodoviários, se eles estavam usando radares ou não, e até mesmo dos acidentes que pudessem ter acontecido ao longo da estrada, eu sempre o informava. Hoje em dia, por ter um entendimento mais profundo da importância deste trabalho, não faço mais isto. Hoje sei que um trabalho que tem como objetivo a conscientização faz parte a vontade de saber e não o ato de ser convencido a saber. Como diz o meu professor extrafísico, quando uma pessoa precisa ser convencida a praticar ou fazer alguma coisa, esta pessoa não está apta a participar desta coisa. E com a técnica não é diferente. Foi em razão deste entendimento, que resolvi somente ensinar os exercícios para quem realmente tenha necessidade de aprendê-los.

## I PARTE

### PRÁTICA E EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO FÍSICO

#### MINHA PRIMEIRA SAÍDA CONSCIENTE

Minha primeira experiência aconteceu três meses depois do meu segundo contato com Karran, pois foi nesse contato que ele me ensinou como fazer corretamente a série de exercícios que têm por objetivo a saída da frequência física e entrada na frequência extrafísica, ou seja, a saída consciente do corpo físico e a entrada também consciente no mundo espiritual.

Estávamos no mês de abril de 1977. Nessa época eu morava na rua Cândido Benício em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Após Karran ter-me ensinado a série de exercícios, eu me dediquei à sua prática diária, pela manhã ou à noite. Numa noite do mês de abril eu fui para o quarto mais ou menos às 21 horas. Pus minha filha pequena para dormir e comecei a fazer os exercícios. Fiz em primeiro lugar o trabalho respiratório, que tem por objetivo a limpeza da base pulmonar e a energização do corpo. Em seguida fiz o trabalho de energização glandular. Logo após eu me deitei para fazer o contato energético entre as glândulas.

Como o trabalho de ativação de áreas inativas do cérebro exige muita concentração, entrei então, em um processo de relaxamento espontâneo. Quando já estava lançando os elos de energia que, como Karran explicou, propiciam a nossa saída da frequência física e entrada na frequência extrafísica, comecei a sentir o meu corpo duplicando da seguinte maneira: era como se ele tivesse crescido a ponto de ocupar toda a cama. Isto era percebido por mim como peso e sensação, como se eu estivesse dentro de uma bola de ar que fosse se enchendo, e, quanto maior a pressão, mais eu me sentia

comprimida sobre a cama. Junto com todas estas sensações eu sentia uma outra: era como se um outro eu flutuasse, pequeno e solto, em cima do meu corpo. Quando isto estava acontecendo notei que, embora eu percebesse a minha duplicação em forma de sensação, a consciência era apenas uma. Através dela eu sentia o que estava acontecendo no meu corpo físico e naquele outro corpo que eu estava sentindo, pela primeira vez, naquele momento. E essas sensações proporcionavam um bem estar até então nunca percebido por mim. Também minha audição estava muito mais aguçada, pois naquele momento comecei a ouvir sons que antes não notava. Eu ouvia, com clareza, tudo o que as pessoas do apartamento ao lado conversavam e até mesmo seus passos. Mas, de repente, e sem motivo aparente, desapareceram todas as sensações. Deixei de sentir a duplicidade do corpo, o peso, e aquela sensação de expansão. A única coisa que permanecia era a sensibilidade auditiva, mas como eu esperava que todas as sensações voltassem, continuei a construção dos elos de energia, lançando-os para fora do meu corpo, até então, para mim, físico. Continuei com este trabalho durante muito tempo. Mais de uma hora, acho eu. Eu estava tentando ter de novo aquelas sensações, mas não consegui. Foi então que comecei a sentir sede. Resolvi parar com tudo o que estava fazendo para ir à cozinha beber água. A noite estava muito quente, por isto eu não estava coberta. Rolei, como de costume, para a beirada da cama. Sentei-me e tentei calçar os chinelos, mas isto não foi possível porque, sempre que eu colocava os pés nos chinelos e tentava caminhar, eles permaneciam no mesmo lugar e eu caminhava descalça. Fiz algumas tentativas para me calçar mas sempre que me colocava de pé e tentava caminhar os chinelos permaneciam no mesmo lugar. Pensei que esta falta de domínio era devido ao relaxamento do qual acabara de sair. Diante disto, decidi ir à cozinha sem os chinelos, descalça. Caminhei em direção à porta do quarto. Quando toquei na maçaneta, tive um problema. Eu sentia a temperatura mais fria, própria do metal, mas eu não tinha força suficiente para girar a maçaneta. Por isto segurei com as duas mãos e comecei então a fazer força para girá-la. De repente, minhas mãos se fecharam com a força que eu fazia. Neste momento fiquei muito surpresa. Apesar de continuar sentindo a forma da maçaneta, meus dedos se encontraram com a palma da mão, passando através dela. Enquanto tentava entender o que estava acontecendo, minha filha se virou no berço, batendo com a perna na grade. Foi então que eu me virei

para ver se ela tinha acordado. Como seu berço ficava aos pés da minha cama, ao vê-la, via também a cama. Foi então que vi que “eu” estava em pé junto à porta tentando abri-la e meu corpo estava deitado como quando eu fazia os exercícios. Ao observar este fato, lembrei-me das palavras de Karran: “Saia de tua matéria e verás que tu és a mente que pode ver, que pode sentir, aprender e raciocinar. Então poderás entender que a matéria é somente uma parte tua, e não totalmente você”. Naquele momento observei que estava completamente separada do meu corpo físico e que todos os meus sentidos estavam comigo, independentemente da matéria. Observei também, que não havia nenhuma ligação entre mim e o meu corpo físico, ali deitado, a não ser pelos elos de energia que continuavam saindo do corpo e flutuando acima dele em forma de cone. Estes elos saíam pequenos e se abriam à medida que iam se afastando do meu corpo físico. Foi também nesse momento que me veio a lembrança das coisas que cresci ouvindo dentro da religião. Coisas como estas: “Não se deve tentar descobrir os mistérios de Deus” ou “O mundo espiritual é composto de anjos e demônios”. Esta palavra, demônio, sempre me assustou muito, por isto comecei a sentir muito medo de que um deles pudesse aparecer naquele momento. E foi sob o efeito desse medo que eu soltei a maçaneta da porta e corri para a cama. Nessa noite não sei como entrei no meu corpo, somente sei que, ao assumir a matéria, tremia tanto de medo que a cama sacudia. Esta foi minha primeira experiência com a saída da matéria ensinada por Karran.

Gostaria de esclarecer para o leitor que, hoje, após treze anos de prática deste trabalho, sei pela experiência, que o momento em que me separei de minha matéria não foi quando rolei para a beirada da cama, mas sim quando deixei de sentir o peso e a sensação de que estava inflando. Também quero esclarecer que esta sensação de inflar deve-se ao aumento da percepção que faz parte do nosso desenvolvimento dentro deste trabalho. Por esta razão eu pude perceber, naquele momento, a energia que é própria do corpo físico e a que eu acabara de captar com o trabalho respiratório.

## MUDANÇA DE IMAGEM

Os dias que se seguiram não foram fáceis para mim. Isto porque eu não tinha a quem relatar o que me havia acontecido. Eu estava com medo de sair do meu corpo novamente, mas também não queria parar de fazer os exercícios que Karran me havia ensinado. Principalmente depois de ter obtido o primeiro resultado, a primeira confirmação do que Karran dissera, depois de ter certeza de que eu não era, como pensava antes, apenas um corpo físico. Por este motivo, todas as vezes que eu fazia os exercícios à noite, tinha que lutar com a certeza dos resultados deste trabalho e com o meu medo. Esta situação foi se tornando angustiante porque todas as vezes que começava a perceber o aumento de volume do meu corpo, o peso, parava o exercício e me levantava, ia para a janela ou para a cozinha. Quando o medo era muito, eu me sentava na sala e ligava a televisão. Tudo isto eu fazia na esperança de despistar o medo daquele momento, e só voltava a me deitar novamente quando achava que não havia perigo de sair. Mesmo assim, algo estava acontecendo. Sempre que eu conseguia dormir, meus sonhos eram bem mais claros. Não tinham mais aquela mistura de imagens que é comum nos sonhos. Os meus sonhos passaram a ter princípio, meio e fim, e, pela manhã, lembrava-me com detalhes de tudo o que tinha se passado durante a noite. Lembrava-me de nomes de pessoas e suas fisionomias e também dos assuntos que tinha discutido com cada uma delas. É certo que eu nem sempre entendia o motivo daqueles assuntos estarem sendo discutidos comigo e sempre os atribuía ao medo e à minha preocupação com a saída da matéria. Porém, mais tarde, eu vim a saber que todos aqueles assuntos e todas aquelas pessoas estavam tentando me ajudar na tarefa tão difícil, mas não impossível, que é a busca da autoconsciência.

Algum tempo depois eu tive a segunda saída consciente para fora do meu corpo físico. Naquela noite não me deitei muito cedo, porque tinha recebido algumas visitas que

foram embora já perto da meia noite. Tomei um banho e me preparei psicologicamente para os exercícios. Comecei a fazê-los da mesma maneira que vinha fazendo diariamente. Os dois primeiros eu os fiz de pé. No terceiro me deitei e continuei o trabalho. Quando comecei a perceber o peso em meu corpo, quis levantar-me. Porém eu estava com muito sono. Saí da posição do exercício e me virei de lado. Tentei me levantar e caminhar um pouco dentro da casa, mas o sono que eu sentia naquele momento era muito grande e o meu medo de sair também era. Foi num esforço sobre-humano que me levantei e fui até a janela do quarto. Eu não enxergava bem pois tudo estava envolto numa névoa e eu me sentia muito mole. Debrucei-me na janela a fim de tirar um cochilo ali mesmo. Porém, após alguns instantes, minha visão começou a clarear, o sono também começou a desaparecer, e, em pouco tempo, eu me sentia muito bem. Comecei então a perceber que a noite estava diferente. Havia, juntamente com o escuro da noite, um brilho novo e este brilho estava em tudo o que eu olhava. Nas plantas do pátio, nas paredes dos prédios e no asfalto da rua, e até mesmo nos carros que passavam de vez em quando. Foi enquanto eu observava tudo isto, que vi um homem idoso sair de uma rua que fazia esquina com a rua Cândido Benício. Primeiro ele parou e ficou em pé na porta da padaria. Olhou-me por algum tempo. Depois atravessou a rua caminhando na direção do prédio. Quando ele estava mais ou menos no meio do pátio, parou, olhou para mim e continuou caminhando, mas não em direção à portaria. Vinha direto para debaixo da minha janela. Como eu estava no nono andar, não tive medo. Aliás, a presença daquele homem dava-me sensação de segurança, tranqüilidade. Porém algo estranha aconteceu, porque ele chegou perto da parede e continuou caminhando da mesma maneira, vindo agora em minha direção, caminhando com tranqüilidade e leveza pela parede. Eu observava espantada, mas não como medo. Quando ele já estava mais ou menos na altura do sétimo andar, parou. Continuou me olhando. Pareceu-me, naquele momento, que ele estava me estudando, me analisando. Ele deve ter percebido que sua presença não me causava medo, mas sim espanto. Afinal, era a primeira vez que eu via alguém caminhando pela parede. Ele esboçou um sorriso. Depois tirou os pés da parede e flutuou no ar, bem de frente para mim, do lado de fora do prédio, na altura do nono andar. Até aquela momento não havia me dirigido a palavra e nem eu a ele, mas eu não suportei e lhe perguntei:

Como você faz isto sem cair lá embaixo:

Isto é muito fácil de ser feito. Posso fazer muito mais. E eu não sou a única pessoa que pode fazê-lo, você também pode.

Eu olhava para ele, olhava para baixo... então disse:

Espera aí! O que está acontecendo? Como é que eu posso fazer isto, se tenho medo até de me debruçar um pouco mais na janela? Como é que eu posso flutuar do lado de fora: E ele disse:

Você quer ver como também pode?

Não posso!

Pode! Você não está vendo como eu posso?

Estou.

E você confia em mim?

Tenho certeza de que você está fazendo isto, não se trata de confiar, eu estou vendo!

Então dê-me sua mão que vou trazê-la aqui para fora.

Foi com muito medo que eu lhe dei minhas mãos. Ele as segurou fortemente e me senti sendo puxada para fora, mas não senti que ele estivesse fazendo alguma força. Quando eu já estava do lado de fora, ele me disse:

- Se quiser pode abrir os olhos e ver que está como eu, do lado de fora de sua janela. E é bom que saiba que o espaço pode ser sólido o quanto nós quisermos. Também pode ser macio e tão leve quanto o vento. Tão suave quanto a brisa. Também pode ser escuro como a noite e tão viscoso quanto os pântanos. Agora você vai conhecer um lugar onde, acredito eu, vai aprender muito.

Nós começamos a nos deslocar no espaço, primeiro devagar. Depois comecei a sentir que tínhamos aumentado a velocidade, isso porque comecei a sentir o vento batendo em mim com mais força. Neste momento ele disse:

Sinta o vento passando pelo seu corpo, por entre seus cabelos, e sinta, principalmente, que, no espaço, nós podemos voar como as aves ou nadar como os peixes.

Logo após ter dito estas palavras, comecei a sentir que tinha parado. Pensei: “chegamos”. Ouvi novamente sua voz:

- Pode abrir os olhos.

Quando olhei nós estávamos em um ambiente que parecia ser um laboratório de hospital cheio de gente de uniforme branco, avental e máscara. Ali, todos estavam trabalhando. Ele me falou novamente:

Espere aqui que eu vou até aquele compartimento.

O compartimento era outra sala pequena, que até a metade parecia ser uma parede, e da metade para cima parecia ser vidro. Portanto eu podia vê-lo da cintura para cima. Porém, algo estranho aconteceu. O ambiente da sala em que havia entrado começou a se encher de fumaça. A fumaça não era branca, mas sim meio verde e também parecia mais densa do que as que eu já estava acostumada a ver. E ela sumiu da mesma maneira que surgiu, sem que eu pudesse ver para onde tinha ido. Mas, quando a fumaça se dissipou totalmente naquele compartimento, a pessoa que lá estava não era mais a mesma, não tinha a mesma aparência daquela que havia me levado até lá. Agora era um homem moreno com a aparência de uns 45 ou 50 anos, alto, com cabelos grisalhos, forte, ombros largos, e estava usando uma camisa branca com listrinhas em preto. Suas mangas dobradas até a metade do braço. A gola da camisa era grande, as mangas eram fofas e largas e a camisa também era larga. Ele também estava usando calça preta de cós alto, abotoada na frente. Vi a fileira de botões que abotoava o cós. Ele veio novamente em minha direção. Quando já estava perto de mim, perguntei:

- Você entrou ali de um jeito e saiu de outro ou eu estou enganada?

- Não, você não está enganada. Mas se eu tivesse ido ao seu encontro com esta aparência, você teria confiado em mim? Teria vindo aqui comigo?

- Não, acho que não. Respondi.

- Este foi o motivo da minha mudança de aparência. Agora, Bianca, você pode ficar à vontade. Faça o que quiser. Caminhe, olhe tudo de perto e toque no que desejar.

Depois de dizer isto, ele foi conversar com as pessoas que estavam ali trabalhando. Eu fiquei olhando tudo, mas algo estava errado, para mim, naquele ambiente. Enquanto eu caminhava na sala, para ver mais de perto todas aquelas coisas, notei que quando passava perto de uma pessoa e a olhava, ela agia como se eu não estivesse ali. Era como se não estivessem me vendo, pois não reagiam à minha presença. Todas elas continuavam trabalhando e ninguém olhava para mim. Esta

situação me deixou bastante confusa, porque, ao mesmo tempo em que pareciam não me ver, o homem que tinha me levado até lá conversava com todos. Depois de notar que eu já tinha olhado tudo de perto, ele veio em minha direção:

- Agora é hora de irmos embora. Disse.

Ele voltou para aquela sala onde antes havia trocado sua aparência. A fumaça tornou a surgir naquele ambiente. Quando se dissipou, ele estava com a mesma aparência anterior. Pele clara, cabelos brancos, bem mais baixo, e o mesmo terno cinza e sapato marrom. Também seu aspecto era o de uma pessoa bem mais velha. Quando já estava perto de mim novamente, perguntou-me:

- Quer ver mais alguma coisa, fazer alguma pergunta?

- Não. No caminho de volta você me explica o que é tudo isto.

- Então feche os olhos. Nós vamos voltar.

Fechei os olhos e senti novamente aquela sensação do chão saindo de baixo dos meus pés. Depois o vento e a sensação de velocidade. Quando chegamos, ele desceu comigo até o pátio do prédio e me pediu para abrir os olhos. Depois perguntou:

- E agora? Você vai pela portaria ou nós vamos por aqui?

- Não, eu não posso ir pela portaria. A porta do meu apartamento está trancada e a chave está por dentro.

- Então vamos caminhando. Disse ele.

- Mas caminhando como?

- Da mesma maneira que eu cheguei.

Ele caminhou um pouco pela parede e me chamou:

- Venha!

- Mas eu não consigo!

- Consegue sim!

- Não consigo! Insisti.

Eu colocava um pé na parede mas não tinha coragem de pôr o outro. Tinha medo de cair. Ele voltou para o chão e disse:

- Eu te seguro. Nisso apoiou as duas mãos em minhas costas. Agora você vai começar a subir. Não tenha medo, eu estou atrás de você, lhe segurando. Disse ele.

Eu comecei a subir. Daí a pouco senti que estava solta, leve. Quando olhei para trás, ele vinha atrás de mim, porém, estava bem mais abaixo. Assim que percebi que estava caminhando sozinha, comecei a cair, mas ele rapidamente me segurou. Chegamos perto de minha janela e ele me pôs de frente para ele:

- Vou colocar você para o lado de dentro. Disse ele.

Depois que me senti dentro do quarto, fiquei mais segura e comecei a perguntar. Eu queria saber aonde ele tinha me levado, que lugar era aquele. Ele respondeu que tínhamos ido a um dos vários hospitais que eles tinham. Também quis saber se as pessoas daquele laboratório não estavam me vendo.

- Estavam sim. Mas elas também estavam instruídas para agirem daquela maneira. Achamos que assim você ficaria mais à vontade para ver e tocar o que quisesse.

- Que fumaça verde era aquela que você usou para mudar de aparência? Perguntei.

- Aquilo não era fumaça. Era energia plasmática. Nós a usamos para mudar de aparência e também para materializarmos as coisas.

- E por que você mudou novamente a sua aparência?

- Não queremos que nada lhe cause medo. Agora você vai dormir.

- Mas eu não estou com sono!

- Mas é bom você ir dormir enquanto eu estou aqui.

- Você já vai embora? Perguntei.

- Eu vou, mas esperarei você ir dormir primeiro.

- Até agora você não me disse seu nome.

- Não acho que, neste momento, meu nome seja importante.

- Mas claro que seu nome é importante para mim, senão como vou me referir a você, como vou chamá-lo?

- Acha que pareço o quê, na sua opinião?

- Até agora você tem agido como se fosse um professor. Disse eu.

- Então, para você, eu serei o professor.

Enquanto dizia isto ele veio se aproximando da janela e passando para o lado de dentro do meu quarto. Afastei-me para que pudesse entrar. Quando fiz este movimento de caminhar para trás, também me encostei na parede, ficando de frente para a minha

cama. Somente então pude ver que meu corpo estava lá deitado. Até então não tinha visto meu corpo e pensava que tudo estava acontecendo na matéria, nunca fora dela. Ele percebeu que me assustei e que também tive medo e logo veio em meu socorro:

- Mas você não deve ter medo. O trabalho que você aprendeu é para que aconteça exatamente isto.

- Mas professor, eu não estou vendo o canal que Karran disse que serve para a gente sair e entrar na matéria.

- Não tenha medo. Aproxime-se de seu corpo que ele a atrairá para si.

Pegou em minha mão e nos dirigimos para perto de meu corpo. Antes de voltar para meu corpo eu disse:

- E agora? Como vou falar de tudo o que vi? Como vou explicar isto para os outros?

- Você não vai dizer nada. Vai voltar para o seu corpo e dormir, e numa outra oportunidade eu volto para lhe buscar. Você precisa voltar muitas vezes ao ambiente a que fomos hoje. Isto porque, uma ou duas saídas conscientes para fora do nosso corpo físico basta para que tenhamos certeza de nossa existência além da matéria, mas isto não basta para se falar sobre o mundo que existe fora desta frequência física e nem para se chegar à autoconsciência. Portanto não tenha pressa. Este caminho é longo.

Antes de entrar totalmente na matéria, antes de encaixar a cabeça em meu corpo físico, pude vê-lo saindo pela janela. Quando vi que já estava no corpo, levantei-me e sentei-me na sala. Naquela noite não dormi mais. Passei o resto da noite tentando entender o que me havia acontecido, lembrando do que o professor me havia dito. Eu tentava entender, principalmente, como é que ele tinha feito para mudar de aparência usando aquela fumaça que disse chamar-se energia plasmática.

O mais interessante, dessa vez, é que eu não estava com medo do que tinha acontecido, mas sim com uma espécie de ansiedade, euforia, alegria interior. Naquele momento minha alegria era tão grande que cheguei a pensar que era o único ser humano realmente feliz na face da Terra.

## A CIDADE DOS MORTOS

Em mais uma de minhas saídas de meu corpo físico, tive a oportunidade, com a ajuda de meu professor, de conhecer a cidade dos mortos. Foi para mim uma grande surpresa ouvi-lo dizer isto. Eu já vinha estudando com ele há algum tempo, e tudo o que me ensinava era para mostrar-me a consciência contínua, as causas do nosso bloqueio quando estamos na matéria, retorno a vidas passadas, que tem por objetivo mostrar nossa participação anterior no mundo físico, para que tenhamos, então, certeza da inexistência da morte para o ser humano. Ali naquele momento, ele me dizia:

- Agora você vai conhecer a cidade dos mortos.

Espantei-me com este fato e pensei também que fosse mais um dos muitos testes de raciocínio que vinha me aplicando desde que nos conhecemos e que ele passou a me ensinar.

Ele me olhava fixamente, observando minha reação de espanto. Foi então que eu lhe disse:

- Professor, como vamos conhecer a cidade dos mortos se já estamos nela? Pelo que venho aprendendo, a morte não existe, e esta freqüência em que eu estou agora e à qual você pertence, é o mundo dos mortos! Você mesmo me disse que qualquer ser humano, quando morre, ou melhor, quando perde a matéria, entra nesta freqüência. Portanto, para mim, aqui é a cidade dos mortos.

Ele continuou me olhando e logo me respondeu:

- Não Bianca, esta freqüência em que estamos, é a freqüência à qual todo e qualquer ser humano pertence após ter sido criado. Aqui, nós existimos independentemente de termos ou não matéria. Quando uma pessoa ocupa um corpo físico, ela pode participar deste mundo, pois ela pode, assim como você, deixar o corpo físico, e entrar nesta freqüência, a primeira freqüência humana. Portanto, aqui não é a cidade dos mortos, pois aqui impera a consciência humana, impera o conhecimento. Uma

pessoa morre quando a consciência não existe, quando a vontade não permanece. E este mundo também é aqui, dentro desta nossa frequência, a frequência do ser humano.

Assim que ele terminou de dar estas explicações, segurou em minhas mãos e disse:

- Agora vamos. Você precisa ver. Só assim poderá entender tudo que acabei de lhe dizer. Fechei os olhos, pois era hábito meu, para me deslocar de um lugar para outro, fora da matéria. Medo, creio eu. Senti-me como de costume, ao me deslocar fora do corpo, com o vento passando por meu corpo, meus cabelos, e a sensação do deslocamento. Estávamos então, naquele momento, indo em direção ao que ele me havia dito ser a cidade dos mortos. Quando lá chegamos ele me disse:

- Venha, venha ver. Abri os olhos e pude então ver um ambiente muito grande. Neste lugar vi centenas e centenas de pessoas deitadas, como se estivessem mergulhadas num sono profundo. Começamos então a caminhar entre elas, mas nada acontecia. Nem um movimento, nem um som, enfim nada. Nem o som do vento, que ouvimos claramente quando estamos fora, pois temos acesso auditivo aos dois lados, às duas frequências. Porém eu não ouvia nada. Tudo ali estava mergulhado em silêncio profundo, ou melhor dizendo, silêncio mortal. Diante daquela nova descoberta e daquele ambiente tétrico, tive medo. O ambiente estava como que carregado, pesado. Neste momento meu professor me indicava a frente para que caminhasse. Eu fiz menção de voltar, sair daquele lugar, mas ele não permitiu. Então segurei firme em sua mão;

- Este lugar me dá medo, arrepios.

Ele disse me olhando:

- Não se preocupe. O medo, como também a sensação de arrepios, são reações da matéria animal que o ser humano usa, e esta visão assusta toda e qualquer matéria animal, seja ela humana ou não, pois a vida, para qualquer animal, termina com a morte. Você tem matéria, por isto tem os medos dela. Mas agora é necessário que você se lembre que é um ser humano, portanto, como ser humano, você sobrevive à morte do corpo físico. Agora venha! Você precisa observar, acompanhar os detalhes. Observe as expressões. Veja como todos estão tranquilos, expressões suaves.

Fiquei olhando. Então raciocinei e perguntei:

- Professor, mas estas pessoas não estão mortas, elas estão inconscientes. Eu as estou vendo, portanto, elas existem. Então, professor, qual é a causa? O que leva o ser humano a esta inconsciência?

- Muitas são as causas que trazem a inconsciência humana e eu tenho certeza que você vai descobri-las, portanto, vamos continuar caminhando. Continue observando, pois você, como qualquer ser humano, tem a resposta. Agora busque esta resposta dentro de você, mas lembre-se que a resposta é única, e está relacionada com fatos físicos e interpretações, pouco conhecimento sobre o Criador, e nenhum conhecimento sobre o ser humano. Continue, busque esta resposta.

- Professor, quando elas irão acordar? Ou não acordarão nunca? Estão dormindo o sono eterno, como dizem algumas religiões baseando-se na Bíblia, um dos nossos livros sagrados? Professor, mas eu, antes de conhecer Karran, não acreditava que tivesse algo que sobrevivesse à morte física. Por esta razão fiquei tão impressionada quando ele me disse: - Eu não falo com você, matéria. Sua matéria não pode me responder nada sem a sua real presença. Então, professor? Pode me responder estas perguntas? Ou ainda, como muitas coisas que você vem me dizendo, esta também é uma das que eu terei que esperar para entender?

- Não, Bianca. A partir de hoje, você começa uma nova etapa em seu aprendizado. Hoje você estará dando um passo, um passo decisivo em busca do conhecimento humano, mas para isto, você, dentro de suas observações, terá que me dizer algumas coisas. Primeiro, qual o sentido da morte pra você? Segundo, o que leva uma pessoa a se condicionar a morrer? Terceiro, por que no mundo físico estas coisas acontecem? Quarto, como você vê a inconsciência? Quinto, o que, além dessas pessoas inconscientes, você está observando mais neste ambiente? Um dos caminhos para a consciência e para o conhecimento é não perder o sentido de observação, independentemente da circunstância. Depois, tudo o que existe nesta frequência é capacidade humana e deve ser observado.

- Primeiro, professor, a morte não tem mais sentido para mim, porque eu tenho a prova, através de mim, que ela não existe. Não vejo outro sentido para a perda da matéria a não ser para a renovação da mesma.

- Segundo, o que leva uma pessoa a morrer, é a falta de conhecimento sobre o mundo espiritual.

- Terceiro, estas coisas só acontecem no mundo físico, porque nosso raciocínio na matéria está limitado em razão do acidente que sofremos.

- Quarto, eu vejo a inconsciência como um bloqueio que nos impede de participar do mundo espiritual, ou extrafísico, como diz Karran.

- Quinto, não estou observando nada mais, além destas pessoas inconscientes, porque este lugar não é como os outros a que fui com você, nos quais a gente pode ouvir e ver além dos limites do ambiente. Aqui, este limite é definido por uma barreira de energia intransponível para minha capacidade visual e auditiva, portanto, só vejo o que está no ambiente, e só ouço o que você me diz. Se existe algo de diferente aqui, é esta barreira energética. Agora, professor, eu vou poder saber se estas pessoas irão acordar um dia, ou não?

- Saberá. Todas as respostas serão dadas dentro deste conhecimento a que você começou a ter acesso hoje. Agora vamos voltar, sair deste ambiente, pois você tem medo daqui, não tem?

- Estranho, professor. Eu não estou mais sentindo medo, e sim um grande vazio, uma sensação estranha, pois me sinto impotente diante desta situação, mas medo não estou sentindo.

Quando estávamos saindo daquele lugar, o professor, com um movimento das mãos, abriu uma passagem para nós naquela barreira de energia. Enquanto saíamos lhe fiz uma pergunta:

- Professor, aqui vem muita gente?

Sua resposta naquele momento me pareceu bastante estranha.

- Não, muita gente vem para cá.

Depois desta resposta me trouxe de volta ao meu corpo físico.

## II PARTE

### HOSPITAIS EXTRAFÍSICOS

#### NOVA REALIDADE

Nas noites que se seguiram, continuei estudando sobre o mesmo assunto. O primeiro lugar a que fui, após a cidade dos mortos, foi em um hospital. Agora meu professor dizia que, para se conhecer o ser humano e aprender a dominar a matéria, primeiro temos que conhecer o que faz parte da sua vida física e extrafísica.

Chegamos então ao hospital. Era um prédio grande, bonito, moderno. Sua parte externa era pintada de amarelo bem claro e tinha um brilho intenso que vinha das paredes. Ao contrário da cidade dos mortos, onde não vi ninguém caminhando, o hospital era bastante movimentado, com gente andando à sua volta. Uns saíam do prédio, outros iam em direção a ele e nós estávamos parados em um pátio situado defronte ao hospital.

O professor colocou seus braços sobre meus ombros e caminhamos para a entrada daquele prédio. Entramos e vi que havia uma recepção com uma grande sala de espera. Nesse local várias pessoas sentadas conversavam umas com as outras. O professor me deixou sentada na sala de espera e foi para a recepção. Ele conversou com um senhor que estava sentado atrás de um balcão. Esse homem anotou algo em uma ficha, o professor veio para perto de mim e caminhamos juntos em direção a uma porta de vai-e-vem, que dava para um grande corredor. Estávamos dentro do prédio. Nesse corredor havia portas de um lado e de outro, mas nós fomos em direção a uma grande porta transparente, situada quase no final do corredor. Quando passamos por aquela porta, o professor entregou a ficha, que havia trazido da recepção, para um homem que

pensei ser o responsável por aquele hospital. A partir daquele momento me pareceu que nossa visita ao hospital estava liberada. Começamos então a visitar o local. Fomos a vários departamentos, visitamos as áreas de leitos, áreas de tratamento intensivo, salas de cirurgias equipadas com aparelhos cirúrgicos moderníssimos. Vi também muitos médicos e enfermeiras trabalhando intensamente nesse hospital, e, um fato bastante interessante para mim: eu estava vendo médicos de roupas brancas, valises e estetoscópios, enfermeiras passando por nós rapidamente e entrando dentro de quartos, levando bandejas com medicamentos para aplicar nos pacientes. Tudo ali era tão normal que fiquei em dúvida. Não estava sabendo se aquele hospital era no plano físico ou não. Foi então que perguntei:

- Este hospital que estamos visitando é no plano físico, não é professor?

Foi com surpresa que o ouvi dizer que não, que aquele hospital só existia no plano espiritual, e não era o único: existiam outros, tão grandes, ou maiores do que aquele que estávamos visitando.

- Mas, professor, eu pensei que fora da matéria a gente simplesmente fizesse as coisas, sem ter necessidade de aparelhos, instrumentos ou coisas assim! Por que os doentes aqui necessitam de leitos? Por que necessitam de enfermeiras e médicos? Por que uma pessoa, depois de ter perdido a matéria, precisaria de uma cirurgia? Que são feitas cirurgias espirituais em pessoas que têm matéria, eu já ouvira falar, mas fora da matéria não sabia que era necessário! Eu pensava que, ao se perder a matéria, todos os problemas estariam resolvidos, e que não haveria necessidade de nada disto, nada do que estou vendo! Por que tudo isto é necessário? Por que tudo isto existe, professor?

- Muitas são as suas perguntas. O tempo lhe dará entendimento, para que as respostas lhe sejam dadas. Porém, uma resposta eu lhe darei hoje. Tudo o que existe no plano físico, primeiro existe aqui. Nada é feito lá que não tenha sido feito aqui primeiro.

Nossa visita continuou e fomos visitar os doentes em seus quartos. Vi que, em alguns deles, os doentes já estavam caminhando. Em outros, estavam sentados em poltronas, e, em muitos outros quartos, as pessoas estavam deitadas. Dentre as que estavam em camas vi várias que pareciam estar dormindo. Outras estavam acordadas. Vi as enfermeiras lhes darem remédios e um dos doentes pediu água e a enfermeira lhe deu. Em um dos quartos, o maior deles, havia várias camas. Nesse quarto várias pessoas

reclamavam de dores em alguma parte do corpo e alguns deles chegavam a chorar. Outros gemiam de dor. Nesse quarto havia também médicos e enfermeiras tratando dos doentes. Foi o último lugar que visitamos, porque o professor me disse que o meu tempo estava se esgotando e eu teria que voltar para a minha matéria.

Ao sairmos, passamos novamente por aquele senhor que, acho eu, era o chefe do hospital. Ele entregou ao professor a ficha que ele havia deixado quando entramos. Voltamos pelo mesmo corredor e enquanto eu caminhava, observava em como aquele hospital era bonito. Vendo as paredes, observei que elas pareciam tremer. Tremer da mesma maneira que o chão treme, quando o sol está muito quente, e a gente pode observar à distância aquele brilho translúcido que parte do chão para cima em forma de ondas. Era assim que eu estava vendo as paredes. As partes internas desse hospital eram brancas. Os leitos brancos, enfim, tudo ali dentro era branco. Em algumas portas havia até desenho de enfermeira pedindo silêncio. Pelo que pude observar, ali tinha tudo que existe normalmente em um hospital.

Fomos para a sala de recepção e eu fiquei novamente à espera do professor, que caminhou até o senhor do balcão e lhe entregou aquela ficha. Quando ele voltou para junto de mim, fiz-lhe uma pergunta a respeito daquelas pessoas que estavam na sala de espera. Eu queria saber se aquelas pessoas eram também pacientes do hospital ou se elas estavam à espera da hora da visita. Ele me respondeu que aquelas pessoas, provavelmente, tinham acabado de chegar trazendo alguém, que, de alguma maneira havia perdido a matéria há poucas horas. Portanto, elas ainda estavam ali à espera, realmente, de alguma informação.

Quanto às visitas de familiares, amigos, conhecidos, que já fazem parte do mundo espiritual, não são permitidas nos primeiros momentos ou nos primeiros dias que uma pessoa perde a matéria. Porque ela ainda não sabe que este fato se deu. A presença de pessoas, que ela sabe não terem mais matéria, pode aumentar o trauma e dificultar a recuperação e adaptação a esta nova realidade. Por essa razão, somente são visitadas por médicos e enfermeiras, ou, quando muito necessário, por conhecidos e parentes que ela saiba que ainda têm matéria.

Tudo isto me estava sendo dito enquanto saíamos daquele hospital. Vi que, naquela sala, algumas pessoas estavam tensas, preocupadas, outras demonstravam tranqüilidade. Enfim, tudo ali era muito humano, tudo muito normal.

Quando estávamos do lado de fora, o professor me disse que ali eu votaria várias vezes, pois era necessário aprender, e só a prática leva ao entendimento. Portanto, ali seriam dadas as minhas primeiras aulas sobre comportamento e adaptação do ser humano no mundo espiritual. Depois de dizer isto, ele me trouxe novamente para a minha matéria.

## COMO CONHECI O DR. HULFF

Depois de minha primeira ida ao hospital, fiquei alguns dias sem voltar àquele lugar, porque nessa época, eu ainda não dominava totalmente minhas saídas conscientes da matéria. Havia dias em que eu, muito embora soubesse que estava fora do meu corpo físico, não conseguia dominar o raciocínio e nem a minha visão. Quando isto acontecia, era comum esquecer o assunto de minhas conversas com o professor. Também em razão da falta de controle sobre a visão, a imagem do local em que eu me encontrava, às vezes desaparecia, ficando tudo escuro, ou, então, essas mesmas imagens começavam a se movimentar, como se estivessem balançando, e isto me tirava a atenção e me confundia bastante. Porém, quando o professor percebia que eu estava com controle de todos os meus sentidos, minhas aulas continuavam.

Quando finalmente voltamos àquele hospital, talvez uns dez dias após nossa primeira visita, paramos novamente no pátio em frente ao prédio. Ali o professor me perguntou que lugar era aquele e o que tinha lá dentro. Respondi-lhe que ali era um hospital e que ele já me havia levado para visitá-lo uma vez. Não estranhei esta pergunta. Este era um comportamento normal da parte dele. Sempre que voltávamos a um mesmo local, ele me fazia repetir tudo o que havia acontecido da vez anterior. Dizia ele que isto era para fortalecer as lembranças e facilitar o entendimento.

Caminhamos então para a entrada do prédio. Quando chegamos à recepção, ele, dessa vez, me levou junto ao balcão para pegar a ficha. Então eu o ouvi se apresentar. Primeiro disse seu nome, depois disse:

- Fui indicado para representar uma nova linha de trabalho que Karran está iniciando com ela. Com a ficha na mão, caminhamos para o corredor. Depois de passarmos pela porta transparente, ele tornou a entregar a ficha para o senhor que ali ficava sentado. Dessa vez o professor me levou a uma sala que eu não conhecera da vez anterior. Nessa sala havia vários médicos. Fui apresentada a todos, mas, a um deles, em

especial. O professor me disse que ele se chamava Hulff e que era o médico responsável por uma das equipes que trabalhava naquele hospital. Para mim esse foi um momento bastante emocionante, porque era a primeira vez que eu estava sendo apresentada pelo professor a alguém fora da matéria. É bom lembrar aqui que essa não foi a primeira vez que eu vi e conversei com pessoas diferentes, porém, foi a primeira vez que eu fui apresentada a alguém e soube o seu nome. Por esta razão, esse momento foi, e continua sendo, um dos muitos momentos importantes do meu aprendizado fora do meu corpo físico.

Após as apresentações, o professor explicou ao Dr. Hulff o motivo pelo qual eu estava com ele e também porque eu estava no hospital. Dr. Hulff conversou um pouco comigo. Acho que para saber como estava, naquele momento, meu nível de raciocínio e de entendimento. Também percebeu logo que eu não tinha nenhum entendimento sobre medicina. Foi por isso que ele resolveu que a melhor maneira para eu aprender seria acompanhar os trabalhos, sempre que me fosse possível. Em seguida o Dr. Hulff convidou a mim e ao professor para acompanhá-lo ao ambulatório. Quando lá chegamos, vi que todas as pessoas que ali estavam, excetuando-se os médicos e as enfermeiras, tinham acabado de perder a matéria. Estavam tendo, naquele momento, os primeiros atendimentos após a perda do corpo físico. Dr. Hulff me disse que todos os médicos que atendem no ambulatório são clínicos gerais e que todos fizeram medicina na nossa frequência física. Continuou me explicando que ali era definida a causa mortis e que, depois dessa definição, as pessoas eram encaminhadas para as equipes especializadas em cada caso. Para que eu pudesse ter melhor entendimento do que estava me dizendo, pegou algumas fichas já prontas e foi conversar com cada uma das pessoas que estavam registradas naquelas fichas. Por estar com as fichas, ao chegar perto de um paciente já o chamava pelo nome. Fazia-lhe então estas perguntas: - O que aconteceu com você? – O que lhe trouxe aqui?

Enquanto a pessoa respondia, ele usava o estetoscópio como se estivesse ouvindo seu coração. Tirava a pressão. Depois apertava várias partes do corpo do paciente e perguntava se estava doendo. Depois ele perguntava se a pessoa sabia onde morava. Qual o nome de seus parentes mais próximos, como pai, mãe, marido ou mulher, e também a pergunta principal: se a pessoa sabia o nome daquele hospital e onde ele

ficava. Percebi que qualquer que fosse o nome que a pessoa desse para o hospital, ele concordava. Agia da mesma forma em relação a sua localização. Quando já estávamos voltando, fiz-lhe esta pergunta:

- Dr. Hulff, por que estava concordando com as pessoas quando elas diziam o nome e endereço deste hospital errados? Eu não ouvi nenhuma delas responder corretamente a esta pergunta.

- Para aquelas pessoas que acabaram de chegar, este hospital pode ter o nome e o endereço que elas quiserem. Somente depois que elas, com a nossa ajuda, se livrarem das sensações da matéria física, é que teremos meios de mostrar-lhes que este hospital não existe no plano físico. Assim com também elas não mais fazem parte dele. Respondeu ele.

Eu queria fazer mais perguntas, porém o professor me disse que eu não deveria, pois era necessário que assimilasse uma coisa de cada vez.

Depois, por que a pressa? Como ser humano eu fazia parte da eternidade, portanto, tempo para aprender não me iria faltar.

O professor despediu-se do Dr. Hulff. Eu fiz o mesmo.

Então, eu e o professor voltamos pelo mesmo caminho, até sairmos do prédio. Quando já estávamos do lado de fora, eu disse para o professor que estava muito emocionada. Mais uma vez sua resposta me impressionou.

Ele estava pedindo que tentasse me controlar ao retornar para a matéria, porque aquela emoção que eu estava sentindo, tinha sido motivada fora da frequência física. Portanto, era uma emoção muito forte e diferente, e que isto podia assustar a minha matéria. Disse-me ainda que isto não era bom, porque uma matéria assustada pode dificultar nossa consciência quando estamos nela. Depois desta explicação ele me trouxe para o meu corpo físico.

## PRIMEIROS MOMENTOS APÓS A PERDA DO CORPO FÍSICO

Nas noites que se seguiram, continuei ainda tendo aquelas confusões que são naturais em uma pessoa que está aprendendo a dominar o seu corpo. Aprendendo também a dominar sua consciência quando está fora de seu corpo físico. Esta afirmação talvez seja de difícil entendimento para uma pessoa que não pratica os exercícios e que também não tem acesso consciente ao mundo espiritual. Mas para mim e para as pessoas, que, como eu, de alguma maneira, praticam algum exercício que lhes dê a consciência, nós sabemos das dificuldades que temos para controlar nossa consciência quando estamos fora da frequência física. Pois estamos acostumados, há milhares e milhares de anos, a ter consciência limitada, e esta limitação existe em razão do acidente que sofremos na matéria, como disse Karran.

Também acredito ser do conhecimento de várias pessoas que, quando saímos de nosso corpo, carregamos conosco, durante um bom tempo, energia da matéria. Esta energia nos limita e esta limitação nos confunde.

Agora relatarei minha terceira visita consciente àquele hospital.

Quando lá cheguei, fui encaminhada junto com o professor para a sala onde o Dr. Hulff se encontrava. Ele continuou tão atencioso quanto da primeira vez, quando nos conhecemos durante minha segunda visita ao hospital. Dr. Hulff me fez uma série de perguntas relacionadas com o entendimento das coisas que eu tinha visto e ouvido quando da minha primeira aula com ele. Este fato foi para mim uma grande novidade, como tudo que vinha acontecendo, desde que tive minha primeira saída consciente. O professor estava calado e nos observava, enquanto o Dr. Hulff me fazia repetir fatos de minha estada com ele. Fiz como de costume. Respondi a todas as perguntas que ele me fazia, mas, enquanto respondia, olhei para o professor e tive medo. Medo que ele sáísse e fosse embora me deixando ali sozinha com o Dr. Hulff naquele hospital. Este medo foi aumentando à medida que o Dr. Hulff falava. O mais interessante é que, embora

estivesse consciente de estar fora do meu corpo físico, consciente de que a morte não existe, mesmo assim, tive medo. Medo do Dr. Hulff e das demais pessoas. E foi em função deste medo que eu dei um dos meus primeiros vexames, isto porque, enquanto o Dr. Hulff falava comigo, o professor, que até então estava parado, resolveu caminhar dentro daquele ambiente. Esse gesto, vindo da parte do professor, fez com que eu pensasse que ele estava indo embora. Foi então que o medo tomou conta totalmente de mim e não mais resisti. Corri para o professor:

- Por favor professor! Não me deixe aqui sozinha com ele! Eu tenho medo do Dr. Hulff, ele é morto! Implorei.

Ao ouvir-me dizer estas palavras, o professor caminhou comigo para junto do Dr. Hulff. O professor pegou em minha mão, e enquanto a segurava me fez as seguintes perguntas:

- O que sente quando pego em sua mão? Você sente a forma da minha mão? Você sente que eu tenho consistência ao me tocar ou não?

- Sim, professor, eu sinto a sua mão.

Quando eu disse isto, ele pegou a mão do Dr. Hulff e a pôs sobre a minha, dizendo:

- Toque a mão de Hulff. Veja se sente diferença.

Muito devagar e preocupada, peguei a mão dele enquanto olhava para o professor, que me perguntou:

- Tem diferença?

- Não, não tem. Respondi.

- Então por que você tem medo dele e não tem medo de mim? Perguntou o professor.

- Professor, você já me ensinou que existem duas categorias de seres humanos, uma que foi criada com registro de matéria, e a outra que, como você, não tem registro. Portanto, você não é morto, pois nunca teve matéria, mas o Dr. Hulff me disse que todos os médicos que trabalham neste hospital estudaram medicina na frequência física, e na frequência física, quando a gente vê alguém que já morreu, estamos vendo uma assombração. Era disto que eu estava me lembrando enquanto ele falava comigo, e foi

por isto que eu lhe disse que ele é morto. Antes que o professor dissesse alguma coisa, Dr. Hulff ficou de pé, dizendo:

- Não se preocupe. Você não é a primeira pessoa que me diz isto, também não será a última. Aqui neste hospital, ouvimos esta frase todas as vezes que alguém adquire consciência de que não mais pertence ao mundo físico. Agora venha. Vamos ao ambulatório.

Caminhei junto com ele e o professor. Quando lá chegamos, Dr. Hulff foi direto para junto de uma mulher que dizia estar passando mal para ganhar um bebê. Ela tinha acabado de chegar. Fiquei espantada com o fato de que ela, mesmo tendo perdido a matéria, ainda tinha a barriga grande, como se o neném estivesse ali dentro. Dr. Hulff conversou com aquela mulher, disse-lhe que ia fazer uma cirurgia para retirar o bebê. Vi que todas as providências para a operação foram imediatas. Quando ela estava indo para a sala de cirurgia, perguntei ao doutor se ia mesmo retirar o neném de dentro dela. Ele disse que não, mas que era necessário remover o volume energético de seu ventre, para que ela pudesse se livrar do registro das contrações do parto. Assim teria rápida recuperação. Caso contrário, ela iria também se recuperar, porém com lentidão, e isto, às vezes, deixa marcas tão profundas, que são necessárias várias passagens pela frequência física para que a pessoa possa realmente se livrar das sensações do trauma que lhe foi imposto pela perda da matéria.

Em seguida perguntei ao professor, como era possível que tudo isto acontecesse com o ser humano. Vi porém, que sua resposta, em razão da pergunta, foi curta, como quem ainda não quer falar sobre o assunto. Foi assim que ele me respondeu:

- O ser humano, como parte da Criação, é o que maior força possui. E como força, teria que haver equilíbrio. Como este equilíbrio ainda não é possível, esta força humana é mais destrutiva que construtiva. Por esta razão, muitas coisas que aqui existem hoje, só foram criadas para ajudá-los a recuperar o equilíbrio perdido.

Não foi difícil perceber que ele não queria se estender mais no assunto. Também, vi que Dr. Hulff ia entrar na sala de cirurgia, mas antes que ele entrasse, despediu-se de mim e do professor, prometendo que eu iria acompanhar a recuperação daquela paciente, se minha consciência permitisse.

Quando já estávamos voltando para a minha matéria, perguntei ao professor se eles iriam mesmo cortar, abrir a barriga daquela mulher como é feito na frequência física. Ele me respondeu que se isto fosse necessário para que ela se sentisse melhor, sim, cortariam.

## O GUARDIÃO

A promessa feita pelo Dr. Hulff de que eu iria acompanhar o processo de recuperação daquela mulher, aumentou, e muito, minha disposição para praticar os exercícios que Karran me ensinara. Estes exercícios são responsáveis pelo acesso que venho tendo ao mundo espiritual. Também, pelo que hoje sei, Karran se tornou, a partir do momento em que comecei a praticar os exercícios, o responsável, na matéria, pela minha orientação e desenvolvimento. Em outras palavras, o meu professor.

Creio que, sem sua ajuda, eu jamais teria conseguido aprender e desenvolver esta capacidade sem trilhar o caminho misterioso e conturbado da mística.

Homem portador de um conhecimento sobre o mundo espiritual e material, até então, para mim, infinito, ao terminar de explicar alguma coisa, me pede sempre para não cometer o erro de interpretar o que ele me diz. Eis o que ele diz sobre isto: “A interpretação dos fatos só mostra a falta de entendimento sobre os mesmos, pois se entendemos, não interpretamos, sabemos”.

É bom lembrar que ele, Karran, também me pede para que não interprete as palavras da pessoa que assumiu o compromisso de me orientar na frequência extrafísica. Também conforme suas palavras: já temos entendimento suficiente para aprender e participar do mundo espiritual. Por esta razão, não precisamos mais de meias palavras e nem de frases obscuras.

Fui e continuo sendo incentivada por estes dois homens a caminhar em busca do conhecimento.

Muito embora eu tenha praticado diariamente os exercícios desde que os aprendi, percebi, naquela época, que estava longe de atingir o que seria o ideal: o controle da matéria que me permitiria sair do meu corpo com consciência diariamente. Mas isto não me desanimava. Quando algum tempo depois, eu consegui, o professor me levou novamente para aquele hospital. Quando lá chegamos, o Dr. Hulff não estava na sala,

como de costume. Ele estava atendendo os doentes. Fomos levados até ele por uma outra pessoa. Desta vez ele demonstrou satisfação em me ver e deixou que eu acompanhasse seu trabalho. Mais uma vez, fui a vários quartos.

Eu estava ansiosa para ver aquela mulher. Por isto perguntei ao Dr. Hulff como ela estava. Ele me disse que estava bem, mas que ficava em outra ala e que nós iríamos até lá. No caminho, entre uma ala e outra, Dr. Hulff parou para conversar com um médico que o procurava para falar sobre uma pessoa que acabara de chegar. Pareceu-me, no momento, que este paciente já era conhecido do Dr. Hulff, porque, não sei como, percebi uma certa tristeza entre os dois médicos. Dr. Hulff perguntou para o outro médico qual tinha sido a causa. Ele lhe respondeu que era “C.A.” na cabeça. Foi então que tive certeza de que a pessoa era conhecida do Dr. Hulff, pois ele disse para o outro médico que encaminhasse o paciente à equipe do Dr. Chen para fazer uma cirurgia.

Depois disto fomos visitar a mulher, mas eu sentia que o Dr. Hulff estava diferente. Tenso ou triste. Disse-lhe que se quisesse ir ver a pessoa que acabara de chegar, eu e o professor esperaríamos ali e, quando ele voltasse, nós iríamos ver a mulher. Mas ele respondeu que não era caso para ele, e, mesmo que fosse, não poderia atender por se tratar de um de seus parentes de matéria.

Chegamos ao quarto. Ele abriu a porta. Quanto entrei, vi que a mulher não tinha mais o volume na barriga e nem se contorcia de dor. Porém, ela estava muito quieta. Dr. Hulff se aproximou e começou a examiná-la. Então ela lhe fez uma pergunta, querendo saber se seu marido já tinha dado notícias, se já tinham mandado fazer o enterro do bebê. Também vi o Dr. Hulff fingir que não sabia de nada do que estava acontecendo, dando-lhe respostas pouco convincentes, como por exemplo: “não creio que seu filho já tenha sido enterrado, afinal, não tem tanto tempo assim que você foi operada. E quanto ao seu marido e parentes, todos estavam à sua espera aqui no quarto quando você voltou da sala de cirurgia. Se me lembro bem, ele passou a noite com você. Mas ele não deve demorar, portanto, fique calma”.

Ouvi-a perguntar também quando ia fazer sua primeira refeição, pois tinha fome. Dr. Hulff perguntou o que ela gostaria de comer. Ela disse que preferia uma sopa. Ele pegou a ficha e fez algumas anotações. Quando saímos do quarto, ele chamou uma das enfermeiras daquela ala. Passou a ficha pedindo que fosse satisfeito o desejo de

alimentação daquela mulher. Depois pediu a presença de um guardião. Logo em seguida um rapaz se colocou à disposição do Dr. Hulff, que lhe pediu para ir aonde aquela mulher morava com o marido e verificar a possibilidade de trazê-lo imediatamente para visitá-la. Quando o rapaz saiu, eu quis saber o que era um guardião, pois, para mim, esta palavra tinha conotação bíblica. Dr. Hulff me disse que em hospitais como aquele, eles eram responsáveis em manter o ele que liga os pacientes com a frequência física enquanto esta necessidade se fizer presente. Naquele momento era necessário que aquela mulher visse e conversasse com seu marido para se tranquilizar. Foi então que eu quis saber se o marido iria se lembrar de que esteve com ela. Dr. Hulff disse que, como se tratava de algo muito marcante, dificilmente ele não se lembraria, mas que por não saber explicar o que aconteceu, a realidade se passaria por um sonho.

Estas palavras do Dr. Hulff mexeram muito com meu lado emocional. De repente eu percebi como nós, seres humanos, somos inconscientes da realidade do mundo que nos cerca. Como somos também indefesos diante da realidade da criação. Fiquei pensando o quanto aquele acidente, que Karran mencionou como causa da nossa inconsciência, nos prejudicou, nos limitou em nossa percepção da realidade humana. Por isto, quando retornei à matéria, não suportei a tristeza e chorei. Chorei muito, e pela primeira vez eu não estava chorando por uma pessoa. Nem de raiva, como é comum. Também não era de dor. Era pelo que de mais sagrado existe para mim, os ser humano.

## RECUPERAÇÃO DE IMAGEM

Quero que saibam que os dias que se seguiram não foram fáceis para mim. Porém, quando tornei a sair consciente, expus ao professor tudo o que estava acontecendo comigo, e como eu me sentia com esta nova realidade que me estava sendo mostrada. Ele ouvia atentamente enquanto eu falava. Fiz-lhe algumas perguntas. Eu queria saber porque tinha chorado quando retornei à minha matéria da vez anterior. Também quis saber porque estava sentindo tanta tristeza, e principalmente, porque eu não sentia vontade de conversar com as outras pessoas, preferindo passar a maior parte do tempo calada.

Como sempre, o professor falou muito pouco, mas o suficiente para que eu entendesse o que estava me acontecendo. Disse-me que eu só chorei por ter trazido para a minha matéria, emoções pertencentes somente ao mundo espiritual. E quanto à tristeza que estava sentindo, ele explicou que a gente não se livra de um sentimento adquirido fora do corpo físico, quando está nele. A não ser com o passar do tempo e este, no meu caso, ainda era muito pouco. Já o fato de não querer falar, devia-se ao meu entendimento sobre o mundo e as pessoas. Também segundo ele disse, este é um comportamento considerado normal por eles, porque quanto mais entendemos menos falamos. Depois que terminou de falar fomos para o hospital. Quando lá chegamos, Dr. Hulff me levou para visitar alas e equipes de tratamento intensivo para recuperação de aspectos fisionômicos. Ali fiquei sabendo o quanto as salas de cirurgia eram importantes para aquele tipo de tratamento, pois como disse o Dr. Hulff, nada deprime mais o ser humano do que saber que sua aparência é desagradável para os outros. Fui levada a uma das salas para ver como fazem essa recuperação.

Na mesa havia um homem para ser tratado, ou melhor, para ter seu aspecto recuperado. Naquela sala, eu, Dr. Hulff, como também o professor, éramos espectadores. Foi então que fiz uma pergunta para o Dr. Hulff. Eu queria saber se a aparência daquele

homem seria mudada para uma outra. Ele disse que sim, e não. Dizendo isto, levou-me para perto daquela mesa onde o referido senhor estava deitado. Pediu que eu o olhasse bem. A princípio não estava vendo nada além daquele rosto cansado e desgastado com o tempo, pois aquele homem tinha uma aparência de pelo menos oitenta anos. Os médicos da equipe que iam fazer o tal tratamento se aproximaram. Perto da mesa havia instrumentos cirúrgicos e equipamentos. Vi que um deles começou a conversar com o velho. Perguntou como ele estava se sentindo, se tinha medo. O velho respondeu que estava se sentindo bem, mas que sempre teve medo de operação, por achar que morreria quando isto acontecesse. Foi então que o médico disse que ele podia ficar tranquilo, porque isto não aconteceria. O médico perguntou também se ele queria dizer ou fazer alguma coisa antes de começarem a trabalhar. O velho pediu para rezar e todos esperaram que ele fizesse suas orações. Enquanto ele rezava, observei que todos na sala ficaram em silêncio absoluto. Quando terminou, o médico que antes havia falado com o paciente, continuou. Ele lhe disse que iam começar a trabalhar, fazendo a anestesia, mas que ele não dormiria, e, para evitar a perda da consciência, os dois conversariam todo o tempo que durasse o tratamento. O velho concordou e tudo teve início. Vi, então, que todos os médicos, que estavam perto da mesa, seguravam pontas de tubos que estavam presos em grandes bolas transparentes fixadas no teto, acima daquela mesa. Aquelas bolas tinham cores diferentes: branco, amarelo, azul, verde, vermelho, rosa e lilás. Não eram cores opacas, mas sim translúcidas, e se movimentavam dentro dos tubos que os médicos seguravam. Vi também que eles colocaram, nas pontas daqueles tubos, bicos com regulagem. Tudo estava pronto. Todos os tubos cheios com a cor respectiva das bolas. De onde eu estava, vi na formação daqueles tubos, as cores do arco-íris.

Tudo era muito bonito, mas também bastante intrigante. Mas, o mais impressionante estava ainda por vir. O Dr. Hulff pediu para que eu observasse o paciente. O médico que estava à sua cabeceira continuava a conversar com ele, enquanto os demais médicos observavam em silêncio. Foi então que, durante a conversa do médico com o paciente, ouvi o médico conduzir o assunto para a vida física daquele homem, da seguinte maneira: primeiro o médico quis saber onde o velho tinha nascido. Depois os nomes de seus pais. Também quis saber como tinha sido a infância do paciente. Notei que algumas coisas ele respondia rápido, outras, ele tinha que pensar um pouco para

responder. Mas, quando o médico encaminhou suas perguntas para a adolescência e juventude, eu tive a impressão de estar presenciando um milagre, tão grande foi a minha emoção. Naquele momento, enquanto o velho respondia às perguntas do médico, vi sua aparência começar a mudar. Uma outra imagem jovem e forte se sobrepôs à fisionomia velha e cansada daquele homem. É certo que esta imagem não era nítida, mas os dois aspectos estava ali, eu os estava vendo. Mas o médico continuou perguntando. Em seguida quis saber com quantos anos e onde ele havia se casado e, também, como se chamava a sua mulher. Enquanto ele respondia, aquela imagem, que estava se sobrepondo à figura envelhecida daquele homem, ia ficando cada vez mais forte, mais nítida, porém transparente e até então, mudando de acordo com a época. O médico continuou com suas perguntas e sempre estas perguntas faziam com que o velho, ao responder, tivesse que raciocinar, pois a resposta estava sempre ligada a uma época de sua vida física. E, assim, a conversa foi sendo conduzida. Porém, para meu espanto, houve um momento em que a imagem sobreposta ficou ainda mais nítida. Quando o médico dirigiu as suas perguntas para datas mais recentes, o velho respondeu, porém, a imagem não acompanhou a época, como vinha fazendo até aquele momento. Notei, então, que o médico voltou suas perguntas para épocas anteriores. Ele respondeu, mas a imagem sobreposta também não acompanhou a resposta, permanecendo sem alterações. O médico chegou mesmo a insistir, com perguntas de épocas mais recentes, porém não adiantou. O paciente respondia a todas as perguntas, mas a imagem não se modificava. Então, o médico que estava fazendo as perguntas olhou para os outros, que estavam em volta da mesa, e, com um movimento afirmativo de sua cabeça, todos começaram a trabalhar. Pegaram os tubos com as pontas reguláveis que eles haviam colocado e começaram a aplicar jatos de cores em pontos específicos do corpo do paciente, da seguinte forma: o primeiro no alto da cabeça, o segundo no centro da testa, o terceiro na garganta, o quarto no peito, o quinto na altura do estômago, o sexto no abdômen, e também perto da área em que estavam os órgãos sexuais. Enquanto essas cores estavam sendo aplicadas, a imagem sobreposta ia ficando cada vez mais nítida. O médico que tinha dado a ordem para que os outros fizessem aquelas aplicações, pediu com gestos, que eles parassem. Depois o médico pediu ao paciente que tentasse virar de bruços na mesa. Não foi difícil para ele, que o fez rapidamente. Quando já estava virado,

os médicos colocaram, juntos, todos os bicos com cores ao longo de sua coluna, até a altura do cóccix. Começaram a aplicar as cores do cóccix para cima, alternadamente, sendo que o último a fazer esta aplicação, foi o que estava com o aparelho apoiado na altura da nuca do paciente.

Pareceu-me que estava tudo terminado. O médico pediu ao paciente que se sentasse na mesa e tentasse descer dela sozinho. O homem o fez até que com bastante agilidade. Quanto se sentou para descer da mesa ficou de frente para o lugar onde eu, Dr. Hulff e o professor estávamos assistindo. Eu, então estava olhando para seu rosto de frente. Foi com espanto e emoção que pude ver sair daquela mesa um velho novo. Digo um velho novo, porque o aspecto predominante era o de um homem de mais ou menos quarenta anos. Mas eu podia ver, através de sua nova aparência, a imagem anterior do velho, que não tinha ainda desaparecido por completo.

O velho queria saber dos médicos o que havia lhe acontecido, pois ao sair da mesa, notou que tudo em seu corpo estava diferente. Ele olhava para suas mãos, braços e pernas, emocionado, e caminhava na sala de um lado para o outro, pedindo explicações aos médicos sobre o que lhe havia acontecido. Nenhum deles respondeu, mas em cada rosto eu via um sorriso e uma expressão emocionada, em razão do que eles haviam acabado de fazer. A emoção do velho era tão grande que, naquele momento, era quase impossível alguém lhe dar alguma explicação. Mas eu vi que a emoção tomou conta de todos, até mesmo o professor parecia ter sido envolvido por aquele momento.

Os médicos e o paciente saíram da sala. Nela ficaram apenas o Dr. Hulff, o professor, eu e o médico responsável pelo tratamento que eu havia presenciado. Ele veio para perto de nós. Começou a conversar com o Dr. Hulff e o professor. Fui apresentada. Então, fiquei sabendo que seu nome era Alan.

Dr. Alan começou a conversar comigo, pois, assim como eu estava espantada e emocionada com o que tinha visto naquela sala, também ele dizia estar, da mesma forma, com relação à minha presença naquele local. Dr. Alan perguntou ao professor qual era o meu entendimento sobre aquela freqüência e o que eu iria fazer, ao retornar para a minha matéria, consciente do que tinha acontecido naquela sala. Não sei qual foi a resposta do professor para o Dr. Alan, porque eu estava, naquele momento, indo em direção à mesa

com o Dr. Hulff, para ver de perto os tubos coloridos. Dr. Hulff explicou que dentro daquelas bolas transparentes havia energia retirada de pacientes nas salas de cirurgia.

Para que eu pudesse entender do que ele estava falando, ele me lembrou da paciente grávida. Disse-me que o ventre daquela mulher estava carregado de energia física, e que por esta razão, ela tinha aquele volume na barriga. A função dele e de sua equipe era remover e armazenar aquela energia, pois isto daria alívio à mulher. O que eu estava vendo, em forma de cores naqueles tubos, eram essas energias. Ali, naquela sala, elas eram usadas para a recuperação de aspectos fisionômicos.

Perguntei ao Dr. Alan se ele ainda iria tornar aquele paciente mais jovem. Ele disse que não, por ser aquela aparência a que o paciente mais gostava. Caso não fosse assim, a imagem teria fixado em outro momento de sua vida física, e que a função dele, ali naquela sala, era buscar exatamente este momento em cada pessoa que chegava para ter seu aspecto recuperado.

Disse-me também que o tratamento daquele paciente ainda não tinha terminado, e que ele fora encaminhado para uma outra equipe. Esta equipe iria tratar de sua recuperação psicológica, pois já era tempo de ele tomar conhecimento de que não mais pertencia ao mundo físico. Quando este trabalho estivesse concluído, o homem voltaria àquela sala, para a conclusão, também da recuperação de sua aparência. Então ele estaria pronto para participar normalmente do mundo espiritual.

Depois conversamos mais um pouco, até o Dr. Hulff despedir-se do Dr. Alan. O professor e eu fizemos o mesmo e viemos embora.

Saímos daquela sala e fomos em direção à recepção do hospital. Antes de despedir-se o Dr. Hulff perguntou o que eu estava achando do meu aprendizado sobre o mundo espiritual e o ser humano. Eu respondi que, naquele momento, era para mim impossível falar alguma coisa, pois a emoção que estava sentindo não me permitia raciocinar para responder. Ao me ouvir dizer isto, parou e ficou olhando bem nos meus olhos, por alguns instantes. Depois, sem mais tocar no assunto, despediu-se de nós e viemos embora.

Quando já estávamos do lado de fora do hospital, tentei pergunta alguma coisa para o professor, mas ele não permitiu. Ele me disse que eu não deveria, pois o caminho do conhecimento é cheio de indagações, mas também de reflexões, e aquele era um

momento em que eu deveria refletir e não perguntar. Depois disto me trouxe em silêncio para o meu corpo físico.

## HOSPITAL CATÓLICO

Depois que presenciei, fora do meu corpo físico, o milagre da renovação humana, algo estranho aconteceu comigo. Comecei a me sentir mais confiante em relação à vida e à morte. O medo que atormenta a todos, de repente, já não me perturbava mais, pois eu perdera o maior dos medos: o medo da morte. Só então eu pude ver como esse medo nos limita na vida física e extrafísica. Após presenciar o trabalho de recuperação de aspectos fisionômicos, tive a certeza de que nós, seres humanos, tínhamos chance fora do corpo físico. Pois até mesmo a velhice, que aqui é encarada como doença, tinha cura.

Desta época para cá, comecei a ver o mundo e as coisas que nele existem de maneira bastante diferente. A vida a partir de então, para mim, deixou de ter a conotação anterior, segundo a qual, o homem nasce, cresce e morre, como aprendi na minha religião: e que somente suas boas ações ficavam registradas na lembrança de Deus para uma possível ressurreição. Então eu passei a me sentir segura com relação à vida. Eu tinha certeza de que a vida era um dom divino e não um prêmio por nossas boas ações, como nos querem impor alguns grupos ou organizações.

É sempre bom lembrar que eu não sou contra nenhum grupo ou seita religiosa. Isto porque dentro do meu aprendizado me foi mostrada a importância de cada um desses grupos na nossa frequência física. Também é certo que não concordo com muitos métodos usados nesses grupos, mas quem sou eu para discutir este assunto? Para dizer o que está certo ou errado? Principalmente, depois de ouvir de Karran que “tudo o que existe foi ou é necessário”. Por esta razão não farei nenhum comentário, limitando-me apenas a relatar as minhas experiências, como venho fazendo até agora.

Relatarei agora a minha sexta visita consciente ao hospital. Dessa vez, quando lá cheguei, junto com o professor, Dr. Hulff perguntou-lhe se eu já poderia acompanhá-lo a um outro hospital. A princípio notei, pela conversa, que Dr. Hulff estava preocupado. Porém, o professor lhe disse que não havia nenhum inconveniente. Ele disse que eu talvez não entendesse o que ia ver, mas tinha certeza de que essa visita a um outro

hospital ia me propiciar entendimento sobre muitas coisas às quais eu vinha tendo acesso, desde que nos conhecemos e ele passou a me ensinar.

Sáímos, então, os três para visitar o outro hospital. Quando chegamos ao pátio, fiquei surpresa ao ver que, juntamente com as pessoas que estavam indo em direção à recepção, havia algumas freiras. Olhei para o professor, mas foi o Dr. Hulff quem me falou:

- Não se espante, este é um hospital católico.

O fato de ter visto as freiras não me impressionou tanto quanto o de tê-lo ouvido dizer “hospital católico”. Até aquele momento eu ainda não tinha tido acesso, fora do meu corpo físico, a nada que fizesse lembrar de grupos religiosos. A não ser aquele senhor que teve seu aspecto recuperado, pois ele pediu para rezar e todos respeitaram sua vontade, ficando em silêncio enquanto ele fazia suas orações. Dr. Hulff viu que eu tinha ficado um pouco preocupada. Mesmo assim caminhamos os três para a recepção.

Na entrada havia algumas coisas diferentes do hospital anterior. A recepção não era tão grande e também não havia poltronas, mas sim grandes bancos de madeira. Pareceu-me também que ele era mais sombrio. Mas isto, acredito, era devido ao fato de suas paredes serem cinzentas e não brancas como no outro hospital. Na recepção havia uma imagem de Cristo crucificado, coisa que também não havia no outro. Vi padres entrando nos quartos, levando nas mãos um terço e um livro preto que entendi ser a Bíblia. Fui apresentada a uma madre superiora, chefe do local. Esse hospital também era muito grande e, nele, muitos médicos e enfermeiras se movimentavam, dando atendimento aos doentes.

A todas as alas visitadas pelo Dr. Hulff, eu o acompanhei. Porém o professor não me deixou perguntar nada, pedindo que apenas observasse o que pudesse. Nesta minha saída, fiquei sabendo que o Dr. Hulff trabalhava também em outros hospitais, pois tinha vindo visitar alguns pacientes. Também nesse hospital fiquei conhecendo um outro médico, amigo do Dr. Hulff. Ele me foi apresentado e se chamava Lino.

Dr. Lino me disse que, quando tinha matéria, estudara medicina infantil. Era, portanto, um pediatra, mas, naquele hospital, estava exercendo outra área da medicina. Conversamos também sobre outras coisas, mas creio que ele não gostaria que eu relatasse essa conversa, pois ela tinha fundo bastante íntimo, relacionado com sua

passagem aqui, por nossa frequência física. Enquanto conversávamos, Dr. Hulff terminou o que fora fazer e voltou para onde eu estava com o professor e o Dr. Lino. Nós havíamos ficado em um dos corredores das alas de quartos. Digo ala de quartos porque ali também havia alas coletivas, onde muitas pessoas ficavam em um mesmo ambiente. Nessa ala em que ficamos esperando o Dr. Hulff, só havia pacientes que estavam em processo de conscientização da nova condição de vida, a vida extrafísica. Foi ali que eu tive a grande surpresa desta experiência. Passaram por nós um padre e algumas freiras, e o padre estava usando aqueles paramentos de missa. Pareceu-me um pouco apressado. Resolvi perguntar aos doutores se estava acontecendo alguma coisa. Dr. Lino respondeu rapidamente:

- Estão indo para a capela. Vão rezar.

Eu me lembro que pus a mão na cabeça e pronunciei apenas uma palavra:

- Rezar?

Nesse momento o professor me pediu que não falasse, mas apenas observasse e esperasse. Não demorou e ouvimos um som de música sacra que parecia ecoar por todo o hospital. O som era tão limpo e bonito que fiquei encantada. A música não estava alta. Mesmo assim, o som foi diminuindo e, enquanto diminuía, a voz de uma pessoa que rezava foi crescendo, tomando o ambiente juntamente com a música. A voz passou para o primeiro plano e a música ficou de fundo. Nesse momento notei algo que eu considero muito importante. A voz era de apenas uma pessoa, mas ela ecoava no hospital em vários idiomas ao mesmo tempo. Enquanto eu estava ali, admirando com emoção o que ouvia, outra coisa me chamou a atenção. De todos os quartos saíam pessoas que caminhavam em direção ao que o Dr. Lino havia dito ser a capela. Depois que todos passaram, Dr. Hulff disse que já podíamos sair se quiséssemos, pois ele já tinha feito tudo o que fora fazer. Eu queria ficar mais um pouco, para continuar ouvindo a música e as orações. Pedi que me levassem até a capela, para que eu pudesse ver de perto aquele culto religioso que me parecia tão bonito. Mas o professor achou melhor que eu não o assistisse naquele momento, por isto fomos embora.

Quando já estávamos do lado de fora, perguntei ao Dr. Hulff, porque o Dr. Lino estava exercendo uma função que não era a dele. Dr. Hulff respondeu que ele ainda estava em fase de adaptação, e que em razão disto, sua função ainda não era definida.

Dr. Hulff foi embora e eu pensei que o professor já ia me trazer para a matéria, mas, em vez disto, ele me convidou para sentar do lado de fora do hospital. Não entendi a razão desse convite mas sentei-me. Ele fez o mesmo. Sentou-se e ficou quieto, em silêncio. Quando vi que ele não falava nada, perguntei:

- Por que sentamos aqui?

Disse que era para que eu pudesse ouvir as orações e os cânticos religiosos que tanto queria. Foi então que eu percebi, que, mesmo estando do lado de fora, podia ouvir com clareza o que estava acontecendo lá dentro. Por isso eu quis saber por que saímos do hospital, já que eu podia ouvir o que se passava lá dentro.

- A razão pela qual saímos é simples e complexa. Disse o professor. E continuou: simples para falar sobre o assunto, mas complexa para entendê-lo. Portanto, vejamos qual vai ser o seu entendimento. Por causa do acidente de que Karran lhe falou, o ser humano, em estrutura física, sofreu inibição quase que total nos pontos de alimentação energética. Esta inibição causou bloqueio na área de distribuição dessa energia recebida pelo corpo físico, causando, com isso, diferenciação da distribuição dessa energia no ser humano. Aí estava criado algo que até então não existia, não só no plano físico como também no plano espiritual, pois, até essa época, os dois planos trabalhavam em perfeita harmonia.

Com a inibição energética no plano físico, o entendimento se tornou diverso. O esquecimento de quem estava no plano físico, com relação ao plano espiritual, foi total. E o ser humano, quando em estrutura física, começou a se dividir em grupos de acordo com o funcionamento de suas áreas energéticas. Isto porque a igualdade das áreas energéticas em funcionamento lhes dava também visão, raciocínio e entendimento parecidos, e isto determinou a formação de grupos. Por entendimento da situação, o plano espiritual, para atender às necessidades do plano físico, teve que se organizar também em grupos, de acordo com a necessidade de cada grupo formado do plano físico. Uma dessas necessidades é a não interferência no plano físico na atuação de cada grupo. Você tem matéria. Então, para que você possa assistir ao trabalho de cada grupo, é necessário ter autorização.

Depois de me dar estas explicações, ficamos ali mais um pouco ouvindo o belíssimo culto religioso que estava sendo realizado lá dentro. Quando ia começar o sermão do padre, o professor me chamou para que fôssemos embora.

Já no meu corpo físico e ainda sob o efeito encantador da música religiosa, comecei a pensar em tudo o que o professor me havia dito. Relembrando a conversa, percebi que ele estava me falando das mesmas coisas que Karran já havia falado, quando do meu primeiro encontro com ele. Ou seja, a queima de nossos neurônios e o conseqüente rebaixamento do funcionamento cerebral, que nos causou o esquecimento da nossa origem física, como também a perda do contato com o mundo extrafísico. Naquela noite também vi claramente a diferença de linguagem que existe entre o professor e Karran, ao se referirem a um mesmo assunto, pois, quando utilizou esta expressão: “estrutura física”, ele estava se referindo ao que karran chama de corpo físico. Para explicar-me o que Karran já me havia dito serem as entradas e saídas de energia no nosso corpo, o professor disse: “A estrutura física do ser humano sofreu inibição quase que total nos pontos de alimentação energética”. E ao se referir ao cérebro, ele usou as seguintes palavras: “Esta inibição causou bloqueio na área de distribuição dessa energia recebida pelo corpo físico”. Como vêem, as colocações de um e de outro, sobre o mesmo assunto dão margem a um erro que cometemos sempre que se trata de informações dadas por pessoas de um outro planeta ou do mundo espiritual, como diz o professor. Costumamos pensar que eles estão dizendo mais do que o alcance das palavras que foram ditas no momento, e, em razão disto, começamos a usar o nosso raciocínio, não para entender, mas para interpretar o que foi dito. Então, tudo o que foi dito, num determinado momento, perde o sentido e nós deixamos de lado o entendimento para darmos vazão à fantasia a que a interpretação nos dá acesso. Lembro-me bem quando Karran me pediu para que não cometesse este erro, pois como ele disse: “A interpretação dos fatos só mostra a falta de entendimento sobre os mesmos, pois, se entendemos, não interpretamos, sabemos”.

Eu sempre procuro, em razão destas palavras de Karran, não ampliar o alcance daquilo que me é dito. Fazendo isto, eu estou me dando chance para aprender, e, conseqüentemente, passando esta chance para quem desejar.

## A REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA

Depois de ter estado no hospital católico, ter visto padres e freiras, ter ouvido parte do culto, senti que algo em mim havia mudado. Eu tinha ficado tremendamente sensível. Minhas emoções ganharam proporções até então não percebidas por mim. Esta mudança foi tão brusca que pensei que havia me convertido ao catolicismo. A necessidade de estar novamente em contato com as coisas que dizem respeito à religião era tão grande que eu comecei a fazer algo que nunca tinha feito antes, em razão das minhas crenças anteriores. Como protestante, minha visão sobre o catolicismo era quase a mesma que tinha com relação ao espiritismo e às demais religiões que não estivessem de acordo com o que eu havia aprendido. O que me ensinaram na Assembléia de Deus e também nas Testemunhas de Jeová, foi que eles estavam com Deus, ou Jeová, portanto, estavam com a verdade sobre o homem, o universo, e, conseqüentemente, possuíam conhecimento sobre Deus. Os outros grupos existentes teriam sido criados pelo diabo para enganar os seres humanos e desviá-los do propósito divino em relação à humanidade. Portanto, se não fosse a súbita mudança que me ocorrera, eu jamais teria entrado em uma igreja católica com o objetivo de sentir a mesma sensação e o encanto que tanto me fizeram bem no hospital católico. Lembro que, naquela época, passei a ir à igreja católica até duas vezes por dia: quando ia para o meu trabalho e quando voltava, à tarde, para casa. Também me lembro que eu não ia à igreja nos horários de cultos, por pensar que o movimento de gente pudesse atrapalhar, quebrar a emoção que eu sentia. Por esta razão eu preferia o horário em que a igreja estivesse vazia. Também nunca fui à igreja com o objetivo de rezar, pelo menos, não da maneira como rezam os católicos. Mas à minha maneira, eu rezava. Quando estava na igreja, sentada em silêncio, agradecia a Deus por me haver ensinado os exercícios que estavam me colocando em contato com a grandiosa realidade humana. Mas os dias foram passando e a minha freqüência à igreja também foi diminuindo. Não que houvesse deixado de sentir o que estava sentindo mas por haver descoberto que o que eu sentia estava comigo e não em um determinado lugar.

Creio que o fato de estar encantada com o que ouvi no hospital católico, fez com que o professor me levasse, depois disso, quando eu saía do meu corpo físico, para ver e estudar outras coisas que não estivessem relacionadas com fé ou religião. Por causa disso comecei a estudar, com o professor, os minerais, suas formas e suas energias. Embora eu quisesse, naquela época, continuar a ter minhas aulas com o Dr. Hulff, o professor disse que eu não estava preparada para continuar a ter acesso aos hospitais religiosos, pois ele havia percebido que eu ainda estava muito vulnerável à religião. Esta fragilidade me impediria de continuar a ter uma visão lógica e clara do mundo espiritual e eu cairia mais uma vez na religiosidade. Caso isto viesse acontecer, eu estaria me afastando totalmente do propósito inicial que Karran me ensinara, que é, não o caminho da fé, mas sim o da autoconsciência.

Depois que o professor me disse o motivo de não continuar, por algum tempo, naquela linha de estudo anterior, percebi como ele estava certo com relação a mim. Vi, também, como eu me conhecia pouco, pois, se não fosse ele, com sua sabedoria e seu conhecimento sobre mim, eu facilmente teria mudado o propósito do meu aprendizado. Foi para que isto não acontecesse que continuei estudando a função dos minerais para o ser humano, até que pudesse me lembrar do hospital católico com a mesma naturalidade com que eu via as demais experiências. Pois quem tem consciência da importância de cada coisa que lhe acontece, também tem chance de analisar cada uma dessas coisas. Essa análise mostra se você realmente aprendeu alguma coisa. A emoção tira de nós, seres humanos, exatamente essa visão que nos dá chance de raciocinar. Como diz o professor, raciocinar sim, com emoção não. Ele considera a emoção um dos sentimentos mais fortes que o ser humano possui, por isto tira a chance de raciocínio.

O tempo foi passando e, com ele, a emoção que me envolveu no hospital católico. Somente então comecei a pensar no porquê de existirem cultos religiosos no mundo espiritual. Por mais que eu tentasse entender não conseguia, porque todo o meu aprendizado, até aquele momento, me mostrava que a matéria humana tinha sido bloqueada no acidente que sofremos, como diz Karran. Também palavras dele: somente um registro nosso não foi apagado; aquele que nos diz que a ajuda para sairmos dessa situação viria do alto, portanto, do céu. Esse registro permanece até hoje. Também em razão desse registro, a salvação tornou-se, para nós, a única saída do abismo que a

amnésia da consciência nos causou. A partir do meu primeiro contato com Karran, comecei a ver os grupos religiosos com muito carinho, muito respeito, pois eu via nesses grupos a tentativa constante, a busca da consciência, que eles chamam de salvação. Mas havia algo que me perturbava bastante. Eu não estava conseguindo ver a razão de haver religião no mundo espiritual, já que este não sofreu bloqueio com o acidente. Depois de tentar entender sem conseguir, resolvi perguntar ao professor. É bom lembrar que, quando resolvi fazer esta pergunta, já fazia quase um ano que eu estava estudando os minerais com o professor. Portanto, quase um ano desde que estivera no hospital católico. Quando fiz essa pergunta, notei que o professor, antes de responder, olhou-me por alguns segundos. Depois me fez dizer qual havia sido o raciocínio que me levava a fazer aquela pergunta. Somente após ter me ouvido desenvolver meu pensamento ele falou:

- Nós, que pertencemos a esta freqüência humana (mundo espiritual), realmente não sofremos o bloqueio que foi imposto à freqüência física pelo acidente. Por isso nossos sentidos permanecem como foram criados e nossa percepção também. Por esta razão não precisamos fazer orações, e nem necessitamos de religião para sentirmos a presença maior, a presença divina, como você diz. Essa presença, em nós, é uma constante. Nós sabemos e sentimos a existência desta força criadora. Mas para recebê-los em nosso mundo, após a perda da matéria, muita coisa teve que ser criada e adaptada de acordo com a crença de cada grupo, pois a crença é determinada pelo número de impulsos cerebrais, a freqüência e a vibração de cada grupo. Para ajudá-los a recuperar a consciência nesta freqüência, procuramos não deixar que as pessoas que aqui chegam, após a perda da matéria, percebam que já passaram pela morte física. Assim temos meios de ajudá-los na recuperação da consciência. Para que a pessoa tenha chance, tudo fazemos, inclusive a representação religiosa.

- Mas professor, se a religiosidade surgiu por causa do bloqueio, como é que ela pode nos ajudar no plano extrafísico? Perguntei.

- Se você, no plano físico, está acostumada com determinadas coisas, somente através delas podemos lhe mostrar que aqui não são necessárias. E o entendimento desta desnecessidade tem que caminhar na mesma proporção que levou a pessoa a

aceitar aquele fato como verdade. Sei que você não é diferente, portanto, palavras não vão lhe convencer. Terá que ver e participar para entender.

Depois de me dizer que eu teria que participar para entender, não demorou muito tempo, ele voltou meus estudos para que aqui chamamos de religiosidade. Nessa época, lembro-me bem, eu comecei a perceber o significado da palavra amor, da qual falamos tanto, mas não sentimos quase nunca. Vi também como nós estamos longe de colocar em prática este sentimento, pois como diz o professor, amor se sente. Agir de acordo com o sentimento é espontâneo, e isto não se aprende, faz-se por sentir e por entender.

Antes de voltar ao hospital para continuar meu aprendizado, o professor me levou mais uma vez para ouvir aquela parte do culto que tanto me havia impressionado da última vez que fui ao hospital católico. Continuei achando uma maravilha, mas ao retornar para meu corpo físico, não senti a mesma emoção que tomou conta de mim da vez anterior. Depois disso eu queria saber do professor o que tinha me acontecido. Por que me emocionei tanto da primeira vez e da segunda não. E quando eu novamente saí, disse ao professor como estava me sentindo e fiz minhas perguntas. Ele disse que várias coisas haviam contribuído para que eu me sentisse daquela maneira. Primeiro, o vínculo religioso em mim era muito forte, pois eu, em matéria, tinha sido criada dentro da religião. Segundo, eu não fora alertada antes para este fato, pois somente com a surpresa eu mostraria minha reação Diante do fato. Assim teriam como avaliar meu entendimento e comportamento ante o inesperado, pois o mundo espiritual é cheio de surpresas. Mas algo que não estava programado para aquela minha experiência também aconteceu. Em razão da minha surpresa, veio a emoção, e esta mexe com a pessoa energeticamente. Além disso, como a música é frequência vibratória, isto fez com que eu demorasse a me reestruturar psicologicamente, mantendo a emoção por mais tempo. Mas, como disse ele, assim que me reestruturei emocionalmente, assumi de novo a busca da autoconsciência.

## O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

O tempo foi passando e meus estudos na freqüência extrafísica estavam divididos, de uma lado, em comportamento e adaptação do ser humano ao mundo espiritual, e de outro, na importância dos minerais para o equilíbrio dos seres humanos quando estamos na matéria. Qualquer que fosse o tema que eu estivesse estudando, sempre gostava, mas o comportamento e a adaptação do ser humano ao mundo espiritual sempre me chamou mais a atenção. Acredito que isto se deve ao fato de eu também ser um ser humano. Este estudo ajuda no entendimento das coisas que acontecem comigo, como também do que acontece com as outras pessoas, principalmente quando os acontecimentos estão relacionados com o trabalho que eu venho desenvolvendo junto a um grupo de pessoas, que se propuseram, assim com eu, a praticar os exercícios que Karran me ensinou.

Como devem saber, autoconsciência não se adquire de um dia para outro. Principalmente porque a autoconsciência envolve muito estudo, muito entendimento, e nem sempre nós, quando estamos fora do nosso corpo físico, temos controle dos nossos sentidos. Esta falta de controle retarda bastante nosso entendimento.

Agora falarei da minha tentativa de entender o porquê de haver religião no mundo espiritual. Quando o professor me disse que palavras não iriam me convencer e que eu teria que participar para entender, ele estava totalmente certo a meu respeito. Daquele dia em diante, passou a me levar para visitar hospitais e grupos religiosos. Naquela época comecei assistindo, na capela do hospital o sermão do padre, algo que eu tanto queria. Antes que nós entrássemos para assistir à missa, o professor me pediu que prestasse bastante atenção nas palavras que o padre usava para compor o seu sermão. Tudo era muito bonito, mas aquele sermão, para mim, estava errado, pois em nenhum momento ele se referiu ao céu ou ao inferno. Também não falou no pecado e nem no purgatório, e, quando se referia a Deus, era para mostrar a força de seu amor, que é tão grande que nos fez eternos para participarmos da grandiosidade do universo que Ele, como pai, nos

deu de presente. Também neste sermão eu ouvi falar do rompimento da consciência, que fez com que um dos nossos lados estivesse sempre na obscuridade. Ele dizia: “O ser humano, por ser um ser pensante, também é um ser criativo. É um ser que busca e quer aprender. Mas a busca do conhecimento foi interrompida na frequência física, e em razão desta interrupção, o homem, criatura divina, se tornou limitado perante o mundo que o cerca. Pois o homem, que possui duas vidas concretas, é infinito. Houve, porém, um momento em que ele se viu limitado a uma dessas vidas. Pois, quando nascemos, filhos de um pai e de uma mãe, recebemos um dos mais lindos presentes que um ser humano pode ganhar, dado a ele por um outro ser humano, que busca, no ato de presentear, manter sua continuidade. É bom observar que o ser humano sempre quer permanecer existindo. Sabem por que? A resposta é: simplesmente porque ele existe”.

Nesse trecho do sermão, o padre usou um exemplo que chamou bastante minha atenção. Dizia ele, referindo-se à existência dos dois mundos: “O dia e a noite foram criados para deleite do ser humano. E o homem, através de uma grande ponte de luz, deveria ter acesso ao dia e à noite. Então, através dessa ponte, muitos que estavam na noite começaram a passar para ver o que havia no dia. Mas, de repente, a ponte de luz desapareceu, deixando um abismo intransponível entre o dia e a noite. Aqueles que de alguma maneira vieram da noite para o dia atravessaram a ponte. Sabem agora o que existe no dia e na noite, mas os que permaneceram na noite não sabem o que existe no dia. Portanto nós, que atravessamos a ponte e que estamos agora no dia, devemos ativar sempre nossa memória para nunca esquecermos dos que na noite permaneceram. Pois, sendo a noite escura, a visão é limitada, e cabe a nós que estamos deste outro lado, portando, no dia, construir com a força que Deus, nosso pai, nos deu, a ponte de luz que liga o dia e a noite. A ponte que livrará o homem da inconsciência, e o colocará em contato com o universo e a eternidade que lhe pertence, e, assim, estaremos fazendo valer a palavra “eterno”, como sempre Deus, nosso pai, quis que fôssemos”.

Ainda nessa minha experiência, pude observar, naquelas pessoas que ali estavam assistindo ao culto, que muitas, com o sermão, estavam prestes a cair na realidade da morte física. Porém, tudo dentro da capela estava preparado para este despertar, e quando alguma pessoa começava a dar algum sinal que mostrasse estar recuperando a consciência, uma das freiras se aproximava dela, e ambas saíam da capela. Quando o

culto terminou, perguntei ao professor o que iria acontecer com elas, agora que sabem que não têm mais matéria física.

- Serão levadas para um grande salão, onde muitas outras pessoas as estarão esperando. Inclusive amigos e parentes que já pertencem a esta frequência. Neste momento ela precisa de muito apoio, porque agora é que ela vai sentir a maior das dores, a dor de saber que perdeu a única coisa que era realmente sua, o corpo físico.

- Mas professor! Saber que não se morre é tudo o que o ser humano quer! Então por que a dor? Perguntei.

- A estrutura física, para quem tem registro de matéria, é uma parte que nenhum ser humano quer perder, pois ele está acostumado a agir no plano físico. Portanto, mesmo sabendo que não morre, ele se sente incompleto, como na realidade está.

- Professor, eu já vi muita gente trabalhando aqui. Médicos, enfermeiras, padres e freiras. Mas o que fazem as pessoas que não têm estas profissões aqui? Voltei a perguntar.

- Nosso sistema de vida, é, na realidade, muito diferente da maneira como vocês vivem. Mas após a conscientização da morte física, todos continuam tendo a atividade que quiseram. Aqui temos todas elas, e temos também todo tipo de estudo, pois a única coisa que o ser humano não pode ter é inércia mental. A falta de atividade, aqui nesta frequência, o desqualifica para uma nova vida física.

Ficamos mais um pouco dentro da capela, e o professor me deu mais explicações sobre o grande número de grupos religiosos existentes no mundo espiritual. Ele disse que todos os grupos existentes na matéria têm representação em seu mundo, pois todas as pessoas merecem a mesma atenção. Também me disse que eu iria com ele visitar estes grupos em seus templos e hospitais. Enfim, eu iria ver tudo que envolve a conscientização do ser humano no mundo espiritual. E foi com esta promessa que ele me trouxe de volta para minha matéria.

## O TEMPLO DOS ORIXÁS

Quando, na experiência anterior, eu tive a oportunidade de assistir a um culto religioso, fiquei vários dias pensando a que ponto nossa inconsciência modificou o mundo espiritual. Conhecendo o meu professor, e sabendo que ele é uma pessoa que nunca teve matéria por não ter este registro, comecei a fazer uma análise comparativa entre ele, os médicos, eu, e as demais pessoas que já tinha conhecido no mundo espiritual.

A distância com respeito ao conhecimento, que o separa de nós, chega a ser gritante. Isto é tão presente nele que, às vezes, uma palavra que ele diz esclarece pontos obscuros que acompanham a humanidade em tudo o que pensa ou faz. Esta diferença não está apenas na maneira de falar. Está também em suas atitudes, aparência e gestos. Quando me refiro à aparência, não estou querendo dizer que ela é diferente da nossa, e sim tentando explicar o inexplicável, pelo menos para quem não sai do corpo físico e nem participa do mundo espiritual. Mas assim como eu participo desse outro lado da nossa existência, sei que muitas são as pessoas que também fazem esta travessia. E tenho certeza de que essas pessoas sabem, quando estão no mundo espiritual, da diferença entre ele, o professor, e nós, seres humanos, que habitamos um corpo físico cheio de limitações. Mas espero que, um dia, toda a humanidade possa, assim como eu, participar e diferenciar este maravilhoso mundo em que vivemos.

Dentro da linha de estudo que escolhi para esse trabalho, cheguei à minha nona visita a hospitais extrafísicos. Certa noite, assim que me vi consciente fora do meu corpo físico, vi que o professor estava à minha espera. Lembro-me, também que, ao vê-lo, pedi desculpas por ter demorado tantos dias para conseguir sair do meu corpo físico com o nível de consciência necessário para que minhas aulas continuassem. Mas ele não demonstrou, nem por um segundo, estar preocupado com este fato. Ao contrário, disse-me ele:

- A sabedoria e a humildade fazem parte do espírito humano. Mesmo que não percebas, te falo todos os dias e te ouço todas as noites.

Confesso que nem sempre eu entendia o que estava dizendo, e esta foi uma afirmação que, na época, eu não entendi. Em seguida, ele me levou para o primeiro hospital que conheci. Quando lá chegamos, encontramos Dr. Hulff. Ele me disse que o professor ia me levar para conhecer outras linhas de trabalho, e que ele gostaria de ir junto para observar meu entendimento e minhas reações diante do que me seria mostrado. Para ele, conforme explicou, isto era importante, para que soubesse, cada vez mais, como trabalhar com as pessoas que necessitam da ajuda dele no plano espiritual. Mas ele só iria se eu o permitisse, pois o professor já lhe tinha dado permissão. Enquanto Dr. Hulff falava, eu fui ficando com medo do que ia ver naquela noite, e fiquei me lembrando da cidade dos mortos, onde tive tanto medo. Foi então que perguntei ao professor:

- Nós não vamos voltar à cidade dos mortos, não é professor?

- Não! Não vamos.

Logo depois saímos e o professor me levou junto com o Dr. Hulff, para que eu visse hospitais e templos pertencentes a outros grupos religiosos existentes no nosso plano físico. Tudo o que vi naquela noite mexeu com as minhas emoções. Mas, a cada explicação que me era dada, eu percebia que as coisas, no mundo espiritual, não poderiam realmente ser montadas de maneira diferente, em razão da nossa atuação na matéria e da falta de conhecimento da existência da vida após a perda do nosso corpo físico.

Até aquele momento, tudo estava indo muito bem. Eu já estava até achando que o meu entendimento estava muito bom, e só me foi possível ver que não estava, quando chegamos ao hospital espírita. Porque, eu não estava preparada para encontrar, no mundo espiritual, esta religião que eu desprezei e combati até meus vinte e oito anos de idade, quando encontrei Karran pela primeira vez.

Nossa entrada nesse hospital não foi diferente daqueles que já tínhamos visitado naquela mesma noite, pois em todos eles, o professor se apresentava dizendo que ele estava representando uma nova linha de trabalho que Karran tinha iniciado comigo aqui na Terra. Ele explicava também que deste trabalho fazia parte o conhecimento sobre o mundo espiritual e a autoconsciência. Dizia ainda que ele tinha sido escolhido para representar esse trabalho e me acompanhar no conhecimento do mundo espiritual.

Depois de conhecer o hospital, fomos conhecer seu templo, pois, no mundo espiritual, o templo de cada grupo religioso fica localizado ao lado de seus hospitais. Do lado de fora, nada de estranho. A aparência era como a dos demais templos que eu já tinha visto, exceto pela forma que era circular. Na porta, dois homens negros vestidos de branco pareciam estar de guarda. Para passar por eles o professor os cumprimentou dizendo uma frase em um idioma que eu não conhecia. Enquanto dizia essa frase, ele os reverenciou com um gesto que eu achei muito estranho, pois não lhes estendeu a mão. Apenas movimentou seu tronco de um lado para o outro, inclinando a cabeça para frente. Também o Dr. Hulff disse a mesma coisa e fez os mesmos gestos. Cada um dos dois homens que estava na porta do templo portava uma grande lança de madeira, que eles cruzavam sobre a porta. Eles movimentaram seus braços batendo uma lança contra a outra. Depois do terceiro toque eles retiraram as lanças do caminho e nós entramos. Ao entrarmos no templo, eles cruzaram suas lanças e novamente bateram uma na outra mais três vezes. Quando nós atravessamos a porta, eu tive surpresa e medo. Surpresa, ao ver que aquele templo não tinha o luxo e nem a pompa que ostentavam os outros que já tinha visto. Medo, porque eu tinha sido condicionada pela minha religião, a temer o espiritismo, e essa era minha primeira visita a um templo espírita. Na matéria, fisicamente, eu nunca sequer tinha ido a um centro.

Quando já estávamos do lado de dentro, imediatamente notei que o templo, por dentro, era muito maior do que parecia quando estávamos do lado de fora. O ambiente estava repleto de gente trajando roupas típicas, destas que se pode ver vestindo as imagens, nas lojas que trabalham com material especializado dessa religião. Também não tinha o mesmo tipo de iluminação dos templos que já tinha visto fora do meu corpo físico. Aquele ambiente estava banhado por uma luz amarela. Por isso era muito diferente pra mim. Quanto ao piso, parecia ser de chão batido. No meio daquele templo havia um círculo grande que saía do chão. Esse círculo tinha mais ou menos um metro de altura e, dele, saía uma luz prateada que não se misturava com a luz amarela do ambiente. Por essa razão, eu tinha a impressão de que todas as pessoas estavam sob uma chuva cujas gotas eram luminosas e prateadas. Ali dentro todos cantavam e formavam um belo coral. Mas, dessa vez, eu não entendi o idioma, diversamente do que aconteceu quando eu estava no hospital católico. Mesmo sem entender o que cantavam, não pude deixar de me

emocionar com a beleza da música. É bom lembrar que não havia som de nenhum instrumento musical, nem mesmo os instrumentos de percussão, que aqui no plano físico são muito comuns. Havia somente vozes humanas, masculinas e femininas, pois, naquele ambiente, trajando roupas típicas, também havia mulheres.

Notei algo que despertou a minha curiosidade: naquele ambiente não havia um branco sequer; todos trajavam roupas típicas e eram negros. Portanto, as únicas pessoas que não eram negras ali, naquele momento, éramos eu, o professor e o Dr. Hulff. Enquanto eu observava esses detalhes no ambiente, nós ficamos parados, esperando a oportunidade de nos dirigirmos a alguém, como pensei naquele instante. Todos estavam de pé e pareciam muito envolvidos pela música que cantavam. Mas, enquanto cantavam, um homem estava calado e de pé na beira daquele círculo, e olhava para dentro dele sem desviar o olhar. Enquanto ele olhava, o professor me chamou para que eu me aproximasse junto com ele do círculo luminoso. Eu tive medo, não queria ir, mas aquele homem da beira do círculo, sem desviar o olhar do mesmo, estendeu-me a mão e chamou-me com um gesto. Acho que nunca tive tanta vontade de sair de um lugar como tive naquele momento, pois eu estava com medo de me aproximar do lugar onde ele estava. Olhei para o professor, e vi em seu olhar uma expressão de reprovação. Então, muito a contragosto, me aproximei, junto com ele e o Dr. Hulff. Ao chegar perto do círculo vi que dentro dele parecia haver água. Mas era uma água estranha pois, ao mesmo tempo em que emitia aquela luz prateada, dentro dela havia uma série de imagens de pessoas vestidas com roupas iguais à do homem que estava ali olhando para dentro do círculo. E quase todas estavam segurando uma outra pessoa, que parecia estar dormindo enquanto os outros estavam estranhos, pois dançavam e cantavam e tinham duas imagens. Enquanto eu olhava, perguntei ao professor o que era aquilo que eu estava vendo dentro daquela água.

- Você está vendo a única maneira que nós encontramos para despertar aqueles que se condicionaram a morrer, como você viu na cidade dos mortos.

- Mas professor, então eles acordam com esta energia e a música?

- Não. Eles se condicionaram a esta inconsciência quando tinham seus corpos físicos. Por esta razão, somente um corpo físico pode lhes devolver a consciência.

Enquanto o professor falava, eu estava observando atentamente o que estava vendo dentro daquele círculo. Eu quis saber onde estava acontecendo tudo aquilo que eu estava vendo. O professor me disse que era nos templos que pertencem à frequência física.

- Nos centros, professor?

- Sim! Nos centros.

Enquanto o professor me dava suas explicações, o coral mudou para um ritmo mais rápido. Pensei que alguma coisa fosse acontecer ali naquele ambiente. Por isso deixei de olhar para o círculo e fiquei olhando para as pessoas ali presentes. Mas o professor me pediu que continuasse a olhar dentro do círculo. Foi então que eu pude ver como fazem para despertar os “mortos”. Vi aquelas pessoas, que tinham imagem dupla, estenderem as mãos para os que carregavam os adormecidos. Estes se aproximavam e entregavam os que dormiam. Quando os que dormiam já estavam com os que tinham imagem dupla, uma coisa incrível acontecia: primeiro, aquele que recebia a pessoa que dormia colocava a mão sobre a sua cabeça. Depois ela começava a liberar faíscas de energia, que partiam de toda a mão, deixando a pessoa adormecida com uma espécie de brilho que ela não tinha antes. Em seguida a isto, a pessoa retirava a mão da cabeça daquele que parecia estar morto e pegava em suas mãos. Em seguida o trazia para junto de seu corpo, dando-lhe um grande abraço. Este gesto era repetido por três vezes, sendo que, na terceira vez, ela puxava o adormecido com força, colocando-o no lugar em que antes ela estava. Agora essa pessoa estava atrás do corpo físico que usara, e o que dormia estava no corpo físico em seu lugar. Mas o que saía do corpo não se afastava, e mantinha as mãos apoiadas no corpo que, então, estava sendo usado pelo que dormia. Os outros que tinham corpo físico, aproximavam-se fazendo uma roda, pois o que dormia não conseguia manter o corpo de pé, e ele não podia cair. Então eles começaram a girar o que dormia sem deixá-lo cair, até que no meio do giro e da música, o que dormia abriu os olhos. Eu estava muito assustada vendo tudo aquilo acontecer, principalmente por ver que nem todos os que despertavam ficavam quietos. Muitos começavam a gritar, chorar e se debater, como se estivessem possuídos por alguma coisa ruim. Mas as pessoas do centro não pareciam se incomodar com o que estava acontecendo, tomando apenas o cuidado de não deixar que o outro machucasse o corpo que estava usando. Pouco

depois, eles foram retirados do corpo e entregues às pessoas que os tinham levado até aquele lugar. Mas os que estavam se debatendo não paravam, mesmo depois de estarem fora do corpo, e eram retirados imediatamente do ambiente onde estavam. Perguntei ao professor o que iria lhes acontecer agora que estavam conscientes. Ele respondeu que iriam para os hospitais de seus grupos, para serem tratados, a fim de recobrem a lucidez e a nova conscientização.

Enquanto o professor me respondia, o homem que estava de pé na beira do círculo levantou as duas mãos. Quando ele fez este gesto, todos pararam de cantar, e, um outro, usando uma roupa diferente, se aproximou do círculo. Mas, antes que ele começasse a olhar para dentro dele, os dois se cumprimentaram tocando os ombros, fazendo o mesmo movimento que o professor e o Dr. Hulff tinham feito do lado de fora, antes de entrarmos no templo. A única diferença foi a seguinte: o professor e o Dr. Hulff não tocaram os dois guardas da porta, mas lá dentro, os dois homens estavam se tocando. Então o professor se afastou do círculo e pediu para que eu e o Dr. Hulff fizéssemos o mesmo. A música recomeçou, mas já não era a mesma.

O homem que antes estava na beira do círculo veio em nossa direção. Chegou perto do professor e o cumprimentou, usando o mesmo toque ombro a ombro. Com o Dr. Hulff foi feito a mesma coisa, mas, ao se dirigir a mim ele me cumprimentou apenas com um movimento de cabeça. Neste momento o professor nos apresentou. Ele me disse seu nome e o professor explicou que ele era um orixá. Um dos doze orixás que deram início ao grupo espírita aqui em nossa frequência física.

- Professor, por que todos neste ambiente são negros? Perguntei.

- Porque este grupo teve origem na pessoa do mundo espiritual que orientava a raça negra na frequência física.

- E por que não se cumprimentaram dando as mãos, como todo mundo faz, professor?

- Esta é uma pergunta interessante. Eles somente adotaram esta maneira de cumprimentar quando o homem negro foi subjugado pelo homem branco. Este movimento, entre eles, simbolizava as algemas que o homem branco colocou no homem negro, na frequência física.

- Professor, mas por que eles deixaram que isto acontecesse? Por que não lutaram contra a escravidão?

- Quando o acidente solar atingiu nosso sistema, na Terra física, onze raças tinham iniciado a reprodução do corpo físico, e, no mundo espiritual, todos os que tinham registro da frequência física, organizaram-se para ocupar corpos físicos que lhes dessem chance de realizar da melhor maneira, suas aspirações. Mas havia um grande número de pessoas que tinha como objetivo o trabalho duplo, pois necessitavam de um corpo físico, mas também necessitavam atuar no mundo espiritual. Depois de muitos estudos que fizeram, chegaram à conclusão de que a matéria negra era a única que lhes daria esta possibilidade na época. Eles começaram a ocupar essas matérias e a cumprir seus objetivos. Mas com o acidente, tudo foi modificado. Os objetivos de todos sofreram alterações, mas a matéria negra, por ser a mais pacífica de todas, manteve nela implantado o registro do mundo espiritual. E a escravidão só foi possível porque o homem negro nunca foi guerreiro, mas sim muito pacífico, por estar sempre voltado para o mundo espiritual.

Enquanto o professor me falava, aquele orixá que tinha vindo nos cumprimentar, mudou sua aparência para a de um homem bem parecido com o meu professor, e quando ele estava pronto nos chamou para sairmos do ambiente. Quando já estávamos do lado de fora, fiz àquele homem apenas uma pergunta: eu quis saber se ele gostava do que fazia e ele me respondeu desta maneira:

- Gosto de ajudar meu semelhante, mesmo quando não sou entendido por ele.

Não sei porque, mas quando eu ouvi aquele homem dizer esta frase, eu me lembrei de uma outra. Não igual, mas com sentido bem semelhante, que é: "Pai, perdoai, eles não sabem o que fazem". E enquanto o professor me trazia para meu corpo físico, pude ver a grandiosidade de um grupo que eu nem sequer sabia existir.

### III PARTE

#### COMO CAMINHA O CONHECIMENTO

#### AS SETE FONTES DE ENERGIA

Quando tive essa experiência, eu já vinha tendo acesso ao mundo espiritual há quase sete anos. Foi durante esse tempo de estudo que tomei conhecimento da cidade dos mortos, dos hospitais e seus templos. Também nesse mesmo período comecei a estudar os minerais, suas formas e a importância que cada um tem para o nosso bom desempenho em nossa frequência física. E confesso que foi maravilhoso descobrir a vida energética dos minerais e como essa energia atua em nossa frequência física em forma de consciência. Também aprendi como equilibrar nosso sistema energético utilizando a energia das árvores. Porém como neste relato escolhi uma linha de trabalho que mostre a vida dentro da vida, estou me limitando a relatar experiências que envolvam particularmente o ser humano, suas crenças e o mundo espiritual. Quando me refiro ao mundo espiritual, não estou falando de um mundo que está fora do nosso alcance, como normalmente costumamos pensar! Refiro-me, isto sim, a um mundo paralelo, que existe conjuntamente com o nosso mundo físico. E nós só não o vemos por não termos capacidade visual para tanto, assim como não temos capacidade visual para vermos o mundo microscópico. No entanto, todos já aceitam a existência do mundo microscópico, pois este já pode ser visto através de lentes que nos mostram sua realidade. E, como prova dessa realidade, temos a atuação desse mundo, até há bem pouco tempo invisível, atuando visivelmente em nossa matéria física. Quer queiramos ou não, ele faz parte do nosso mundo. Muitas vezes ele nos ajuda, outras vezes nos prejudica. Pois o mundo espiritual não é diferente e o fato de a maioria não o ver, não significa que ele não existe.

Karran, com sua sabedoria e paciência, sabe que nós, seres humanos deste planeta, só seremos realmente completos no dia em que deixarmos de teorizar sobre este mundo e partirmos para a prática e a convivência real com este lado da nossa existência, o mundo espiritual. E é deste mundo e nossas confusões que venho falando até agora, pois o acesso que tenho a este outro lado de nossa existência, creio ser do interesse de todos os que vivem em busca deste conhecimento.

Certa noite, quando saí do meu corpo físico, o professor estava à minha espera. Lembro-me de que eu estava muito agitada, nervosa, pois durante o dia, eu havia tido uma grande discussão com uma pessoa de um grupo religioso, que achava que eu, por não ser um modelo de perfeição, não poderia ter acesso ao mundo espiritual, como eu falava que tinha. Tentei relatar ao professor o que me havia acontecido, mas ele não deixou, dizendo que tinha assistido a toda a conversa que tive com aquela pessoa. Foi então que lhe fiz esta pergunta:

- Professor, também achas que não sou perfeita? Aquela pessoa me disse que alguém como eu, que bebe, fuma e come carne não poderia, de maneira alguma, ter acesso ao mundo espiritual!

- Não se preocupe, disse ele. Se você parar e pensar, verá que ao homem foi dado, como alimento, tudo o que na terra existe, e se fuma e bebe como disse, é porque ao homem foi dado o conhecimento, e este conhecimento deu a ele o poder de transformar uma coisa em outra, e tudo que você usa faz parte do conhecimento humano. É bom lembrar que a pessoa mais respeitada, hoje, em seu mundo, quando lá estava era chamado de beberrão e desordeiro, e hoje é considerado um modelo de perfeição. Como vê, tudo é uma questão de época, e no momento não queremos que você se preocupe com isto, pois não queremos que você seja perfeita. Queremos, sim, que você seja consciente, pois, quem é autoconsciente, acaba sendo, um dia, perfeito.

- Professor, que tantos corpos são estes a que aquela pessoa se referia? Ela disse que temos sete corpos e eu, até agora só vi dois; o que está no plano físico, e este aqui, no plano espiritual. Onde ficam os outros, professor?

- Vou lhe mostrar. Respondeu ele.

Depois de dar esta resposta, ele me convidou a sair, para que eu pudesse ver o que iria me mostrar. Quando já estávamos indo, fiquei preocupada e com medo do que ia ver. Então lhe fiz esta pergunta:

- Professor, nós vamos sozinhos?
- Sim, não vejo necessidade de termos mais alguém conosco!
- Mas eu vejo, professor! Já que estou com medo, quem sabe, eu ainda não esteja preparada para ver meus outros corpos?
- Está sim! Mas se quiseres, podemos levar mais alguém.
- Então vamos levar o Dr. Hulff, pois ele já teve matéria, por isto ele sabe o que é o medo.
- Se quiseres, o levaremos.

Quando encontramos o Dr. Hulff, eu lhe pedi que nos acompanhasse, e, como não houve recusa de sua parte, saímos os três para que eu pudesse ver o que o professor ia me mostrar. Chegamos então a um lugar todo coberto por uma névoa branca. Mas aquela névoa não parecia neblina, como nós estamos acostumados a ver. Ela tinha mais o aspecto de uma nuvem, porém, mais branca e com mais brilho.

Ainda do lado de fora eu parei e fiquei olhando para o professor e o doutor, e lhes fiz esta pergunta:

- Nós vamos entrar aí?
  - Sim, vamos. Respondeu o professor.
- O Dr. Hulff veio para perto de mim, pegou em minha mão dizendo:
- Não estás com medo! Ou estás?
  - Sim, Dr. Hulff estou, pois tenho a impressão de que vamos entrar no céu. Aquele céu tão sonhado por todos nós, seres humanos. E se for isto, eu não quero ir, pois não me sinto digna de conhecer tal coisa.

Quando terminei de explicar ao doutor o motivo do meu medo, o professor olhou para mim dizendo:

- Não. Aqui não é o céu tão sonhado por todos que na sua Terra vivem, nem tampouco é o paraíso que tens como origem da vida. Mas aqui, por detrás desta barreira áurica, estão as fontes que alimentam energeticamente o mundo espiritual, e, até certo

ponto, o mundo físico também. E somente aqui poderás ver o que deu início, em seu mundo, à idéia das dimensões e dos vários corpos que discutias tanto no período do dia.

E sem dizer mais uma palavra, ele caminhou para junto daquela névoa. Eu e o doutor fomos juntos. Quando começamos a atravessar aquela névoa, parecia que todo o meu corpo estava eletrizado, pois estalava em vários pontos e dele, ao mesmo tempo, saíam reflexos de luz. Também do corpo do doutor saíam fagulhas de luz e havia o mesmo ruído, como se estivesse estalando. Mas com o professor isto não estava acontecendo.

Quando terminamos de atravessar aquela névoa brilhante, eu tive a estranha e maravilhosa sensação de estar dentro de um espelho, de tão translúcido que era o ambiente. Em uma das extremidades daquela barreira áurica, como disse o professor, estavam localizados, em posição vertical, sete pontos de luz, com cores diferentes. E essas luzes pareciam estar por trás de uma barreira invisível, pois elas não se propagavam no ambiente em todas as direções. Quero lembrar que, quando eu me refiro aos sete pontos, não quero dizer que eles eram pequenos. Muito ao contrário, eles se pareciam com grandes sóis dos quais as luzes partiam até a outra extremidade do ambiente. Do lado de fora do ambiente interno aquelas luzes formavam uma espécie de cachoeira colorida, porém dessa cachoeira não caía água, mas sim energia pura. Sei que, com palavras, dificilmente conseguirei passar a beleza do que vi naquela noite, e muito menos a emoção que senti, pois as palavras tornam-se sem valor, diante de tanta beleza. Enquanto eu estava como que paralisada vendo tudo aquilo, o professor chamou a minha atenção dizendo que íamos caminhar dentro daquela luz. Quando o ouvi dizer isto, não tive a menor reação. Meu estado de espírito, naquele momento, não me permitia. O professor pegou em minha mão e caminhei com ele até a extremidade onde a luz se dispersava caindo em forma de cachoeira. Quando lá chegamos, o professor esticou as duas mãos, colocando-as para se banharem naquela energia. Quando as retirou, vi que ambas estavam carregadas de energia vermelha, e era um vermelho tão bonito, tão translúcido, como eu jamais tinha visto em lugar nenhum.

Então ele dirigiu suas mãos para mim, colocando-as na altura do meu estômago. Este gesto fez com que toda aquela energia passasse para o meu corpo. Quando olhei para a região na qual ele tinha aplicado aquela energia, vi que ela brilhava e estava

emitindo e recebendo energia vermelha. Perguntei ao professor por que ele tinha feito aquilo. Ele respondeu que era para que nós pudéssemos caminhar dentro daquela fonte.

Quando eu estava entrando junto com o professor, chamei pelo Dr. Hulff:

- Doutor, venha doutor!

Mas ele me olhou dizendo:

- Não. Aí você tem que ir sozinha. Eu ficarei aqui à sua espera.

Entrei puxada pela mão. Do lado de dentro, quando o professor me soltou, eu me vi caminhando em câmera lenta dentro daquela luz. Eu não via mais nada, a não ser o professor, que caminhava à minha frente, indo em direção àquele sol vermelho. A minha sensação era a de estar em outro universo, uma outra dimensão. O professor me fez caminhar até onde ele estava. Quando cheguei perto daquele sol, ele quis saber o que eu estava sentindo. Expliquei-lhe que tinha a sensação de estar em uma outra dimensão e que também sentia muito calor. Enquanto voltávamos, ele me explicou que eu devia prestar muita atenção em tudo que ia sentir; tudo seria de grande importância para o meu aprendizado.

Sáímos. Quando já estávamos fora da luz vermelha, ele tornou a banhar suas mãos na cachoeira, mas, dessa vez, a energia que ele retirou era amarela. Tornou a aplicar essa energia em mim, na mesma região do estômago. No entanto, o ponto que ficou iluminado em meu corpo estava um pouco abaixo do umbigo. Entramos, então, dentro da luz amarela e, quando comecei a caminhar dentro dela, aconteceu algo muito interessante. Eu continuei com os movimentos lentos e a mesma sensação de que todo o meu corpo estava quente. Mas o contato daquela luz com o meu corpo se dava na forma de carinho. E era um carinho tão bom que eu acabei ficando numa situação muito difícil, tentando esconder do professor o que eu estava sentindo. Ele insistiu muito em perguntar, mas não falei. Penso, porém, que de nada adiantou eu não ter falado, porque ele me disse que sabia como eu estava me sentindo. Depois ele me aplicou a energia rosa, que saiu bem na altura do meu peito. Quando caminhei dentro dela, senti uma emoção tão grande e tão diferente, que é difícil explicar. Eu tinha vontade de rir, de chorar, de cantar, de ficar quieta, e sentia tudo isso ao mesmo tempo. Quando lhe disse como estava me sentindo, ele me respondeu que era assim mesmo, pois eu estava no centro energético responsável pela emoção humana.

Depois foi a vez da energia violeta. Quando esta foi aplicada saiu bem perto da minha garganta, e também em torno da minha cabeça. Quando entrei pra caminhar dentro dela, fiquei sem visão. Tudo ficou escuro. Eu não via o professor e também não sentia meu corpo. A sensação que eu tinha, era a de que eu não estava em lugar nenhum, mas sentia todos os lugares ao mesmo tempo. Mas dessa vez não havia emoção. Havia apenas raciocínio. Saímos da luz violeta e ele aplicou a energia verde no meu estômago. Eu senti uma espécie de choque na coluna e minha cabeça ficou quente por dentro, bem no centro. Levei a mão ao alto da cabeça, pois sentia como se alguma coisa estivesse saindo dela. Quando retirei, vi que minha mão estava repleta daquela energia.

Depois entramos dentro daquela luz verde. Quando começamos a caminhar em direção à fonte daquela energia, minha visão se ampliou, e tudo adquiriu mais brilho. Eu continuei a não ver nada do lado de fora, mas aquela energia e o professor adquiriram um brilho diferente, ficando mais translúcidos. Isto sem falar na sensação de amar o mundo de que eu estava sentindo. E a paz interior era tão completa, que eu cheguei a pensar que ali fosse o lugar da tão imaginada paz celestial.

Tornamos a sair, e, então, foi a vez da energia azul. Quando o professor me aplicou esta energia, algo estranho aconteceu com a energia verde, que, até aquele momento, estava saindo pelo alto da minha cabeça. Com a aplicação da energia azul, a energia verde passou a sair pelo centro da minha testa. E a energia azul passou a sair por onde, antes, saía a energia verde: bem no alto da minha cabeça. Quando entramos e começamos a caminhar dentro da energia azul, eu tive uma estranha abertura de visão, pois, com os meus olhos, eu via o professor em pé perto daquele sol azul, com os braços estendidos, me chamando para que eu fosse até onde ele estava. Também eu via e sentia aquela dimensão azul. Porém, dentro da minha cabeça, eu estava vendo do lado de fora, além da barreira áurica que atravessamos para entrar naquele lugar. A minha vontade era parar de caminhar naquele espaço e me sentar para observar, mas o professor chamava minha atenção:

- Não pare! Não pare, pois nós queremos que você tenha uma clarividência controlada e não uma clarividência definitiva. Quem é permanentemente clarividente pode se tornar muito confuso diante das duas realidades.

Quando saímos de dentro da luz azul, notei que o professor estava preocupado. Ele pedia insistentemente que eu olhasse para ele e o ambiente, e que, em momento algum, fechasse os olhos. Confesso que foi meio complicado, pois a minha vontade era exatamente fechar os olhos e ficar olhando para dentro de mim, e eu disse isto ao professor. Então ele colocou dois dedos indicadores nas minhas têmporas fazendo uma leve massagem. Enquanto ele fazia isto eu senti que a energia azul começou a sair também por estes dois pontos. Quando isto aconteceu, o que eu estava vendo dentro da minha cabeça começou a desaparecer, até se apagar por inteiro. Só então ele tomou da energia branca e me aplicou. Quando esta foi aplicada, não saiu por nenhum ponto definido, mas se espalhou por todo o meu corpo, formando uma espécie de neblina branca por sobre meus braços, minhas mãos, enfim, eu fiquei envolta naquela névoa.

Quando entramos para caminhar dentro dela, notei que ao me aproximar do centro que emitia aquela energia branca, todas as outras que já tinham sido aplicadas em mim, se misturaram com ele, e eu fiquei então, com meu campo energético, como disse o professor, todo dourado, e não mais branco, como quando entrei. Quando isto aconteceu, o professor pegou em minha mão dizendo que tudo tinha corrido bem e que meu campo energético estava de novo equilibrado.

Saímos lá de dentro e o Dr. Hulff estava à nossa espera. Olhei para ele e disse:

- Doutor! Veja como eu estou brilhando! Será que vou ficar assim?
- Não. Não ficará.

Depois que o doutor me disse que aquele brilho não ia permanecer, o professor quis saber como eu estava me sentindo com toda aquela quantidade de energia em mim e os seus pontos de captação em pleno funcionamento. Respondi-lhe que eu me sentia diferente. Era como se eu tivesse crescido. Quanto aos pontos do meu corpo dos quais saíam aquelas energias, eu sentia cada um deles. Alguns eram frios e outros estavam quentes. Em relação à minha cabeça, era como se eu tivesse ficado mais lúcida. Quando terminei de explicar como eu estava me sentindo, o professor me disse:

- Pois então vamos aproveitar este teu momento para voltarmos ao assunto que tanto te perturbou no decorrer do dia: os sete corpos, suas dimensões, e suas atribuições no plano físico e espiritual. Agora eu gostaria que você observasse bem os sete

corredores de energia. Como vê, embora separados, eles estão unidos. Unidos por uma força que a ti parece invisível, não é mesmo?

- Sim, professor.

- Pois essa força que você não vê, mas sente, e estes corredores, representam o ser humano e suas atribuições, que, quando unidas, se tornam uma, mas, se percebidas separadamente, são sete.

- Professor, você está me dizendo que estes corredores é que representam os sete corpos que eu discutia durante o dia?

- sim, disse-me ele.

- Mas eu continuei sendo apenas uma, professor!

- Eu sei, mas com sete níveis de percepção. O que sentiu quando caminhamos ao longo do corredor vermelho?

- Eu me senti em outra dimensão, outro universo, também senti muito calor.

- Pois quando percebeste a dimensão e o calor, estavas percebendo o corpo dimensional. Agora me fale do corredor amarelo.

- Neste corredor, professor, eu me sentia acariciada por aquela energia, e uma excitação muito grande, a ponto de ser quase incontrolável.

- Essa energia é considerada por nós como sendo o corpo causal, pois se o ser humano não recebesse essa energia, ele não se reproduziria. E foi usando este conhecimento que seu povo criou as tão discutidas leis de causa e efeito, que foram erradamente atribuídas a todo o comportamento humano. Mas, em seu mundo físico, estas leis se tornaram necessárias para controlar seus instintos tão conturbados pelo acidente que sofreram. Mas como toda ação provoca uma reação, aceitamos bem a implantação destas leis. Agora me fale como se sentiu no corredor rosa.

- Quando caminhei nesse corredor, senti várias coisas ao mesmo tempo. Vontade de rir, de chorar, de cantar, senti raiva, amor e também acho eu, que senti paz. É possível que eu tenha sentido tudo isto, professor?

- Sim, é possível, pois você estava caminhando dentro da fonte de energia que nós chamamos de corpo emocional. Essa energia é a responsável por todas as emoções humanas, e essas emoções são o que distingue o homem da matéria animal que ele usa

na frequência física. Fale-me um pouco agora sobre a energia violeta. Como se sentiu, caminhando através deste corredor?

- Quando estava caminhando através dessa energia me senti cega, professor. Também não sentia meu corpo. Era como se ele não existisse, mas, ao mesmo tempo, era como se todo o mundo estivesse em mim, e eu, em todo ele. Deu para entender?

- Sim, deu. Deu, porque essa energia é a que nós chamamos de corpo mental, e se torna muito perigosa para quem a capta na frequência física em excesso. Pois quando isto acontece, a pessoa deixa de perceber os acontecimentos próximos a ela, e só percebe o que está acontecendo à distância.

- Como é isto, professor?

- Ela se torna cega para o presente e fica ligada somente ao passado ou ao futuro, e nunca ao momento que lhe pertence. Sendo que o presente pode alterar o futuro, e o passado não pode alterar o presente.

- E o corredor que tinha energia verde? Dentro dele eu só senti minha visão alterada, pois você, e até mesmo aquela energia, ganharam um brilho mais intenso, mais forte. Como você chama essa energia?

- Nós a chamamos de corpo etérico, pois essa energia promove a vidência, e, quando se é vidente, vê-se não só o que é para ser visto, mas vê-se também a energia que faz parte de tudo que existe. E esta é a razão que te levou a me ver com mais brilho, como você disse.

- Professor, quando eu estava dentro do corredor azul, me senti muito pesada. Até meus olhos estavam pesados. Foi difícil mantê-los abertos. Com eles eu via você mas, dentro da minha cabeça, eu via o que estava do lado de fora do ambiente. E foi muito bom poder ver internamente. Professor, agora me diga como você chama esta energia e para que ela serve?

- A energia azul é chamada por nós de corpo duplo-etérico, pois o conjunto desta energia e da verde, torna, quem as tem, um clarividente. Mas a clarividência, quando não é controlada, é muito prejudicial, pois causa na pessoa uma interiorização imperfeita. Imperfeita, porque ela se interioriza para fugir à realidade, pois é muito difícil conviver com o mundo físico e o espiritual ao mesmo tempo.

- E o corredor branco? Por que eu fiquei dourada?

- Porque esta energia é chamada por nós de corpo espiritual ou, como dizem em sua freqüência, corpo astral. Nós a chamamos de corpo espiritual, porque somente ela tem o poder de equilibrar todas as outras energias. E esta cor dourada, que você adquiriu, mostra este equilíbrio.

- E quanto tempo eu vou ficar com este brilho?

- Até retornar à sua matéria.

- Mas professor, então os sete corpos não existem?

- Minha resposta será sim e não. Sim, porque chamamos de corpo, tudo que move a capacidade humana, e estas energias são as responsáveis por estas capacidades. E não, porque elas não são formas pensantes. São apenas energias, criadas para manter o equilíbrio, não só do ser humano, mas de tudo que existe aqui no mundo espiritual e no mundo físico também.

- Doutor, por que não usam estas energias para tratar dos doentes em seus hospitais?

- Porque as pessoas que aqui chegam adquiriram seus problemas em uma matéria física e somente energia física é capaz de recuperá-las.

Então o professor nos convidou a sair do ambiente das energias. Quando saímos, atravessando a barreira áurica, meu corpo não estalava, mas o corpo do Dr. Hulff sim.

Já do lado de fora, o professor disse que queria aproveitar o meu equilíbrio energético para que eu visse mais uma coisa. Ele se pôs atrás de mim e, mais uma vez, tocou com seus dedos as minhas têmporas. Pediu-me que fechasse os olhos, enquanto ele massageava lentamente os pontos que estava tocando com seus dedos. Quando terminou, ele disse:

- Quero que você veja os dois mundos que participas ativamente.

Quando abri meus olhos tive uma grande surpresa, pois vi o mundo físico e o mundo espiritual ao mesmo tempo. Confesso que para mim foi fascinante ter essa visão. Isto porque só assim eu pude distinguir com certeza, um mundo do outro, e esta era uma das minhas confusões, pois me era muito difícil separá-los. Mas nessa noite eu vi e foi maravilhoso ver, que o mundo físico se situa, no universo, no mesmo espaço que é ocupado pelo mundo espiritual. Essa visão me mostrou que a Terra física se localiza dentro da Terra que existe no mundo do professor, sendo separadas apenas por uma

espécie de nuvem que forma um anel negro entre um mundo e outro. Depois que eu vi os dois mundos, o professor me trouxe de volta para meu corpo físico.

Quando nele entrei, senti uma espécie de choque e um calor muito forte, e, pela primeira vez, eu pude ver e conversar com o professor, estando já em meu corpo físico, e sem ter feito os exercícios específicos para este fim. E foi lindo, porque, depois que eu estava em meu corpo físico, ele me ensinou o que eu deveria fazer para captar e manter equilibrada em meu corpo, cada uma daquelas energias. Ele me ensinou também, como abrir e fechar a clarividência, partindo dos movimentos cerebrais. Pude assim me aliviar de uma outra série de exercícios que eu vinha fazendo até aquele momento.

Depois ele saiu e foi embora, mas, antes de ir, deu-me um toque na testa, dizendo que era para que eu dormisse. Assim que ele saiu, eu dormi.

## SIMBOLOGIA NA “TÉCNICA FÍSICA PARA A CONQUISTA DA AUTOCONSCIÊNCIA

A experiência que relato agora foi completamente diferente das outras que vinha tendo. Até então toda simbologia que me era mostrada era explicada. Mas explicada com palavras e não a níveis de sensação. “Mas agora – disse o meu professor – você está vivendo um momento muito difícil dentro de tudo que tua consciência traz, pois, junto contigo, os olhos fechados dos adormecidos poderão, um dia, vislumbrar a luz. A luz que paira sobre o véu negro que envolve o homem. Mas nem toda escuridão é completa e para que possam se guiar nas trevas, sempre existe uma fenda. E, por ela, a luz entra mantendo com isto, no homem, a esperança de um dia poder vê-la com a plenitude que lhe é própria, e não somente através de uma fenda que, na escuridão, pequenos raios, indicam-lhe o caminho. Muitos dizem: - Amaldiçoados raios de luz, que me mostram a claridade, mas eu me mantenho na escuridão!”

- Lembro-me até, que fiz uma brincadeira com ele, dizendo:

- Professor, por que não me explica tudo o que disse? Pois eu continuei sem entender nada.

Depois que eu disse isto ele me explicou que eu ia passar por uma experiência simbólica, pois a simbologia caminha junto com os fatos. E que aquele era o momento exato para que eu entendesse o valor dos sentidos e das formas.

Em seguida ele me levou para um lugar onde uma casa parecia ter acabado de ser construída, pois seu aspecto era novo. Entramos e o professor me disse que tudo que havia dentro dela me pertencia, inclusive a casa. Eu disse a ele que tudo aquilo era muito estranho, pois eu nunca tinha tido uma casa como aquela. Ele mais uma vez repetiu que sabia, insistiu que eu não devia me esquecer que a minha aula era simbólica, portanto, eu não deveria raciocinar mas apenas sentir, porque a simbologia somente é entendida a partir da sensação e não da informação. Depois desta explicação ele me perguntou se a casa estava boa ou se, para mim, faltava alguma coisa. Olhei em volta e achei a casa perfeita mas lhe disse que, se tivesse um lago, ela ficaria completa.

Ele caminhou para o lado de fora, para que eu mostrasse o local em que gostaria que o lago estivesse. Depois que mostrei, ele me disse que a água estava longe e me perguntou o que era necessário para que eu levasse a água até o local do lago. Respondi que era um canal. Eu estava achando tudo muito curioso pois, à medida que eu ia dizendo, as coisas iam surgindo. Como por um passe de mágica, ali estavam o lago e o canal que trazia água em grande quantidade.

- Agora tudo está perfeito?

Eu disse que sim e que estava do jeitinho que eu tinha imaginado. Nesse momento ele pediu que eu olhasse tudo com atenção pois íamos caminhar na beira do canal. Quando começamos a caminhar uma coisa incrível também começou a acontecer comigo, pois a cada passo que eu dava, ia me sentindo menor. Chamei a atenção do professor para o que estava me acontecendo. Ele respondeu que estava vendo, mas que o momento não era para que eu pensasse e sim para que sentisse o que estava me acontecendo. De repente paramos de caminhar. Eu olhei para dentro do canal e achei que ele estava muito largo e fundo. Mas, em contrapartida, eu me sentia com o tamanho de uma criança de uns quatro anos de idade. Mas o raciocínio continuava o mesmo. Nesse momento o professor disse que iria me colocar deitada no fundo do canal. Mas ele não queria que eu pensasse, mas apenas sentisse o que ia acontecer, e que ele estaria ali fora à minha espera. Ele disse também que eu só sairia do canal quando ele de lá me retirasse. Quando fui colocada na água fechei os olhos e tive medo de me afogar, mas eu ouvia o professor me dizendo:

- Não tenha medo e nem pense. Apenas sinta o que vai acontecer.

Não demorou e eu comecei a sentir a água passando por sobre meu corpo e, mesmo estando de olhos fechados, comecei a enxergar. Mas enquanto eu via a luz que parecia ser do sol, através da água, tive também uma estranha sensação de vazio e de tempo. De vazio, porque era como se nada existisse naquele momento a não ser eu e aquela água que corria sobre meu corpo. E de tempo, porque tudo que vinha como lembrança parecia estar tão distante de mim, num passado que eu jamais recuperaria. E como consciência de momento, a única que eu tinha era a seguinte: parecia que eu já estava há muitos séculos ali dentro daquela água. E foi em meio a todas essas sensações que senti a mão do professor tocando a minha e me puxando de dentro do canal. Quando

olhei para mim notei que já não estava pequena, mas tinha a forma adulta que tenho hoje. Ao olhar para o canal vi que ele também tinha se modificado, pois o mato tinha crescido à sua volta, e ele estava escondido por entre os arbustos que impediam que a luz chegasse até a água. Ao caminhar de volta, na direção do lago, vi que toda a paisagem estava como se tivesse sido abandonada. Tudo que antes era novo estava velho e acabado. Fiquei triste ao ver que o antigo lago que eu tinha imaginado não mais existia e, em seu lugar, apenas uma lama podre e mal cheirosa infestava o ambiente de insetos. Quanto à bela casa, dela só restavam ruínas. Tentei perguntar ao professor o que tinha acontecido, mas ele repetiu a mesma frase:

- Não raciocine, apenas sinta.

Juntos caminhamos em direção à casa que parecia abandonada. Quando chegamos ao que antes era uma linda varanda, comecei a ouvir vozes que vinham do interior da casa, e, mais uma vez, eu tentei perguntar o que estava acontecendo. Mas ele não deixou, dizendo:

- Não fale! Sinta apenas.

Confesso que era muito difícil não pensar, mas eu nunca discuti com ele, e foi em razão disto que fiz o máximo que pude para seguir suas instruções. Entramos na sala. Ali eu tive uma grande surpresa, pois a casa estava em ruínas mas, dentro dela, todos os meus alunos e amigos íntimos me aguardavam com uma grande festa. Quando eu os vi, minha consciência se estabilizou no presente novamente pois, até aquele momento, eu ainda estava me sentindo no passado. Enquanto eles me abraçavam felizes, perguntei ao professor se minha experiência simbólica já havia terminado. Ele respondeu que não, portanto, eu teria que continuar sem raciocinar e apenas agir e sentir tudo que ia acontecer. Eu estava em minha casa. Comecei então a agir como tal, dando atenção e cumprimentando a cada um, como sempre faço. Mas, de repente, entre as pessoas ali presentes vi um rapaz que eu não conhecia. Cheguei perto dele, me apresentei e perguntei como ele se chamava. Ele respondeu que se chamava Shiva. Olhei para ele e fiz um comentário dizendo que eu já tinha ouvido falar de Shiva, mas que pensava ser uma mulher e não um homem. Ele sorriu, dizendo:

- Isto não importa pois Shiva não é um ser humano mas sim uma capacidade humana.

Depois de dizer isto, ele me convidou para sairmos do meio das pessoas pois ele tinha que me mostrar algo em particular. Olhei em volta, mas a casa estava cheia. Então peguei em sua mão, dizendo:

Shiva, no momento só o quarto está vazio. Se servir podemos ir lá!

- Sim, vamos. Disse ele.

Quando entrei no quarto vi que tinha duas camas e, ao contrário do resto da casa, ele era novo e muito bonito, mas com um detalhe bastante estranho: a janela estava aberta e, do lado de fora, o sol parecia estar quente pois sua luz iluminava totalmente uma das camas e a metade do quarto, enquanto a outra metade e a outra cama estavam no escuro. Olhei para ele, dizendo:

- Que coisa estranha! O professor me disse que esta casa é minha mas eu nunca vi este quarto. Será que não estamos no lugar errado?

- Não. Não estamos.

Depois de dizer isto ele me perguntou de que lado do quarto eu queria ficar. Respondi rápido:

- No claro! A luz do sol é tão boa!

Quando acabei de dizer onde eu queria ficar ele foi para a cama, deitou-se e pediu que eu me sentasse a seu lado e olhasse para seus olhos. Sentei, olhei para os olhos dele e fiz o seguinte comentário:

- Você parece indiano, mas eu não sabia que os indianos tinham os olhos tão pretos e tão bonitos.

- Se gosta, olhe com bastante atenção. Disse ele.

Quando acabou de dizer isto meu olhar já parecia estar preso ao dele. A luz, que antes entrava pela janela, concentrou-se, então, nos olhos dele, que foram adquirindo um tamanho maior e coloração diferente. Não sei como e nem porque, mas, em pouco tempo, eu estava enxergando de dentro dos olhos dele. E foi em meio a uma infinidade de cores que eu senti novamente a sensação de tempo. Porém, então, o passado, que antes eu senti tão distante, quando estava dentro do canal, foi trazido rapidamente, com cenas e sensações, para o presente que eu estava vivendo naquele momento, dentro da experiência. Também uma outra sensação curiosa acontecia junto com tudo isto: enquanto eu me sentia os próprios olhos daquele homem eu podia sentir como o lado

escuro do quarto era frio e sem vida. No resto da casa, eu via as pessoas rindo e brincando, como se tudo fosse uma festa. Enquanto que eu, de dentro daqueles olhos, sentia que não era uma festa. Quando isto terminou, me vi na sala novamente, e o homem que dizia se chamar Shiva lá estava, ao lado do professor. Tentei perguntar o que tinha acontecido mas Shiva me fez um sinal de silêncio colocando o dedo indicador sobre a boca. Enquanto isto um dos meus amigos chamou a minha atenção dizendo:

- Você hoje não vai nos servir nada para comer? Estamos com fome!

Pedi licença a todos dizendo que eu ia até a cozinha preparar a comida. Fui sozinha. Ao abrir a porta vi que ali havia um grande fogão à lenha. O fogo estava apagado e, na parede que ficava acima do fogão, havia uma grande cobra que descia. Assim que ela me viu se enrolou e armou o bote para me morder. Nesse momento eu comecei a gritar por socorro. Então vi Dalton entrar na cozinha para me ajudar. Quando eu o vi, gritei: - Uma cobra! apontando na direção dela apavorada. Mas ele, com toda a calma, disse:

- Não tenha medo. É apenas uma cobra.

Ele caminhou na direção dela e esticou o braço. Com a mão ele fechou a boca da cobra que, de boca fechada, expeliu algo dentro de sua mão. Quando isto aconteceu ele abriu a mão e, dela, caiu um homem que, em seguida, correu para fora da casa. Uma vez mais a cobra abriu a boca e ele tornou a fechá-la com sua mão, recebendo novamente o que ela expelia. Quando ele tornou a abri-la um outro homem caiu no chão da cozinha, e, como o anterior, correu para fora da casa. Enquanto isto a cobra armava um novo bote. Mas Dalton levou a mão em sua direção e pegou em sua cabeça tirando-a da parede, dizendo:

- Veja o que se faz com uma cobra!

Depois de dizer isto, ele girou o braço jogando a cobra pela janela, bem longe da casa.

Depois que tudo estava calmo, saí para fora a fim de pegar lenha e acender o fogo para preparar o jantar. Foi com espanto que vi que a lenha cortada, que eu vira quando a casa era nova, ainda estava no mesmo lugar e empilhada da mesma maneira, porém, podre. Muito podre. Mas eu fui pegá-la assim mesmo. Quando comecei a removê-la dela saiam bichos próprios de madeira velha que, ao caírem no chão, se transformavam em

seres humanos e corriam para longe de mim. Outros ameaçavam me atacar mas, em seguida, desistiam e iam embora. Também desta vez eu tive medo mas não tanto quanto tive da cobra. Voltei para a cozinha, fiz o fogo e preparei a comida. Quando todos estavam comendo, duas mulheres bateram na porta da sala pedindo para entrar e participar da festa e do jantar, principalmente do jantar, pois elas diziam que estavam com fome. Eu não me opus. Afinal, tinha tanta comida! Elas entraram, comeram à vontade e conversaram com todos que ali estavam. Quando se preparavam para ir embora me chamaram e agradeceram a hospitalidade e a comida. Saíram e foram embora enquanto meus amigos e alunos continuaram na casa. Não demorou e ouvimos novamente baterem na porta. Quando abri vi que as duas mulheres tinham voltado, porém, então, traziam dois policiais para me prender. Eu não entendia o que estava acontecendo e nem porque aquelas duas mulheres tinham feito aquilo. Foi então que Humberto Brasil chegou perto de mim, pôs a mão em meu ombro e disse:

- Elas se sentiram ofendidas com a quantidade de comida que você pode oferecer! Elas acham que você está superalimentando esta gente e esta é a razão pela qual elas trouxeram a polícia; por considerar tudo isto um grande desperdício.

Quando eu o ouvi dizer o motivo da minha prisão, comecei a chorar, dizendo:

- Não é possível, eu só quis oferecer o melhor para todos!

E foi chorando que olhei para o professor e perguntei:

- Professor! Eles não vêm?

Foi enquanto eu fazia esta pergunta que minha experiência simbólica chegou ao fim.

Depois que toda esta situação simbólica terminou eu quis saber do professor o sentido da minha experiência e como a simbologia seria aplicada no trabalho que eu venho fazendo.

- Os símbolos fazem parte do universo, disse ele, e para ser autoconsciente tem-se que conhecer a linguagem representativa. E só se conhece essa linguagem e seu valor através dos sentidos e não das palavras.

- Professor, por que aquela casa e não a minha, em que eu vivo hoje?

-Porque a sua casa é real e, por ser real, não representa a surpresa, a novidade.

- Se tudo era para representar a novidade por que esta casa não tinha o lago, já que você sabe o quanto eu gosto de água?

- Este detalhe só você poderia perceber e reproduzi-lo em sua experiência, pois o lago, simbolicamente, representa a sexualidade feminina.

- Mas se o lago já estava ali, por que me disse que a água estava longe e, principalmente, o que eu achava que era necessário para que ela chegasse até o lago?

- Porque um lago com água parada simboliza a morte da sexualidade feminina e o canal representava a vida pois, ali, ele simbolizava o homem, a união, a reprodução.

- E quando estávamos caminhando na beira do canal, por que fiquei menor, professor?

- Esta pergunta que você me fez, você poderá me responder! Como você estava se sentindo?

- Pequena e frágil, professor!

- Tua consciência e teus sentidos também se fragilizaram?

- Não. Acho que não, pois eu percebi e senti tudo que me aconteceu enquanto eu estava dentro do canal. Professor, quando eu saí de dentro do canal, vi que se havia passado muito tempo, pois a casa estava velha, o lago estava morto, mas o canal, embora escondido dentro do mato, nele a água corria e estava fresca. Qual o sentido disto?

- O canal, a esperança. A casa e o lago, o momento, o presente. E você? Lembra como o lago era bonito?

- Quando eu estava vendo, através dos olhos do homem que dizia se chamar Shiva, percebi muita coisa, professor, mas apenas duas realmente me deixaram impressionada. Uma, foi perceber a frieza que havia do lado escuro do quarto, e, a outra, foi ver que, na casa, todos pareciam felizes com a minha presença, mas eu senti que não estavam. Senti que, por trás de cada sorriso, as pessoas tentavam esconder o que na realidade estavam sentindo. E eu não vi felicidade em ninguém. Posso saber o significado do que senti ou não?

- Vamos voltar sua atenção para o quarto! Lembre do lado claro e do lado escuro. Agora me diz o que sentiu quando nele entrou?

- Senti que era algo que eu não conhecia.

- E por que preferiu a parte clara do quarto?
  - Porque ali havia luz e calor, e era um calor tão envolvente... tão bom.
  - E como sentiu o lado escuro?
  - Estranho e frio, professor.
  - Pois aquele simbolizava os dois lados do ser humano; o que ele mostra e o que ele esconde. Agora vamos à cozinha. Ali havia algo que, simbolicamente, você já conhecia, pois quando estudamos a força da simbologia, expliquei a você que várias cobras representavam sabedoria e uma só representava a traição. Portanto, a traição será constante em tua vida, e pode vir de qualquer pessoa.
  - E a comida? Com ela entrou na minha experiência?
  - Esta comida te foi pedida e tu não recusaste. É bom lembrar que a fome de saber é insaciável. Por esta razão, para todo peso existe uma medida.
  - E a luz, professor? O que ela estava representando nesta experiência?
  - Esta pergunta eu não poderei te responder. Mas pergunte às fendas e elas te darão a resposta.
- Depois de me dizer isto ele me pediu que não mais perguntasse e foi em silêncio que ele me trouxe de volta para o meu corpo físico.

IV PARTE

FILOSOFIA DA  
“TÉCNICA FÍSICA PARA A CONQUISTA  
DA AUTOCONSCIÊNCIA”

O que é? Como surgiu? E qual o seu objetivo? É o que veremos ao longo desta narrativa sobre a abertura do trabalho.

Irmos em busca das estrelas, no espaço exterior, sem procurarmos explorar verdadeiramente nosso espaço interior, para nos conhecermos melhor é o grande drama que vive atualmente o ser humano, na Terra.

Dos tempos antigos até hoje, grande parte da humanidade só mudou tecnologicamente. O planeta ficou pequeno e podemos chegar a qualquer ponto dele rapidamente sem maiores problemas.

O planeta ainda anda envolto em guerras fratricidas, pela conquista de bens materiais ou do escravagismo de milhares de mentes para interesses específicos, sejam eles de caráter político ou religioso. A sede de se saber algo mais acerca de si mesmo, é tônica fundamental da era que estamos atravessando, pois o homem sempre indagou acerca de si mesmo encontrando mil respostas, mas que sempre o deixaram em duas posições, entre crer e duvidar.

A fantasia, os mistérios e a mística dão respostas, numa mistura em que o ser humano se confunde entre o real e o irreal. Aquilo que é, e aquilo que ele pensa ser, ou é.

Conquistar a autoconsciência é estar na verdade consciente não só de si mesmo, mas de todo o universo que nos cerca, despido de preconceitos, rótulos, e condicionamentos alienantes, através de nossa vivenciação do dia-a-dia, geração após geração.

Durante essa narrativa de apresentação desse trabalho após esse pequeno histórico, vocês vão tomar conhecimento daquilo que Maria Aparecida de Oliveira, a

Bianca, tem para lhes transmitir. Ela nasceu em Ewbank da Câmara, pequena cidade do interior de Minas Gerais, no ano de 1947. Aos vinte e oito anos ela teve um contato inédito de terceiro grau, com seres extraterrestres, o qual descortinou a sua visão para campos ainda inexplorados da existência humana, o que veio ampliar de modo radical toda a sua compreensão de vida, fato esse que se deu em 1976. Hoje Bianca tenta transmitir a todos quantos se interessarem, conhecimentos que foram adquiridos em todos esses anos de experiência. Conhecimentos esses que demonstraram as infinitas possibilidades do ser humano.

A Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência é constituída de exercícios simples, mas que devem ser realizados com muito empenho e perseverança, para se alcançar os resultados de forma gradual, e que irão facultar a cada um de nós a ampliação da noção do mundo que nos cerca e de nós mesmos em relação ao Criador.

Portanto...

É certo que vamos falar de um assunto muito delicado. Assunto esse que vem afligindo o ser humano, desde que nele emergiram os primeiros lampejos de consciência.

De lá para cá, a morte deixou de ser para o Ser Humano, conseqüência natural do que vive, e o homem mergulhou em busca da resposta a esta pergunta:

Existe vida após a morte?

Acompanhando esta pergunta surgiram várias outras:

Se existe, como seria? Seria um mundo de luz, ou de trevas?

Seria esse mundo de formas ou não?

Se não existem as formas, a luz nem a escuridão, como seria?

Será que ao morrer seríamos lançados em um espaço vazio com luz suave, e névoa fina, onde reina a paz eterna?

Será que esse mundo tem brisa ou será ele frio e escuro ou quem sabe, até mesmo exista a dor, ou ainda nada disso exista, e a morte seja o fim de tudo, o esquecimento eterno... Quem sabe?

O conhecimento que hoje tenho nesta área, só me foi possível depois que comecei a praticar a técnica ensinada a mim por Karran. Técnica essa que tem como objetivo a conquista da Autoconsciência.

Segundo Karran, "somente a autoconsciência poderá responder estas perguntas".

Por esta razão bendigo o momento em que estava cheia de dúvidas, e, ele, Karran me ajudou dizendo: “Sai de tua matéria e verás que tu és a mente que pode ver, que pode sentir... aprender e raciocinar. Então, poderás entender que a matéria é somente uma parte tua e não totalmente você”.

Confesso que naquele momento não entendi as palavras de Karran. Nem tampouco pensei que um dia poderia entendê-las, pois, como todos os seres humanos, não fugia à regra.

Era mais fácil, para mim, acreditar que estava certa em meu caminho do que buscar a confirmação em outro lugar, pois quase nunca gostamos de admitir que estamos errados, principalmente quando se trata de nossas convicções religiosas.

Em se tratando do mundo espiritual, foi sempre muito mais fácil imaginá-lo do que participarmos dele. A princípio estávamos impossibilitados de participar do mundo espiritual, em razão do grande bloqueio que sofremos com a queima de nossos neurônios na época do acidente com a Terra, como disse Karran. Mas, também palavras dele nos dão conta de que “nossa recuperação está sendo magnífica, e, por isso, já podemos deixar de imaginar o mundo espiritual e participarmos dessa grande realidade, que é a inexistência da morte”.

É bom lembrar que não estamos aqui para dizer qual grupo ou seita religiosa está certo em suas convicções. Karran diz que: “Tudo o que existe, foi ou é necessário”. Cabe a cada um fazer esta auto-análise, ou quem sabe, estas perguntas: O mundo espiritual existe? Estarei preparado para descobri-lo? Minha fé ou o grupo a que pertenço está me bastando? Serei capaz de viver equilibradamente sem minhas fantasias atuais para encarar a Grande Realidade que me espera?

Ao me deparar com esta Realidade acaso não ficarei por demais vaidoso de mim?

E as outras pessoas, continuarão as mesmas para mim? Estando de posse desse conhecimento, para que fins o usaria?

Se acha que estas perguntas, ou esta auto-análise já foi feita, e acredito que sim... espero, que as únicas respostas que lhe falem, sejam estas: Quem é você? O que é você? E... por que você?

Para que eu possa falar sobre estas três perguntas, voltaremos ao meu segundo contato com Karran. Vale aqui um esclarecimento. Foi nesse contato que tive a

oportunidade de conhecer Zirr, habitante de um outro planeta que não o de Karran. Zirr, uma pessoa que saiu do conforto de sua terra para viver entre nós, e acompanhar de perto o nosso desenvolvimento, físico, mental e tecnológico.

Foi este homem, Zirr, que ao perceber que eu não tinha entendido as palavras de Karran, explicou-me: “Não Bianca, não é desta consciência que estamos falando, mas de uma outra, de um outro tipo de saber... Quem é você, não se limita em quem é você agora, mas é também quem você foi antes desse agora, em vidas passadas”.

“O que é você é o estudo que você fará sobre seu corpo físico, para que possa dominá-lo”.

“E, porque você é o entendimento que você vai adquirindo das vidas passadas, do domínio sobre sua matéria e provavelmente entenderás no futuro, o porque até mesmo desse momento de agora”.

É sabido que vários grupos trabalham em busca da autoconsciência. E essa busca não teve o seu início agora. Provavelmente se iniciou no momento em que o homem, vendo um corpo sem vida chorou, porque sentiu a dor da separação, da perda.

Nesse momento uma grande pergunta desponta em seu raciocínio... “Será que viver é só isso? Se assim for, não tem sentido viver”.

A partir daí, iniciava-se a grande busca, a busca incansável da autoconsciência. E muitos foram os acertos e erros da humanidade em busca desse conhecimento, por falta de dados concretos. Mas muitos foram e continuam sendo os caminhos a percorrer.

Algumas pessoas preferem o caminho da abstinência, outras, o da autoflagelação e existem outros ainda que buscam o caminho da autoconsciência através até mesmo de jejum e da meditação.

Enfim, de uma forma ou de outra todos buscamos ter acesso ao mundo espiritual. Mas, poucos são os que até agora o conseguiram. Infelizmente, alguns dos que puderam ter certeza da vida após a morte, não sabemos se por vaidade, ou por falta de informações, mudaram seu comportamento. E a imagem deixada por essas pessoas, para seus seguidores ou admiradores acabou por dificultar tremendamente o acesso ao mundo espiritual.

Essas pessoas, não se sabe bem qual a razão, limitaram e continuam limitando suas vidas, renegando praticamente tudo o que existe no mundo físico, deixando quase

sempre a nítida impressão de que fazer parte do mundo físico, ou material, seja a parte negativa do ser, ou ter matéria e gostar dela, seja a prova da imperfeição humana.

Queremos lembrar que este trabalho tem importância fundamental para nós seres humanos. Segundo Karran, não é a primeira vez que esses exercícios são ensinados aqui em nosso planeta. Infelizmente, o objetivo desse trabalho sempre foi modificado em função das interpretações dos fatos que nos ocorrem fora do corpo físico. Esperamos, pois que isso não ocorra agora, os tempos são outros e o entendimento também.

Karran diz que a “interpretação dos fatos, só mostra a falta de entendimento sobre os mesmos. Pois se entendemos, não interpretamos, sabemos”.

Quero lembrar que sei não ser perfeita aos olhos da maioria que trabalha em busca da perfeição, mas quero lembrar porém que este, no momento, ainda não é o nosso objetivo.

Karran lembra ainda que: tudo o que existe foi criado pelo Criador, e Ele, não vê defeito em sua obra. Também conforme suas palavras: “somente depois de termos acesso a nós mesmos, é que teremos meios para saber se estamos ou não sendo coerentes com a grande Realidade do Universo”.

## ENTREVISTA COM BIANCA SOBRE A FILOSOFIA DA TÉCNICA FÍSICA PARA A CONQUISTA DA AUTOCONSCIÊNCIA

Por que este assunto é muito delicado?

Bianca: Porque

- a) Falará no assunto “religião”;
- b) Falará sobre o sistema no qual vivemos.
- c) Fará relação com a moral tradicional.
- d) Tocará em muitos outros problemas que integram nossa cultura hoje.
- e) E falará também sobre a morte.

Você diz que este assunto é muito delicado porque fala dos assuntos: religião, sistema no qual vivemos, moral tradicional, cultura e morte. Porque é delicado falar destes assuntos?

Bianca: É delicado falar sobre religião porque todos nós temos formação religiosa e todos nós acreditamos piamente na religião que nos foi ensinada pelos nossos pais. A religião se tornou quase uma herança de família. Por isto, quando falamos do problema religioso, não estamos falando tanto de “igreja” em si, mas sim da estrutura familiar do nosso planeta.

É delicado falar sobre o sistema no qual vivemos, porque nosso sistema é muito diferente do que eu venho aprendendo sobre como deveria ser a estrutura moral, familiar e cultural do ser humano. Daí a dificuldade e a delicadeza do assunto. Pois, quando se trata de cultura, o meu entendimento é pequeno, quando se trata de moral, não sabemos mais, aqui em nosso planeta, qual seria o melhora caminho a seguir. Portanto, é um assunto delicado.

Com relação à morte, é um dos assuntos mais difíceis, pois a inexistência da morte não pode ser comprovada para quem não participa do mundo espiritual.

Você diz que o que você vem aprendendo sobre o sistema é muito diferente do nosso, na estrutura moral, familiar e cultural. Em que consiste essa diferença? Ou melhor, como deveria ser a estrutura moral, familiar e cultural, segundo o seu aprendizado?

Bianca: Esta é uma resposta que eu não poderei dar, pois se eu o fizesse, estaria pregando um novo sistema de vida. E dentro de meu aprendizado, me é ensinado que isto é uma das coisas que eu não devo fazer. A mudança do sistema de vida tem que ocorrer por entendimento humano. Pois, se assim não for, esta mudança também não seria correta.

Você inicia a filosofia da Técnica dizendo que vai falar sobre um assunto delicado e que vem afligindo o ser humano. Por que este assunto vem afligindo o ser humano?

Bianca: Porque todo e qualquer ser humano teme a ignorância e, quando se trata de morte, mundo espiritual e vida eterna, quase todos nós ignoramos estes assuntos, pois deles apenas somos informados e a informação não nos dá certeza, daí nossa insegurança.

Que são lampejos de consciência e lampejos da consciência?

Bianca: Lampejos de consciência é a consciência de existir no passado, presente e futuro. Lampejos da consciência é a consciência do dia-a-dia que não atinge ou não cogita do futuro após a morte da matéria do ser humano. Atinge somente o presente.

A morte deixou de ser consequência natural do que vive.

O que se entende com isto?

Bianca: A morte é consequência natural da matéria viva que, por sua natureza de matéria, deteriora-se pelas leis do universo físico. A matéria animal passa por esse processo de transformação física e a matéria que o ser humano usa é também animal e por isso está sujeita a esse mesmo processo de deterioração. Neste sentido, a morte da matéria é consequência natural do que vive, mas o ser humano, que é independente da matéria, não passa pelo processo da morte, pois ele “faz parte da eternidade”.

O homem mergulhou na busca da resposta a esta pergunta: “Existe vida após a morte?”

Bianca: O homem, independentemente da matéria, raciocinou e descobriu que ele é imortal, por isto nunca aceitou e entendeu a morte física como sendo algo natural.

Acompanhando esta pergunta surgiram várias outras:

O mundo espiritual seria um mundo de luz ou de trevas?

Bianca: Luz. Por que luz? Porque nós como seres humanos, somos conscientes da grandeza do nosso Criador e pelo princípio lógico sabemos que o que existe de melhor é

a visão e o calor. E também por princípios lógicos aceitamos a claridade como princípio de visão, e o calor como princípio do amor e da luz.

Trevas. Por que trevas?

Bianca: Sempre o mal foi representado como algo frio, escuro e tenebroso. E a nossa consciência nos traz para o presente também esta visão sobre o mundo espiritual, pois tudo o que não conhecemos, tememos, mas quero esclarecer que são apenas temores naturais do ser humano inconsciente, pois, se dentro de nossa inconsciência tivéssemos apenas, do mundo espiritual, a visão do amor, da luz e da eternidade, não suportaríamos jamais habitar o corpo físico. E sem ele seríamos incompletos.

Seria esse mundo de forma, ou não? Se não existirem as formas, a luz nem a escuridão, como seria?

Bianca: Mundo de formas! O ser humano é composto de formas e tudo o que o cerca também o é. Portanto, vivemos em um mundo de formas, pois o mundo espiritual existe antes do mundo físico e o mundo físico é uma cópia do mundo espiritual, portanto é mundo de formas.

Se não existissem formas, luz, escuridão, como seria?

Bianca: Não seria, pois nós seres humanos não temos acesso a algo que não podemos entender. E nós só entendemos aquilo que faz parte do nosso registro natural: por isso, não compreendemos a “Força Criadora” pois nunca tivemos acesso a ela, mas sabemos, por registro natural, que essa “Força Criadora” tem constante acesso a nós.

Será que ao morrer seríamos lançados em um espaço vazio com luz suave e névoa fina, onde reina a paz eterna? Espaço vazio com luz suave? Por que luz suave e névoa fina?

Bianca: Como podem ver, esta é uma visão imaginária que acompanha os religiosos e místicos, pois não tendo eles a visão correta da freqüência extrafísica, passaram a conjecturar sobre o que seria bom para o ser humano.

Onde reina a paz eterna?

Bianca: Como podem ver ainda, a luz, a brisa e a névoa fina nos são representadas pela religião como sendo o exemplo de paz eterna ou paz celestial.

“Será que até existe a dor”? Por que existe dor?

Bianca: Como habitamos um corpo físico adquirimos nele o registro da dor física. Quando entramos na freqüência extrafísica (mundo espiritual), levamos conosco este registro, e levamos um bom tempo para perdê-lo, e assim perdemos também a sensação da dor física. Mas a dor física não é a única que acompanha o ser humano, pois em nossos registros naturais temos as emoções e essas emoções podem ser sentidas de várias maneiras. Citarei algumas:

- 1) Saudade e tristeza são doloridas;
- 2) Amor e reencontro são emoções que nos dão prazer.

Será que nada disto existe e a morte é o fim de tudo?

Bianca: De acordo com alguns grupos religiosos e filosóficos, a morte representa o fim, pois essas pessoas não aceitam o ser humano ocupando um corpo físico. E se o corpo físico não fosse habitado pelo ser humano, a morte representaria o fim. Pois o corpo físico só é representado como seqüência pela reprodução e não pela consciência.

E o esquecimento eterno?

Bianca: Como vêem, a pergunta nos dá noção de continuidade, mesmo levando em consideração a inconsciência. Mas se existe a eternidade, o ponto de referência da mesma é a nossa consciência do passado, presente e futuro.

Quem sabe?

Bianca: Pelo que venho aprendendo até hoje, todos nós seres humanos temos este conhecimento. Mas também tenho visto, que aqui em nossa Terra, esse conhecimento é muito contraditório. Portanto, só podemos ter acesso correto a esse conhecimento através da autoconsciência e a permanente freqüência no mundo extrafísico e físico.

O que seria conhecimento dentro desta filosofia?

Bianca: Venho observando que, o conhecimento adquirido no mundo físico é um conhecimento informativo e o conhecimento do mundo extrafísico é um conhecimento prático, você o adquire e tira suas próprias conclusões e informações. Temos que lembrar também que, quando estamos no mundo extrafísico, muitos dos nossos bloqueios que nos são impostos pelo corpo físico deixam de existir. Portanto, o conhecimento que adquirimos não sofre as interferências que normalmente sofremos aqui.

Esse conhecimento que você adquiriu somente foi possível após a prática da “Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência”. Por que?

Bianca: Foi-me explicado por Karran que sofremos um acidente solar. E este acidente bloqueou com excesso de energia os nossos neurônios. Este bloqueio gerou a inconsciência. É essa inconsciência, limitada pelo baixo funcionamento cerebral, que nos impede de termos acesso ao mundo extrafísico. Mas este conjunto de exercícios aumenta nossa capacidade energética através dos nossos impulsos cerebrais e frequência cerebral. Isto faz com que a energia adquirida com os exercícios percorra cada vez mais, em intensidade, um grupo maior de neurônios, ativando assim a recuperação da matéria humana. E, através desta recuperação, passamos a trazer para o corpo físico o conhecimento e entendimento que adquirimos na frequência extrafísica (mundo espiritual).

A Técnica tem como objetivo a conquista da autoconsciência?

Bianca: Chamamos de autoconsciência o conhecimento que nos foi dado pela “Força Criadora”. E foi a este conhecimento que perdemos acesso com o bloqueio de nossos neurônios, após o acidente.

Por que a autoconsciência tem que ser uma conquista?

Bianca: Reconquistar a autoconsciência só é possível através do equilíbrio energético da matéria. E este equilíbrio não se dá naturalmente. Por isto temos que, através de práticas por nós impostas à matéria, fazer esta auto-recuperação. E se conseguirmos recuperar nossa matéria, estaremos também recuperando nosso acesso ao mundo espiritual e a nossa autoconsciência.

Somente a autoconsciência poderá responder a estas perguntas: Aqui no planeta existem muitos movimentos místicos e tantas religiões, por que elas não teriam respostas a estas perguntas? E somente a autoconsciência poderia respondê-las?

Bianca: Quando me refiro à autoconsciência, estou me referindo a um conhecimento universal que nos foi dado pelo Criador e não ao conhecimento planetário que temos aqui em nossa Terra, conturbado pelo acidente.

Uma pessoa que nunca saiu de sua matéria nunca entenderá que ela não é a própria matéria?

Bianca: Através da fé e da religião ela pode até acreditar que não é a matéria, mas a certeza ela só terá saindo de seu corpo físico e comprovando por si própria as palavras de Karran.

Por que sair da matéria?

Bianca: Pelo que aprendi e pela consciência que tenho hoje do mundo extrafísico, cada vez mais tenho certeza de que nós temos inseridos em nossos registros originais a matéria física. Mas, só nos sentimos completos participando dos dois lados da nossa existência: O mundo físico e o mundo extrafísico. Mas com o acidente que sofremos, perdemos o acesso a um dos lados da nossa existência, pois se perdemos nossa matéria passamos a fazer parte do mundo extrafísico e ao recebermos uma nova matéria, esquecemos que no mundo extrafísico já estivemos um dia. E dele só temos informações. Como diz Karran: “nós só seremos completos participando ativamente dos dois lados da nossa existência”.

Por que não gostamos de admitir que estamos errados?

Bianca: Porque nós temos certeza que nosso entendimento sobre qualquer assunto é o correto, por isto, só colocamos em dúvida o raciocínio e o entendimento dos outros.

Por que o ser humano acha que ele sempre está certo naquilo que ele acredita ou pratica?

Bianca: O entendimento sobre a vida extrafísica, ou do que pode nos levar a ela, depende do número de impulsos cerebrais e da área que esta energia percorre em nosso cérebro.

Os grupos religiosos e filosóficos existentes aqui em nosso planeta, são aceitos por pessoas que tem o mesmo número de impulsos cerebrais e a mesma área percorrida por essa energia. Portanto o entendimento de seus seguidores é idêntico. E dentro do limite que lhe é imposto pela matéria, eles estão corretos no seu entendimento. Daí a certeza de suas convicções.

O que você quer dizer “imaginar o mundo espiritual”?

Bianca: Sendo eu uma pessoa com educação religiosa protestante, sempre tive muitas informações; através de minha religião, sobre como seria o mundo espiritual. Mas, durante esse mesmo período, nunca tive acesso a ele. E, após o meu contato com Karran, fiquei conhecendo outros grupos religiosos e filosóficos, fiquei sabendo que também eles falam muito sobre o mundo espiritual, mas a ele não têm acesso. Com a participação que tenho hoje nesse outro lado da nossa existência, tenho certeza de que,

aqui, raras são as pessoas que até hoje tiveram e têm acesso a esse outro mundo. Pois vejo hoje que a visão que se tem aqui sobre o mundo espiritual é uma visão imaginária e não uma visão que nos mostra a realidade.

O que você quer dizer com queima de neurônios?

Bianca: Queima de neurônios, dentro da explicação que Karran dá, significa sobrecarga energética em uma determinada época. Esse período de sobrecarga deixou o campo neuronal e suas ligações fragmentadas e esta fragmentação impede que a energia captada pelo corpo físico percorra o campo neuronal com a intensidade e a força necessárias a um bom desenvolvimento e atuação do ser humano quando na matéria (corpo físico).

Em que sentido essa nossa recuperação está sendo magnífica, na visão de Karran? Pois quase toda a humanidade ainda está bloqueada em seu cérebro.

Bianca: Quando ele se referiu à “recuperação magnífica”, referia-se à nossa recuperação física e tecnológica. Registros estes que, com o acidente, foram perdidos. Mas, viu ele também que a nossa recuperação está sendo apenas voltada para a parte prática e física. Com relação ao lado humano, o lado extrafísico (espiritual), este ainda continua fazendo parte da imaginação humana.

Com que meios podemos deixar de imaginar o mundo espiritual e participar dele?

Bianca: Fazendo exercícios que aumentem nossos impulsos, frequência e vibração cerebral. Com esta prática estaremos nos recuperando do bloqueio físico que nos foi imposto pelo acidente. E, assim, passaremos a entrar e sair conscientemente no nosso corpo físico.

Por que a inexistência da morte é a grande realidade para o ser humano?

Bianca: Muito se ouve falar sobre vida eterna. Mas também se ouve dizer que esta só é conseguida com a perda do corpo. Porém, nós seres humanos, somos eternos, independentemente de nossas idas e vindas com a perda do corpo físico. Mas nos falta esta certeza que só teremos com o desbloqueio da matéria. Quando esta se tornar desbloqueada, seremos conscientemente eternos.

Como se explicaria a inexistência da morte na matéria perecível?

Bianca: Quando Karran se referiu à inexistência da morte para o ser humano, ele não estava se referindo à matéria física do mesmo, pois esta é temporária. Mas se somos

conscientes, ao recebermos uma nova matéria, seremos conscientes de quem fomos e o que fazíamos. Daí conclui-se a inexistência da morte para o ser humano. Pois aí se vê que até mesmo a matéria física, que é perecível, torna-se eterna pela reprodução.

Isto não seria a “reencarnação” que os grupos religiosos já ensinam há tanto tempo?

Bianca: Sim! Porque temos registros de matéria. Portanto, sentimos necessidade dela. Mas, a diferença é que estaremos de novo em um corpo físico, conscientes de nossos deveres e não para pagamento de um “karma” ou por castigo nem por evolução porque o ser humano já é perfeito. Pois a matéria nos é dada como um presente divino e não como um castigo para o ser humano.

“Tudo que existe foi ou é necessário”. Karran ao fazer esta afirmação refere-se à natureza em si ou a tudo que o homem fez e construiu?

Bianca: A tudo o que o homem já fez dentro da área tecnológica, filosófica e cultural.

Quando você diz que cabe a cada um fazer esta auto-análise, “cada um” seria referente a quem faz a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência ou a qualquer pessoa do nosso contexto social?

Bianca? Às pessoas que se interessam em conhecer e se relacionar com o mundo espiritual. Pois a elas cabe a verificação de seus propósitos, seu entendimento sobre os mesmos. Enfim, à finalidade e objetivos pelos quais pretendem este convívio.

Em que sentido uma pessoa estaria preparada para descobrir o mundo espiritual?

Bianca: Quando existe em uma pessoa a necessidade de aprender, de buscar a verdade, escondida em cada um de nós e não a necessidade de confronto cultural ou pessoal e também quando não existe nela a necessidade de se tornar um líder de um grupo. Ou como ocorre muitas vezes, para o confronto e debates, para testar ou experimentar o conhecimento das outras pessoas. Pois a demonstração não faz parte da autoconsciência.

Quando é que a fé ou um grupo está nos bastando espiritualmente?

Bianca: Quando aceitamos e entendemos tudo que nos está sendo ensinado neste grupo, então ele nos basta. Agora, quando alguma coisa que é dita, desperta em nós

momentos de dúvida e temos que ser convencidos pelo grupo ou por alguém a entender ou a aceitar o que nos foi dito, então este grupo ou esta filosofia já não nos basta mais.

Que é viver equilibradamente dentro desta filosofia?

Bianca: Viver equilibradamente, dentro deste trabalho significa não se arrepender de ter deixado alguma coisa para trás. E também significa não se sentir vaidoso ou especial com o acesso que passará a ter ao mundo espiritual.

O que você entende por fantasias atuais das pessoas?

Bianca: Quando me refiro a fantasias, estou me referindo a situações imaginárias que a fé nos proporciona. Pois a fé nos leva a momentos e situações não condizentes com a realidade do mundo espiritual.

Que significa “a grande realidade que me espera?”

Bianca: A grande realidade é a inexistência da morte; o mundo espiritual e a autoconsciência. Esta é a grande realidade que nos espera.

Como uma pessoa ficaria vaidosa ao se deparar com esta grande realidade?

Bianca: Na realidade, todos nós ficamos vaidosos diante desta maravilhosa e importante descoberta que fazemos. O que não podemos é nos qualificar de superiores perante as outras pessoas.

Nesta filosofia, quando uma pessoa estaria de posse do conhecimento?

Bianca: Quando ela tiver certeza de que ela é consciente dos dois mundos que nos cercam e participar de ambos.

Para que fim ou fins deve ser usado este conhecimento?

Bianca: Para orientar e encaminhar as outras pessoas no mundo físico ou espiritual, sem deixar que elas percebam que você está de posse deste conhecimento.

Estas três perguntas: Quem é você? O que é você e por que você? São feitas porque o homem nunca soube a resposta ou ele sabia e esqueceu com o acidente?

Bianca: Ele sabia e esqueceu com o acidente.

Isto significa então que o ser humano já tem em si todos os conhecimentos?

Bianca: Como registro da Criação, sim! Como conhecimento ao alcance dele, não! Tem que ser adquirido.

Esta resposta foi dada em relação à pessoa que tem registro de matéria somente, ou ela é relativa a todos os seres humanos?

Bianca: Pelo que sei, por convivência no mundo espiritual, existe um número quase tão grande de pessoas que tem registro de matéria, quanto de pessoas sem este registro, criadas somente para habitar o mundo espiritual. Porém, a resposta diz respeito somente a nós, que temos registro de matéria.

Karran disse a você que quando eles chegaram aqui, nos encontraram ainda sem as matérias que usamos, isto é, na freqüência extrafísica. Eu pergunto: Nós nessa freqüência tínhamos o conhecimento que têm as pessoas sem registro de matéria?

Bianca: Pelo que hoje sei, não! Porque nós só tínhamos o conhecimento que é nato nas pessoas possuidoras de matérias e alguns que foram transmitidos por aqueles que não têm este registro. Com isto quero dizer que o conhecimento humano está detido nas mãos daqueles que não possuem o registro físico.

Você tem conhecimento do motivo desta diferença de conhecimentos entre as pessoas que têm registro de matéria e as que não têm?

Bianca: A explicação que me é dada, na freqüência extrafísica, é que as pessoas não possuidoras do registro de matéria não sofrem bloqueios e nem interferência em seus conhecimentos. Por esta razão os conhecimentos mais importantes para o ser humano estão sob a guarda e proteção dessas pessoas.

E os que têm registro de matéria serão um dia possuidores de todos os conhecimentos dessas pessoas sem registro de matéria?

Bianca: Capacidade para aprender esses conhecimentos nós temos. E como somos eternos temos todo o tempo para isso. Por isto eu acredito que um dia teremos todos esses conhecimentos.

Você tem falado bastante em eternidade, daria para você fazer uma diferença explicativa sobre tempo e eternidade?

Bianca: O tempo é contado pelo dia, noite, semana, meses e anos. Na eternidade não existe noite, semana, meses nem anos. Ela simplesmente existe. É um tempo sem medida cronológica. Tudo na eternidade é o presente.

Então para entender a eternidade, temos que sair do tempo cronológico?

Bianca: Sim! Temos!

Em que sentido o estudo do corpo físico ajudaria no domínio dele?

Bianca: Porque você passa a conhecê-lo em todos os sentidos e também em suas limitações. E, principalmente, você passa a entender que você não é o corpo físico. E só através deste entendimento podemos chegar a controlá-lo o suficiente para que ele não nos limite e nem nos impeça de sairmos em busca do nosso conhecimento. Quando isto acontecer, podemos dizer que já estamos conhecendo e controlando nossa matéria.

Os grupos que trabalham em busca da autoconsciência sabem o que estão buscando ou trabalham sem esse objetivo pré-estabelecido?

Bianca: Acredito que todos saibam o que estão procurando, pois todos eles pregam a salvação do espírito humano e a vida eterna. Só que, para nós, a salvação do ser humano está na autoconsciência e a vida eterna no rompimento da obscuridade que existe entre a vida e a morte.

O sentido de viver estaria justificado em que atitudes ou aspirações do ser humano?

Bianca: Na importância que uma matéria tem para nós, na atuação no mundo para o qual fomos criados: o mundo físico. Sem um corpo físico não poderíamos nunca sermos atuantes nesta frequência.

Mas a justificativa última do ser humano (por que você) ele já sabe pela sua própria natureza ou ainda está por descobrir?

Bianca: Ele sabe por sua própria natureza, agora com relação a esta descoberta do saber, creio que cada um tem seu tempo certo.

Você poderia indicar historicamente erros e acertos na busca da autoconsciência?

Bianca: Não, não posso! Pois como disse Karran: "Tudo que existe foi ou é necessário".

O que você entende por "dados concretos" na busca da autoconsciência?

Bianca: Conhecimento e participação no mundo espiritual. Pois, se a humanidade tivesse acesso constante a este outro lado de nossa existência, nós não teríamos erros em busca deste conhecimento mas somente acertos.

O curso que fazemos: "Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência" nos dará esses acertos sem erros?

Bianca: Se o praticante da "Técnica" conseguir a saída e for paciente o suficiente para esperar o tempo de seu entendimento, então não teremos erros. Mas, se ele for

impaciente e começar a puxar pela sua imaginação e cair no erro da “interpretação dos fatos que nos ocorrem fora do nosso corpo físico”, então não estaremos sendo diferentes dos demais grupos já existentes. Pois estaremos sujeitos aos mesmos erros que já foram cometidos até hoje.

Dentre os caminhos que a humanidade percorre em busca da autoconsciência, seria válido algum caminho como o melhor para todos, ou isto tem que partir da busca de cada um?

Bianca: Não existe um melhor caminho. Pois, todos têm como objetivo o mundo espiritual. Existe sim, um melhor entendimento desta busca e este entendimento é individual e não coletivo.

A abstinência, a autoflagelação, o jejum e a meditação, você diz que são caminhos adotados por muitos para a busca da autoconsciência. Dentro desta filosofia essas práticas seriam condenáveis, poderiam ser apoiadas, o que você tem a dizer?

Bianca: Elas não são necessárias, pois o recurso que utilizamos para atingir a autoconsciência é a prática dos exercícios que compõem a Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência.

A importância fundamental do trabalho pode ser explicada? Por que essa importância é fundamental?

Bianca: Todos os estudos que tenho feito até hoje no mundo extrafísico, têm como objetivo a conscientização humana, pois só através da conscientização podemos mudar nosso entendimento, raciocínio e visão do mundo que nos cerca. E também me é mostrado, que toda e qualquer linha religiosa ou filosófica aqui em nossa terra, tem como objetivo a conquista da conscientização humana. Pois todos nós sabemos que, sem ela, não poderemos jamais promover mudanças em nosso planeta.

Você poderia dizer onde e quando Karran ensinou esses exercícios outras vezes, como diz ele?

Bianca: Onde e quando não sei precisar, mas tenho consciência de que a “Filosofia Hindu” é uma das que se originaram de ensinamentos extraterrestres. E assim como esta várias outras.

Quando você fala em interpretação, você entende o mesmo que é entendido em nossa cultura atual ou tem outro significado?

Bianca: Não! Pois quando me refiro à interpretação, estou me referindo à conclusão de uma idéia pelo aluno, antes que seus estudos, sobre aquele assunto, tenham sido concluídos na freqüência extrafísica.

Em que sentido “os tempos são outros e o entendimento também?”

Bianca: Já que sabemos que somos remanescentes de um grande acidente em nosso sistema solar, sabemos também, que o excesso de energia provocou em nosso cérebro, bloqueios energéticos, causando o esquecimento da nossa origem, da nossa tecnologia e principalmente da freqüência extrafísica (mundo espiritual). Portanto, todo o nosso conhecimento teve que ser reiniciado pelos habitantes de outros mundos e também do mundo espiritual. E já que nossa recuperação está sendo perfeita, quero crer que o nosso entendimento também. Como diz Karran, não temos mais necessidade de “meias palavras” ou “frases obscuras” para começar a entender a inexistência da morte para o ser humano, a tão sonhada vida eterna e o mundo espiritual.

Quando você diz que não é perfeita, você quer dizer que comete os mesmos erros que todos cometem em relação à autoconsciência ou ainda lhe falta muito para aprender?

Bianca: A erros todos nós estamos sujeitos. Com relação à perfeição, é algo que todos devemos buscar sempre. Pois quanto menos errarmos mais fácil será para os outros que virão em seguida.

Todos notam que seu modo de vida é normal em relação ao contexto social. Você nem mesmo se veste diferente. Uma pessoa com o conhecimento que você tem, colocarse-ia num pedestal de destaque. Você não é assim. Há alguma razão especial pra isto?

Bianca: Todo o meu aprendizado é baseado na igualdade do ser. Eu não quero ser diferente dos outros seres humanos que conheço. Pois se assim o fosse, eu estaria, dentro do meu trabalho, cometendo o primeiro erro irreparável.

Você acha então que não existem pessoas especiais.

Bianca: Sim, acho! Não existem! Existem pessoas com maior conhecimento, mas especiais, não! Pois temos a mesma origem e o mesmo “Criador”. Como exemplo, usarei uma família: Em uma família, alguns estudam mais, outros menos. Uns se formam e são doutores e outros não. Mas, os pais vêem todos os seus filhos da mesma maneira.

O que seria a perfeição para o ser humano?

Bianca: Como exemplo da perfeição humana, eu posso citar Karran, que é uma pessoa como nós, possuidora de corpo físico, e também o meu professor que não tem registro de matéria física, portanto foi criado para viver somente no mundo espiritual. E ambos me dizem que “o Criador não vê defeito em sua obra”. De onde se conclui que, mesmo nós que estamos “defeituosos”, em razão de um acidente, perante os olhos do “Criador” somos perfeitos.

Você faz muitas afirmações a partir do que Karran falou ou outras pessoas falaram no mundo extrafísico. Se alguém exigisse de você uma base lógica, dentro do nosso sistema, para comprovar suas afirmações, como você explicaria?

Bianca: Eu responderia que somente o tempo e o entendimento dos seres humanos serão capazes de confirmar o que venho dizendo até agora. Pois, para aqueles que praticam os exercícios da “Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência” a comprovação é imediata, mas aqueles que não querem nem tentar, somente o tempo e os fatos servirão de comprovação.

Muitas pessoas gostariam de ver o Karran para acreditar em você. Que você diz disto?

Bianca: Digo que isto é algo que não está ao meu alcance, pois não depende de mim o encontro dele com quem quer que seja e sim dele próprio. Eu não sou uma pessoa que faz promessas que não possa cumprir.

Para encerrar, eu gostaria que você comentasse, no seu modo de ver, o que constitui a “Grande Realidade do Universo”?

Bianca: A grande realidade do universo para o ser humano é a imortalidade do “Ser”.

## O MUNDO ESPIRITUAL

### RELATO DAS MINHAS EXPERIÊNCIAS

Por Domício Bering Ferreira

#### Introdução

Como todas as pessoas tive, desde minha infância, um passado místico. Freqüentei religiões e grupos de filosofias e doutrinas diversas. Tudo isto foi muito útil e me ajudou a raciocinar, cada vez mais objetivamente, sobre um trabalho mais concreto com relação ao “mundo espiritual”.

Hoje, devo falar sobre o “mundo espiritual”. Usarei o conhecimento concreto que tenho do mesmo. Para tanto me valho do relato de uma das muitas experiências que já tive até hoje, ao participar diretamente do “mundo espiritual”, através do curso Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência.

Essa experiência, que eu tive em um apartamento onde morava, situado na QI 12, no Guará I, em Brasília, DF, no ano de 1984, foi, para mim, uma das mais marcantes que vivenciei neste curso que pratico já há cinco anos.

#### EXPERIÊNCIA

Eu fazia sempre os exercícios antes de ir me deitar. De madrugada acordei com a sensação de que iria sair da matéria. Relaxei e consegui sair. Saí na posição vertical e fui até ao teto do quarto. Olhei para baixo e observei que estava deitado de lado, de costas para a minha esposa. Esta por sua vez também se encontrava deitada de lado, virada para o berço da nossa filhinha. A nossa filhinha se encontrava na porta de saída para a

varanda do nosso quarto. Pude visualizar bem as duas e minha matéria no quarto. Fiquei observando, por algum tempo. Era a primeira vez que conseguia ver minha matéria estando fora dela. Esta era uma das maiores curiosidades que eu tinha desde que havia iniciado a Técnica. A consciência era total, podia ver e raciocinar ao mesmo tempo.

O quarto era pequeno e, após conseguir divisar todo o ambiente, percebi que ali eu já havia satisfeito todas as minhas curiosidades. E resolvi procurar evidências a fim de comprovar minha consciência fora da matéria. Fui até o outro quarto onde dormiam, em um beliche, minhas outras duas filhas. Aproximei-me delas e as olhei bem de perto. Consegui, assim, satisfazer mais uma de minhas curiosidades dentro daquela experiência.

Depois de cumprida mais esta etapa, pensei comigo: “Vou até a sala verificar se encontro alguém fora da matéria a fim de podermos conversar”. Imediatamente cheguei lá, mas a mesma se encontrava vazia. Parei por alguns instantes e pensei: “O que é que eu faço agora?” Foi aí que me lembrei de que uma colega que havia ido trabalhar na Arábia Saudita. Estava voando a mais ou menos três metros do de altura a uma velocidade razoável. Havia uma claridade, como se fosse uma manhã ensolarada, e eu podia distinguir o verde das árvores, o amarelo da areia do chão, sentia o ar batendo em meu rosto, causado pela velocidade em que viajava. Sentia também, os galhos das árvores que batiam em mim. Ao perceber os galhos das árvores e o vento em meu rosto, raciocinei: “Como é que eu, sem matéria, posso estar sentindo todas estas sensações?” Mas, apesar de, naquele momento, não entender aquelas sensações, continuei no meu objetivo.

Logo após cheguei em uma cidade subterrânea e fiz um passeio pela mesma, sempre voando. Pelo que pude perceber, essa cidade era muito antiga, pois suas construções eram bastante rústicas.

Saí da cidade e fiquei por alguns instantes parado no ar e disse: “Será que minha matéria está precisando de mim? Não! Acho que ela agüenta mais uns quinze minutos”.

Continuei minha viagem para a Arábia Saudita até que cheguei em um local com paisagem parecida com as que existem no Egito, próximo das pirâmides, com uma vegetação que parecia serem arbustos, em forma de pequenas moitas ou bolas de capim.

Fiquei parado, acima do solo, e meio desapontado por não ter conseguido chegar ao meu objetivo, e vi que não iria conseguir naquele momento.

Ao saber que não atingiria o meu objetivo, resolvi tomar o caminho de volta. Após voar um pouco, parei e exclamei: “Agora quero ver alguma pessoa!” Uma pessoa apareceu por detrás de um muro, a qual consegui visualizar da cintura para cima, pois a outra metade ficou atrás do muro. E pelo que eu disse logo após, não interessaria vê-la mais, pois estas foram as minhas palavras após ver cumprido o meu desejo: “Tudo bem, já te vi, agora pode ir”.

Logo após esta cena continuei o meu caminho de volta, o qual foi bem mais rápido. Aproximei-me do prédio e entrei pela varanda da sala. Fui para o quarto, onde, ao pé da cama, pude verificar o mesmo ambiente que havia visualizado quando da minha primeira saída. Vi minha matéria, minha esposa e a nossa filha menor. Eu sabia que teria que tomar a iniciativa de assumir a matéria, mas estava um pouco indeciso. Foi aí que me lembrei de uma experiência, relatada por uma colega de curso, na qual ela dizia que quando ia assumir a matéria, deitava-se sobre a mesma. Tentava também apertar o interruptor que acendia a lâmpada. Se o seu dedo entrasse no interruptor era porque ela não havia ainda assumido a matéria e assim procurava assumir de novo.

Mas, como o interruptor da lâmpada do nosso quarto ficava do outro lado, perto do berço da minha filha, eu pensei: “Tenho que realizar esta tarefa do meu jeito”. Aproximei-me da minha matéria e deitei-me sobre a mesma. Achei que havia assumindo e tentei me levantar. As minhas mão entraram no colchão. Então vi que não havia assumido a matéria ainda. Levantei-me e realizei novamente a mesma operação. Desta vez consegui e pude viver uma experiência fantástica: a passagem da consciência fora da matéria, para a consciência na matéria.

## CONCLUSÃO

Após esta experiência, vivenciada, experimentada e concretamente realizada por mim, a morte deixou de ser, como nos refere a filosofia do Curso, “conseqüência natural do que vive”, e passei a ter, nesse momento, a resposta a estas perguntas:

Existe vida após a morte?

Sim, existe! Pois, fora do meu corpo físico, eu constatei que a matéria é que morre, mas o homem é imortal. Não só é imortal como mantém toda a consciência, movimentar-se, raciocina, e, mesmo que eu não voltasse a assumir minha matéria, continuaria vivo, raciocinando, movimentando-me e com toda a consciência que hoje tenho, aqui e agora.

Continuando, na filosofia da “Técnica” são colocadas outras perguntas como esta, por exemplo: “Se existe vida após a morte, como será? Seria um mundo de luz ou de trevas?”

Posso afirmar, sem nenhuma dúvida, que é um mundo de luz e pode ser também um mundo de trevas pois, quando me encontrava voando, em direção ao Oriente, vi perfeitamente a claridade da luz, o verde das árvores, o amarelo da areia sobre a terra e em outras experiências encontrei-me também em completa escuridão.

Mas continuando com a filosofia do curso que pergunta: “Seria este mundo de formas ou não?”

Sim, também posso responder a esta pergunta! No meu deslocamento, fora da matéria, vi os galhos das árvores, vi uma cidade subterrânea, construções rústicas, paisagens, que me lembravam o antigo Egito, vegetação, arbustos em forma de moita e bolas de capim. Vi um muro, atrás do qual estava a pessoa a que me referi. Um mundo de formas, portanto, também é possível. E não só é possível. Quero lembrar aos colegas as próprias palavras de Karran a Bianca:

“Somente com a existência do mundo espiritual o mundo material torna-se possível!”

“Será que ao morrer seríamos lançados em um espaço vazio, com luz suave e névoa fina, onde reina a paz eterna? Será que este mundo tem brisa?” Indaga a filosofia da “Técnica”. Pela experiência que vivi, percebo que esta é também uma realidade, pois fora do meu corpo físico, vi luz, senti a brisa que tocava em meu corpo e meu rosto, e também, meu estado de tranqüilidade, com relação a tudo que existe. Havia uma grande paz e bem estar.

Mais uma vez o questionamento filosófico do curso assim se expressa: “Será que este mundo seria frio e escuro ou quem sabe até mesmo existia a dor?”

Estas respostas foram para mim muito claras e muito objetivas quando, fora da matéria, senti em minha própria pessoa todas as sensações do mundo físico: o roçar dos galhos, a brisa, o vento, a temperatura ambiente, por onde passei, o medo e a própria dor em outras experiências que tive e também a escuridão, como já relatei.

Por fim, os quesitos filosóficos da “Técnica”, cogitam que: “talvez nada disto exista, e a morte seja o fim de tudo, o esquecimento eterno?” Nada disto eu quero negar. Não, não negarei nenhuma destas palavras, mas com a certeza objetiva que hoje possuo de todos estes fatos, quero, com o mais genuíno de meus conhecimentos experimentais, dizer que não. Tudo isso existe! A morte, longe de ser o fim de tudo, é o começo de tudo. O começo de tudo que podemos fazer concretamente, de hoje em diante, porque ela não existe. A matéria ao perecer não atinge a pessoa que, independentemente da matéria, pensa, age, trabalha, aprende, raciocina e, enfim, realiza todos os atos da vida numa clara demonstração de que o “esquecimento eterno” é engano.

No encerramento de todas as perguntas feitas pela filosofia do curso “Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência”, é lançada a hipotética conjectura sobre o mundo espiritual: “Quem sabe?” Eu, e todo aquele que sai consciente da sua matéria, sabemos!

## MINHA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

Por Carlos Takanori

Desde muito cedo a idéia do mundo espiritual já existia de alguma forma dentro de mim, mas nunca a certeza de nada. Procurei respostas, mas nunca as encontrei de maneira que fosse satisfatória para mim. Com o falecimento de meu pai, a busca de um elo de ligação com o mundo espiritual foi ainda maior. E durante muito tempo estive atento a alguma coisa que me indicasse este caminho.

Um dia soube, através do noticiário, da existência de um curso denominado “Técnica Física para a Conquista da Autoconsciência”. Não sabia exatamente do que se tratava, mas o assunto, desde o início, já me fascinava. Logo passei a fazer parte de um grupo de alunos, que também estavam com o mesmo entusiasmo, e o assunto era saída do corpo físico, conscientemente, através de exercícios práticos.

Iniciamos este curso com uma turma de dezessete alunos com aulas semanais por um período de três meses. Achei que o tempo proposto era muito pequeno em função do objetivo, mas, enfim iniciei com muito afinco. Passado o primeiro mês, o número de pessoas que participava deste curso havia se reduzido para a metade. Pareceu-me que o interesse das pessoas aos poucos estava diminuindo, talvez porque a “Técnica” não correspondesse aos seus anseios iniciais, mas, para mim, era apenas o primeiro mês.

No segundo mês, o grupo se reduziu ainda mais e éramos apenas cinco. Finalmente, no terceiro mês, restavam apenas três pessoas inclusive eu. As outras duas pessoas relatavam experiências incríveis que eu não compreendia. Falavam sobre viagens que estariam fazendo no interior de uma flor, das sensações e beleza que encontraram durante o relaxamento. E tudo aquilo se tornou muito estranho para mim. Até mesmo a maneira de se vestirem era curiosa, pois uma delas usava um manto colorido parecendo um sacerdote ou coisa assim. A verdade é que em matéria de experiência eu não havia observado ou sentido nada ainda. E assim terminou o curso.

No último dia de aula, conversando com a minha orientadora, fui aconselhado a não me preocupar com a falta de resultados, pois isto me aconteceria mais tarde, desde que eu continuasse com os exercícios que havia aprendido. Também me foi dito que os maiores obstáculos iniciais normalmente eram a ansiedade e o medo e que a força de vontade e a perseverança me trariam resultados. Fui aconselhado a, no mínimo, dar-me a chance de provar a mim mesmo que tudo aquilo não funcionaria. Este esclarecimento foi muito importante para mim pois determinei, a partir daquela data, uma meta a alcançar.

Após dois meses de constante exercício, numa determinada noite acordei para ir ao banheiro. Ao retornar à minha cama observei o relógio de parede que marcava exatamente quatro horas da manhã. Deitei e pensei: “Vou aproveitar para fazer o exercício”. E assim iniciei. Durante o exercício comecei a sentir uma curiosa sensação física em meu corpo. Vibração, peso, e de repente senti-me arremessado para frente, caindo no chão. Senti minha queda e, quando estava no solo, não senti nenhuma dor e pude sentir com as mãos o chão frio. Levantei-me devagar e fui observando a claridade do quarto. Mas eu tinha certeza de que minutos antes havia apagado as luzes. Olhei para trás e vi, com espanto, o meu corpo deitado sobre a cama. Senti que, pela primeira vez, eu havia conseguido sair do meu corpo físico com toda a certeza de consciência plena. Observei por um instante meu corpo, sobre a cama, que tranqüilamente respirava e dormia. Resolvi, em seguida, sair do quarto e quando toquei na maçaneta da porta a minha mão, ao fazer um esforço para abri-la, penetrou dentro da porta e meu corpo também a atravessou rapidamente sem sentir nenhum obstáculo. Achei aquilo incrível e, por três vezes seguidas, repeti o ato de entrar e sair do quarto daquela forma. Fui para a sala e me sentei no sofá, sempre sentindo uma imensa alegria por estar vivendo essa experiência e também por ter conseguido aquilo que sempre almejei.

Esperei um instante e resolvi sair de minha casa, sempre atravessando as portas da maneira inicial. Ao passar por um corredor encontrei uma pessoa. Ela estava de pé e ficou muito surpresa em me ver. Não me disse nada e eu também apenas me limitei a cumprimentá-la. Saí. Do lado de fora saltei para cima e, como um pássaro, pude flutuar e me deslocar por cima da casa, não sentindo medo da altura em que me encontrava. Apenas sentia uma grande satisfação. Resolvi voltar para dentro e o fiz pelo mesmo caminho. Entrei em casa, observei que o relógio estava marcando quatro horas e trinta

minutos e que exatamente trinta minutos antes havia observado as horas. Entrei no quarto, aproximei-me do meu corpo e, como se quisesse dormir, deitei-me sobre o corpo e, em segundos, senti minha matéria e abri os olhos. O quarto estava escuro e eu tinha a certeza de ter vivido aqueles momentos. Isto aconteceu há nove anos e, hoje, a cada nova saída, sinto sempre a mesma satisfação da minha primeira experiência.

## RETORNO À JUVENTUDE

Esta segunda experiência que vou relatar segue a linha de trabalho de Bianca que trata da recuperação do aspecto fisionômico de uma pessoa que já não possui matéria e está no plano extrafísico. Conheci a senhora Basilides Tagliari há alguns anos em função de minha atividade profissional como contabilista de diversas empresas. Estávamos constantemente nos encontrando para conversar a respeito de minhas saídas fora do corpo físico e ela tinha verdadeira curiosidade em saber como as coisas ocorriam. Dona Lide, como ela era chamada, contou-me que parte de sua vida fora dedicada a um convento, para o qual foi levada pelos pais na adolescência. Lá permaneceu durante trinta anos em busca do conhecimento e de convicções religiosas. Ela me disse que aqueles anos não foram fáceis, pois, depois de tanto tempo, já na vida civil, não tinha absoluta certeza de ter conseguido o objetivo que tanto buscava. Eu, de certa forma, percebia que ela sentia muita frustração por haver dedicado tanto tempo à busca daqueles objetivos, pois ela me dizia que a base de tudo era somente a fé e que, talvez, para ter essa fé não precisasse ter despendido tanto tempo de sua vida. Sempre conversávamos a esse respeito. Algumas vezes percebia o quanto ela sentia magoada com isso e chorava discretamente. Mas a sua fé era muito significativa e consolidada. Certa vez, ela me contou que, numa viagem pela Europa, o navio que a transportava naufragou, e, num desespero muito grande, conseguiu sobreviver, sempre com o pensamento voltado para Deus. Esse fato foi muito marcante, pois ela se sentiu verdadeiramente socorrida por Deus e pela fé Nele.

Algum tempo depois, senti sua falta. Não era muito comum uma ausência muito prolongada sem um contato. Soube que repentinamente Dona Lide havia falecido havia um mês. Naquele momento pensei com que sentimento e como ela estaria agora no plano extrafísico com tudo que havia em sua mente, já que somos movidos sem obstáculos, naquele plano, pelos nossos próprios desejos, medos e convicções. Fiquei bastante ansioso para encontrá-la e esse era um objetivo imediato.

Levei algum tempo me esforçando e depois de um mês, aproximadamente, consegui uma saída consciente. Eu, naquele momento, estava entusiasmado com a chance de ir até ela e, assim, fui ao encontro de Dona Lide. Fui acompanhado por uma pessoa que me levou até ela. Quando cheguei eu a vi serena, sentada em uma mesa. Aproximei-me e perguntei se ela estava bem, pois eu já estava sabendo o que havia acontecido. Ela me respondeu que sim, que “agora” estava bem. Acredito que, naquele momento, não havia realmente necessidade de perguntar nada a ela, pois a sua tranqüilidade e a serenidade em seu rosto já diziam tudo. Eu não sabia como me expressar, se com alegria, por tê-la encontrado, se com tristeza, por saber que ela tinha perdido a matéria. Ela percebeu isso logo. Rapidamente ela se pôs a justificar “porque agora estou bem”. Ela me pediu que a observasse atentamente em seu rosto. Fiquei observando aquele olhar e a fisionomia que eu conhecia bem, mas de repente, a sua expressão começou a se desfigurar em movimento contínuo. A expressão de seu rosto foi se modificando e se definindo muito rapidamente. Finalmente eu estava diante de um rosto quase adolescente, com os cabelos mais longos do que os que eu conhecia. Havia nele uma expressão de jovialidade irreverente, pois os cabelos estavam despenteados, mas tinham uma incrível beleza natural. Olhei bem e observei atentamente aquela transformação. Ela me disse: “De agora em diante, quando você me encontrar, me verá com a imagem que eu tenho agora”. E ela estava muito feliz ao dizer isso. Eu também senti aquela felicidade e voltei para a matéria com a satisfação de saber que ela estava vivendo intensamente, a partir de então, os momentos de sua juventude, e que tinha conseguido recuperar aquilo que o tempo lhe havia roubado sem que tivesse percebido.

## RETORNO AO PASSADO FORA DA FREQUÊNCIA FÍSICA

Por Justina Caciano

Minha filha mais velha está com sessenta anos e eu estive há poucos dias, fora da matéria, no casamento de uma amiga minha da juventude. Quando estive nesse casamento, essa minha filha, que hoje tem sessenta anos, estava em meus braços com três meses de idade. Tive certeza absoluta que era minha filha, ainda bebê, pois reconheci a época, o ambiente, as pessoas e as coisas que lá existiam. Posso até dizer o nome de muitas pessoas que estavam no casamento nesse dia, no ano de 1929, no lugar chamado Linha Barreiro, município de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. As pessoas de que me lembro são as seguintes: a noiva Lindolfa Valentim, o noivo Nascimento Gaudêncio, o pai do noivo, chamado velho Gaudêncio, muito conhecido nosso; tenho certeza que era ele. O senhor Manoel, que tinha apelido de “tio Neco” e a mulher dele, Francisca, também estavam lá. E havia muito mais pessoas que estavam no casamento e eram todos conhecidos meus. Eu, meu marido Vicente Rodrigues de Almeida, minha sogra Generosa Valentim, éramos convidados da família nesse dia. A casa era a mesma da época. Lembro-me de todos os objetos e das coisas que estavam lá naquele dia e novamente estavam lá as mesmas coisas. O churrasco, me lembro muito bem era o mesmo que comemos na época. Isto aconteceu em fevereiro de 1988.

## UM FERIMENTO EM MEU PÉ DIREIRO

Nós estávamos em minha casa e minha sogra tinha vindo nos visitar. Aurora, minha filha, chegou e ao dizer adeus à minha sogra pisou no pé dela e tirou um pedaço. Então eu fui olhar o ferimento e coloquei remédio. Nesse momento senti uma dor muito forte no meu pé direito. Fui verificar e estava correndo sangue do meu pé.

Ao voltar à matéria verifiquei: que o sangue estava correndo do meu pé, na matéria. Então verifiquei que o ferimento tinha sido em mim e não em minha sogra. O lençol de minha cama ficou manchado de sangue. Chamei, então, Maria, minha filha que dorme no mesmo quarto e ela fez um curativo no ferimento, pois o sangue não parava de correr. Isto ocorreu no mês de setembro de 1988, mas não me lembro do dia.

### AUTOCINÉSIA

Eu saía do meu quarto mas não estava fora da matéria. Eu tinha dormido à tarde e depois que me levantei e entrei na sala de nosso apartamento aconteceu uma coisa muito estranha. Eu olhei para o retrato emoldurado da época de meu casamento que tem uns sessenta por quarenta centímetros. Esse retrato está na parede da sala a mais ou menos um metro e sessenta centímetros de altura do chão.

Quando olhei para o retrato, ao entrar na sala, ele começou a abaixar lentamente e foi parar em cima da televisão que fica em cima da mesa da sala. Fiquei olhando o retrato nessa posição por alguns minutos e achei que não era verdade o que eu estava vendo. Até esfreguei os olhos para ver se não estava enganada. Então o retrato começou a subir de novo, bem devagar, e quando me dei conta, ele já estava novamente no lugar de onde tinha saído. Isto aconteceu no mês de março de 1989.

### DUPLA IMAGEM DE UMA MESMA PESSOA EM ÉPOCAS DIFERENTES

O meu irmão mais velho perdeu a matéria com noventa anos de idade, há vinte anos. Eu estava sentada na poltrona na sala do nosso apartamento. Ele, meu irmão, baixou do alto e sentou-se na poltrona junto comigo. Eu perguntei a ele:

- Você é o compadre José?
- Sou eu mesmo – disse ele.

Então perguntei:

- E este que está aqui na minha frente:

- Sou eu mesmo – ele respondeu.

Eu o estava vendo com noventa anos, sentado na poltrona, e, o outro, que era ele mesmo, com dezoito anos mais ou menos, em pé na minha frente. Comentamos que ele estava com a mesma roupa do tempo em que ele tinha dezoito anos. Depois que conversamos um pouco ele sumiu. Isto aconteceu no mês de junho de 1989.

## JOSÉ BONITO

(Relato de uma experiência fora da matéria)

Por Benício de Oliveira

Vi-me, de repente, diante de um homem que eu não conhecia. Travei com ele o seguinte diálogo:

Benício: Quantas horas você tem aí cara?

Ele: Mil anos!

Benício: Tomando consciência de estar fora da matéria pergunta a si mesmo: “Que é isto?!” Depois exclama: - Dois mil anos! Infinito!

Ele: Diga uma coisa inteligente.

Benício: .....

Ele: Diga outra.

Benício: WIT!

Ele: Sorri

Benício: Há coisas feitas com inteligência e há pessoas inteligentes. – um outro homem aparece e concorda.

Benício: Você pode inventar uma máquina, aí você é uma pessoa inteligente. Então, você precisa publicar um catálogo referente à manutenção da máquina. Aí é a coisa inteligente.

Ambos concordam.

Benício: Como é o teu nome cara?

Ele: Bonito.

Benício: Bonito?

Ele: Sim, José Bonito.

Benício: Você conhece o Rotilde?

Ele: Ele foi meu colega de estudo.

Benício: Você foi seminarista?

Ele: Sim.

Benício: É a primeira vez que alguém, aqui de vocês, me dá o nome certo, porque, quando eu perguntava, diziam, mas eu sabia que o nome fornecido não era o verdadeiro. Agora que sei o teu nome, preciso da tua ajuda. Para você me ajudar nas coisas que faço (referia-me à solução de vários problemas pessoais) mas, principalmente, nas soluções de problemas do grupo.

Ele: Do grupo... Do grupo sim... – ele concordou, balançando a cabeça.

Benício: Não é todas as vezes que saio da matéria que consigo este estado de consciência.

Ele: É verdade.

Benício: Vou precisar de você, muito. Agora estou tendo uma certeza.

Ele: Mais uma certeza!

Benício: É...

Sinto necessidade de retornar ao corpo, sabendo estar fora da matéria, apesar da conversa muito agradável e interessante. Estou acompanhado de um garoto. Quem seria? Tomo a rua, descendo, salto no ar: um salto mortal, caindo no vácuo. Há uma escuridão momentânea. Fricciono as mãos e retorno consciente ao corpo. Ao tomar consciência do aspecto físico do meu quarto, levanto-me e anoto tudo o que aconteceu.

Descrição da pessoa entrevistada durante a experiência: ligeiramente baixa, de cor branca, de barba, mas não comprida. Roupas simples. Pessoa alegre e séria. Local: uma cidade interiorana. Não havia prédios modernos. Uma casa. Subindo uma rua vejo areia branca e pedras nas ruas. Que cidade seria aquela? 06h45min.

### Conclusão:

Eu tenho a certeza, estou certo disto: de ter a capacidade de sair da matéria, de sair do meu corpo físico e iniciar o domínio da consciência fora de meu corpo, sempre que estou disposto a isto. E sempre que estou bem de saúde, física e psiquicamente; sempre que tenho vontade de fazer isto desde que possa fazê-lo. Entretanto, não há como provar, demonstrar a saída da matéria pois se trata de uma experiência de caráter pessoal. Cada um vivencia, experimenta as suas próprias sensações e as analisa de acordo com o seu entendimento, cujas manifestações são tão difíceis de serem descritas na linguagem usual. Eu penso ser muito difícil – senão impossível – a comprovação desses fenômenos através de quaisquer processos conhecidos pelo homem. Não há como estabelecer parâmetros. Eu digo que saio da matéria porque, em decorrência dos exercícios, estou adquirindo consciência quando estou fora do meu corpo físico, e trago valiosas informações: lembranças de locais nos quais, fisicamente, nunca estive antes; visitas a cidades antigas supermodernas; casas e ruas coloniais e modernas, rios, matas, estradas, caminhos; engenhos mecânicos ainda não conhecidos pela moderna tecnologia; foguetes, naves, estranhas civilizações. Eu digo que saio da matéria porque freqüentemente tenho tido diálogos com pessoas que, fisicamente, não conheço. Mantenho diálogos com pessoas amigas, com pessoas que já perderam a matéria. Digo que saio da matéria porque, fora dela, fora da matéria, tenho sensações táteis, auditivas, ouço músicas, sinto medo e alegria. E tenho notado também um aumento de minha capacidade de raciocinar fora da matéria. Eu sei que estou fora da matéria porque, estando fora tenho consciência de estar fora. Vejo tudo iluminado e tudo transcorrendo normalmente. Às vezes, sinto medo de já ter morrido, de já ter perdido a matéria porque me recordo do meu corpo. Sinto necessidade de retornar a ele e, finalmente, ter a consciência do retorno à matéria movimentando o meu corpo físico, respirando fundo, friccionando as mãos, percebendo a tridimensionalidade do ambiente. Quando isso acontece, levanto-me e anoto as experiências, entrando novamente na cronologia do calendário.

## A MORTE

Por Severino Batista da Silva

Intimamente o ser humano vive desorientado e atemorizado perante o amanhã e sempre a se interrogar: - o que é a morte?

O mistério da morte foi sempre um dos maiores desafios para a mente humana e quando alguém tenta discutir o problema da morte é bastante razoável esperar-se a pergunta: Como sabe? Os que têm conhecimento definido sobre a morte, sempre enfrentam problemas diante das pessoas que não possuem tal conhecimento e, baseados nessa inexperiência, recebem a evidência e os fatos.

No caso da morte, a pessoa teria que ter no mínimo uma experiência como a ligação de consciência para poder dar sua opinião.

Apresentar prova física da vida após a morte torna-se tão impossível como é impossível provar uma cor ao cego porque uma verdade é verdade para uma pessoa, só quando ela pode prová-la com suas próprias experiências.

É o homem que habita um corpo. O homem é imortal e eterno, como diz o próprio Karran – a morte não existe e sim a perda da matéria, nós somos a semente que pode ver, que pode ouvir, que pode sentir, aprender e raciocinar. Então poderá entender que a matéria é somente uma parte sua e não totalmente você. Sua existência é eterna, não morre. Praticando a “Técnica” todos nós teremos condições de ver que realmente a matéria é uma parte nossa e não totalmente nós. Nós somos eternos não morreremos.

Quero expor neste relato três experiências que ocorreram comigo e que modificaram a minha vida.

1ª experiência: Meu pai morreu de câncer em dezembro/84 e eu comecei na técnica em setembro/85. Logo após os exercícios fui dormir e, durante a experiência eu via meu pai passar por mim com a mão na barriga e com a expressão de dor, ele se aproximava de mim e eu falava para ele: - Não precisa se preocupar com esta dor, isto já passou. Deu-me a impressão que mentalmente o meu pai entendeu o que eu queria dizer. “O senhor já morreu e o câncer não existe mais...”

2ª experiência: Eu estava na minha cidade e de repente encontrei o meu tio (morreu em 1983) e ele perguntava: - O que você está fazendo aqui? Eu dizia que já sabia de uma técnica que possibilitava a minha ida ao seu mundo (extrafísico) antes de abandonar a matéria.

3ª experiência: Havia uma pessoa comigo e dialogávamos sobre como aproveitar ao máximo a minha "ligação de consciência". Eu, bastante eufórico, querendo fazer mil coisas ao mesmo tempo. De repente, desejei ir a determinada cidade. Não seria necessário entrar em ônibus ou em qualquer outro tipo de transporte para ir aos locais desejados, porque esse problema não existe para quem está consciente fora da matéria, durante as experiências.

Bastaram estas experiências para que eu tivesse consciência de que a morte realmente não existe, vieram por terra todas as minhas crenças, acabou o medo da morte, não posso temer o que compreendi. Não se pede que ninguém aceite essa evidência cegamente, pois se trata de um campo onde cada qual pode investigar por si mesmo e cada um há de aprender. Mas uns podem servir aos outros como indicadores do caminho e do rumo.

FIM